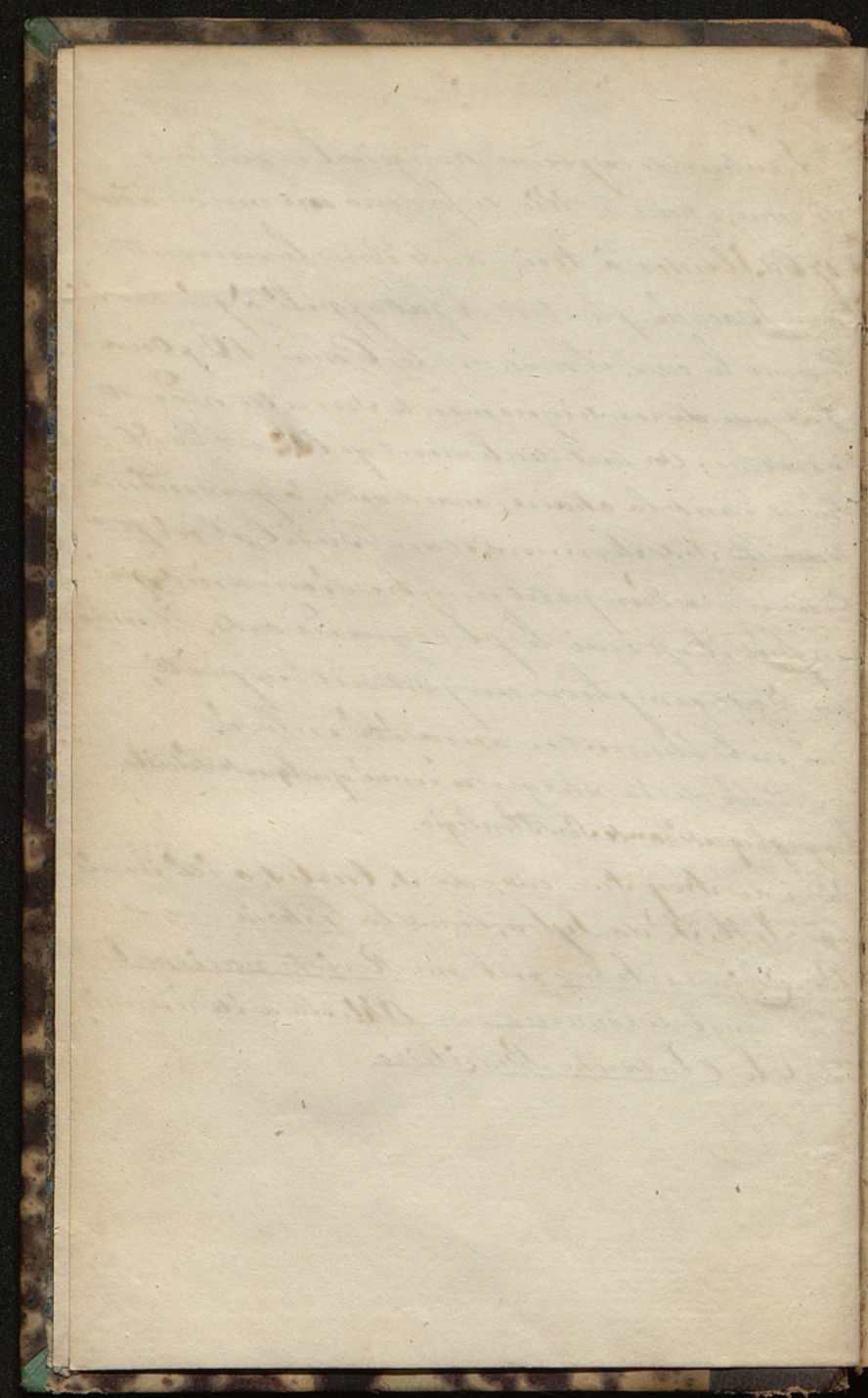
53689
A ASSUMPÇÃO
POEMA
53689

L'auteur de ce poème si original et parfois si beau, est né à Rio de Janeiro au mois d'août 1763. Il entra à treize ans dans le couvent de Macacú, plus tard il fut appelé à prêcher devant la cour, il mourut le 6 mai 1829. On a fort peu de renseignements sur cette modeste existence; on sait seulement qu'il eut de ses succès dans la chaire, mais on n'a pas même recueilli ses sermons, et au Brésil, il n'est connu que d'un petit nombre d'écrivains qui en font il est vrai le plus grand cas. Il manque à cet exemplaire un portrait du poète, qui probablement en aura été enlevé.

Adolfo de Varnhagen a donné quelques détails biographiques dans son Florilegio.

La vie de Frey Francisco de S. Carlos, a été donnée par J. M. P. da Sylva, dans la Galeria dos Brazileiros celebres pub. na Revista nacional e no Jornal do Comercio em 1841, elle a été reproduite dans le Plutarcho Brazileiro.

A ASSUMPÇÃO

POEMA

COMPOSTO EM HONRA

DA

SANTA VIRGEM

POR

Fr. FRANCISCO DE S. CARLOS.

Franciscano Reformado da Provincia da Conceição do Brazil, e natural do Rio de Janeiro.

RIO DE JANEIRO. NA IMPRESSÃO REGIA.

1819.

Com Licença da Meza do Dezembargo do Paço.

PREFAÇÃO.

JA mais campei por Poeta, nem nunca me veio á imaginação que tinha traçado huma Epopea: sei a sua dificuldade, não desconheço a fraqueza do meu pulso. Esta ligeira producção, a que dou o nome de Assumpção, não he mais que hum brinco da minha fantazia sobre a maior Solemnidade da Santa Virgem, á qual Solemnidade desde os primeiros annos consagrei hum especial affecto: Porém para mais espaçar, e lizongear melhor a minha devoção; eu procurei dar-lhe hum arremedo, ou sombra de Epico, admittindo-lhe invocação, narração, maquinas, episodios, &c. &c. Bem entendido, que nem por isso se hão de exigir estas intrigas delicadas, estes desenvolvimentos de nó mui sagazes, estes dialogos bem manejados; e sobre tudo estas allegorias muito alambicadas, que alguns traductores, afferrados aos seus auctores, adevinhão nas suas traducções. Servi-me dos versos endecasyllabos, ou heroicos rimados dous, e dous por mais commodo, e facilidade. Tenho nos nacionaes alguns exemplos, nos estrangeiros infinitos. Que estes sejão os versos proprios para cantar grandes successos, ja o dice Horacio remetendo-se a Homero. *Res*

gestæ regumque ducumque, et tristia bella, &c. He verdade que a rima dous, e dous, ou o *similiter desinentia* dos latinos concorre pouco para a bella euphonia da metrificação em vulgar. Dei tarde por este erro, e as vezes ha males, que são immedicaveis.

Conheço, que o meu verso algumas vezes he pouco cerrado; cada hum tem o seu estilo. Com tudo não approvo o gosto dominante (ao menos o grande Cantor das Luziadas não o seguio) do meado do seculo passado, de sobrecarregarem os versos de epitethos pela maior parte latinos, que as vezes nada dizem, e quazi sempre tornão a dicção escura, e arripiada. Tudo tem limites; o espirito arrebata-se mais dos pensamentos, do que das vozes. He verdade que o bello epitetho unido ao bello pensamento he o misterio da arte, he hum rubi engastado em oiro. Tambem esta producção estava condemnada ao fogo, ou a ser pasto do verme, ou a ser proscripta a hum esquecimento eterno, se alguns amigos me não animassem, e mesmo ajudassem a dalla ao prelo. Excitou-seme mais o dezejo de contemporizar com elles; quando infelizmente cahio entre as minhas mãos hum poemeto Francez com o titulo de la Chandelle de Arras. Esta obra infernal, ja infame em poezia, he hum tecido de blasfemias contra Jezus Christo, sua

bemdita Mãi, e seus discipulos. Ella me fez tremer: e não duvido affirmar, que estas, e outras similhantes producções tão blasfemicas, desembainharão a espada de Deos, e fizerão inundar de sangue huma grande parte da Europa no fim do seculo proximo passado. Por vingar pois, quanto podem os meus fracos talentos, a Mãi de meu Redemptor, eu resolvi-me dar á luz a Assumpção. Se não são versos, ao menos não são blasfemias: e se não falo a lingoagem do Pindo, falo a do Calvario. Abri a Scena em Efezo, tenho por mim grandes Padres, que a Virgem ali morrera: ainda que no quinto seculo da Igreja Jeruzalem apprezente hum novo tumulo da Senhora á veneração dos fieis.

Como o meu objecto não he huma querella de heroes, nem a descoberta de novas terras, nem huma batalha memoravel, porém huma viagem toda aerea; parece-me que foi feliz a descuberta do Paraizo, onde estão Enoc, e Elias, para ter lugar a narração. Estes dous homens, segundo Santo Agostinho, estão juntos; e se o tal Paraizo está no ar, como parece colher-se das escripturas, ficava em caminho; e se na terra, não ha inconveniente algum, que os Anjos ali levassem a Senhora para dar este alegrão a tão grandes personagens. Fui buscar o principio da narração daquella parte da historia, em

que o coração da Mãi seria mais apertado pela vehemencia das saudades do Filho, e he propriamente da dispersão dos Apostolos por toda a terra. Se he remoto, e eu não desempenho o *Sit quod vis simplex dumtaxat et unum* de Horacio, torno a dizer, isto he somente hum brinco da minha imaginação. Além de que dezejos de morrer, a morte, o triunfo da mesma morte pode-se tudo reputar por huma só acção. Ao menos a Santa Igreja inclue tudo isto em huma só solemnidade. Poderá alguem dizer-me, que a Assumpção não he huma acção da Virgem, que ella se porta neste successo meramente passiva. Mas além de que seguir-se-hia, que na Religião Christãa haverião factos estrondosos, incapazes de entrar na Epopea, o que he escandalizante, respondo, que tambem a colera não he acção, mas huma paixão d'alma; e com tudo Homero canta a de Achilles na Illiada; em quanto o mesmo Achilles está amuado a bordo das suas náos, e não apparece, senão depois da morte de Patrocolo, isto he, quasi no fim do Poema. Se a Assumpção he obra unicamente dos Anjos, esta pompa, este triunfo, estes obzequios erão devidos ás acções, e merecimentos da Heroina.

Na descripção do Paraizo, servi-me de algumas fructas, e aves Americanas: sendo tudo obras do mesmo Creador, tanto direito

tem de ser cantado o rouxinol, como o colibrio, a pêra, como o ananaz. No quarto Canto introduzi huma mulher idolatra, sahindo ao encontro a hum filho mançebo, que ja instruido na fé marchava a dar-lhe testemunho pelo martirio. He tão verdade este facto, como he verdade que a Virgem fizera jamais esta narração. Os Actos dos Apostolos contão a perseguição de Epheso em grosso, eu tirei da verosimilhança o meu episodio, e como o pathetico he a alma da Epopéa, por isso o introduzi neste lugar. Neste mesmo Canto narrei a entrevista, que teve o Evangelista S. João com hum seu discipulo, que havia degenerado em Chefe de Salteadores. Ninguem me arguirá de anachronismo neste incidente; se advirtir, que os annos da Senhora são muito incertos nos auctores Ecclesiasticos. Ha quem diga, que ella pouco sobreviveo ao Filho, e outros, que chegou a mais de setenta annos de idade. Nesta incerteza abracei a opinião, que mais me convinha, e vem a ser a segunda. Sendo assim, não ha contradicção alguma, que ainda ella fosse viva quando aconteceo este successo, e que S. João contasse então cinquenta annos: idade, que ja se começa reputar velhice. Procurei para modelo o Poeta Sannazaro no seu poema sobre o parto da Virgem; obra que tinha lido na primeira idade sem maior reflexão; e sen-

do, como he, tão pura, e elegante, poder-me-hia prestar alguns socorros; porém não á pude mais haver ás mãos, a pezar das minhas deligencias. Tambem li, que Godeau Bispo de Vence, de quem corre hum corpo de Theologia Moral, entre as producções de seu talento deixou escripto hum poema sobre a Assumpção da Santa Virgem. Mas nos fins da terra, onde nasci, sem meios, sem soccorros, sem correspondencia, os mèus dezejos de o ver forão estereis. Desorte, que trilhei huma vereda nova, e escabroza só, e sem guia.

Se a pezar destas razões alguem disser, que não desempenhei, confesso a culpa. Porém o melhor modo de castigar estes insultos feitos ao Parnaso, he apparecer com alguma producção original, que desempenhe o objecto. E o delinquente, longe de se queixar do castigo, beijará a mão, que o fere, vendo vingado por hum talento mais habil que o seu hum assumpto tanto da sua paixão. De resto conhecendo, que a sua insuficiencia dera causas a sahir á luz hum chefe d'obra; elle se applicará de bom grado aquillo de Horacio.

.............Ergo fungar vice cotis, acutum
Reddere quæ ferrum valet, exors ipsa secandi.

ASSUMPÇÃO.

CANTO I.

ARGUMENTO.

Parte a Senhora de Epheso para o Ceo. O Padre Eterno ordena ao Archanjo S. Miguel que a vá encontrar. Exclamações dos Apostolos vendo o Sepulchro vazio. Descripção do Carro do triunfo. Entretanto desce a embaixada Celeste.

CAntem alguns da illustre Mãi do Eterno
A ventura de ser: outros do Averno
Os trofeos, que alcançou, mal que animada.
Aquelles a virginea Cor nevada,
E outros dons, que a fizerão na carreira
Mortal unica ser, ou ser primeira;
Que eu canto, por nutrir minha ternura
Sua Assumpção ditoza á etherea altura.
O' tu, grande Signal, raro Portento
Dos Seclos, e do ethereo Firmamento;
Nova Idêa brilhante, a mais perfeita
Do Archetypo Exemplar; e tão acceita,
Que chegaste a ser delle, Oh maravilha!
Doce Mãi, linda Espoza, cara Filha,
Aspira os votos meus; e que meu canto

Cauze á terra prazer, ao Orco espanto.
Aspira, ó Virgem, por que cante, e diga,
Quanto a verdade, e a devoção obriga.
Pulchros Celicultores, que os assentos
Occupaes dos Syderios aposentos;
Rubis, donde refracta a formosura,
Desde o berço da luz, da luz mais pura:
Vos, que mil vezes nesta Santa empreza
Medistes-vos co' a barbara fereza
Do Cáos; e de seus monstros, e tirannos
Frustrastes as traições, e negros planos;
Se por mim celebrada se sublima
Vossa Augusta Princeza em doce rima,
Dai tambem novo ardor ao canto nosso,
Que sendo por quem he, tambem he vosso.
E tu, Igreja, tu nunca invocada.
Muza do Ceo, de estrellas coroada;
Nesta via escabroza, e tão confuza
Ah! digna-te de seres minha muza.
Os misterios descobre ao vate altivos,
Que em cofres d'ouro guardão teus arquivos:
Dize-lhe, como póde a tanta altura
Elevar-se a terrena creatura;
Que louros recebeo, que recompensa
Da alta Mão, que no premio he grata, e immensa.
E he crivel, que essas furias lá do Averno
Obstassem aos decretos do Ente eterno,
Reluctando atrevidas, que a ditoza
Virgem galgasse a esfera luminoza?
Acazo sobre os bemaventurados
Tem inda algum influxo estes malvados?
Ou seu negro rancor, ou seus tormentos
Os arrastão a taes atrevimentos?
E tu, Padre Christifero, cocheiro,
E carroça gentil do pregoeiro
Esquadrão da Evangelica pobreza,

Nosso muro, e brazão, nossa defeza;
Tu, que em teus membros nunca profanados,
Como em ouro, trazias engastados
Os purpureos rubis do Author da vida,
Estampa em seus ardores esculpida;
Tu, que á inclita Mãi, inda no mundo,
Déste provas de hum culto o mais profundo,
Vem, pois lhe foste em vida tão amigo,
Romper o pégo em meu baixel comigo.
E vós, Martires, Virgens, Confessores,
Da immortal primavera immortaes flores;
Vós, ó Santos, e Santas, que tranquillos
Nas praias do prazer certos asylos
Ja possuis; tocada a meta, e o norte,
Só inquietos pela nossa sorte;
A vós todos invoco: minha empreza
Escudo em vós encontre, e alta defeza.
Mostrai-nos de harmonia novos modos,
Cantem todos o bem, que toca a todos.
O carro magestozo, obra traçada
Por dezenho dos Anjos, destinada
A fins tão venturozos, já mui finas
Hia deixando as torres Ephesinas.
Resta na Azia menor esta Cidade,
Celeberrimo emporio n' outra idade,
Colonia, que se o erro não impera,
Lá das margens do Thánais viera.
Antiga fundação dessas frecheiras
Penthesileas, e outras mil guerreiras,
Que em tuas aureas margens beber vias,
Claro Thermodóonte, as agoas frias.
Acerrima no oraclo da impostura,
Que cultos tributou á vã figura
Da trigemina Dea: cujo templo
Sendo da arte, e do gosto raro exemplo
E typo de hum engenho alto, e profundo,

Hum dos sete milagres foi do mundo.
Mas tanto que o farol da fé brilhara,
E do erro infame as sombras espancara,
Attrahida adoptou-a com tal zelo,
Que no berço da Lei já foi modelo.
Por discipulas tendo esclarecidas
Sete Igrejas fieis, recem-nascidas,
Mas hoje em dia; oh dor! que a senhorêa
Do impostor de Medina a vil cadêa,
Perdeo seu nome, e tão detriorada
Se aprezenta da fama já passada,
Que he sombra do que foi, triste memoria
Do antigo explendor de sua gloria.
Aqui deixara a Virgem estampadas
Suas virgineas ultimas pégadas.
Aqui á doce sombra de outro filho
Tocou a meta do seu aureo trilho.
Aqui os moradores lacrimozos
Da bôca fria, e exangue os preciozos
Derradeiros suspiros recolherão,
E a seus despojos monumento erguerão.
Rematando o Obelisco desta gloria
Com grão capitel d'ouro por memoria:
Pois vingarão depois os filhos seus
Os direitos de ser a Mãi de hum Deus.
Era no tempo frigido, e sereno,
Em que ao nosso Hemisferio o rizo ame
Já mostra a primavera: vida ganha
O verdor dos Jardins, e da Campanha
Hia o Sol em Astrea quazi entrando,
Seus raios inda froxos dardejando.
O torto Cajueiro se adornava
Das purpureas folhinhas, que brotava.
Cobria-se de flores a mangueira,
E o ar embalsamava a laranjeira.
A sua fruta d'ouro, que em doçura

Vence a Aristeo, cahia de madura.
O terno Sabiá buscando amores
Já saudava por entre os mil verdores
Do copado pomar, seu senhorio,
A chegada das agoas, e do Estio.
Das ursas o Pyrhois se desviava,
E ao Capripedo termino voltava.
Do polo Arctico a parte toda escura·
Deixando, o Ceo da linda cynozura,
O Lapão frio, a inculta Noruega,
A quem natura quazi tudo nega.
 No frio Agosto pois, e desta illustre
Cidade se apartava a pompa, e o lustre,
Quando na etherea caza Soberana
Do Olimpo, onde se escreve a sorte humana,
Aquelle, que no Ceo, e fóra existe,
A cujo alto poder nada reziste,
Que traja a luz que em Serafins habita,
E a comp'render-se em fim não se limita
Meios de honrar a Santidade ordia,
E fallando comsigo só dizia =
„ Pois que! Já mais o rosto, e o casto peito
„ De meus justos tingio por meu respeito
„ Huma lagrima só, que o tal excesso
„ Não deixasse ver logo o cunho impresso
„ De minha grata mão; e ora apoucado
„ Tenho o meu braço immenso, abreviado
„ Com quem comigo foi das creaturas,
„ A mais rica em finezas, e ternuras?
„ Já nessa prisca idade, que passara,
„ Fiz meu nome atroar, e a minha vara;
„ Tremeo o chão, por onde o Nilo mora,
„ Com os deozes sacrilegos, que adora;
„ Ouvio-me a voz o mar, e mal que ouvio,
„ As phalanges de Memphis engolio:
„ Oito lustros o Ceo, por meu mandado,

„ Regalou a Jacob, meu servo amado;
„ Vio o Nébo, e o Sinai, mudos de espantos,
„ E depois de prodigios taes, e tantos,
„ Tenho hoje o coração tão pouco terno
„ Para a Mãi coroar do Verbo Eterno?
„ E aonde está meu poder? Aonde os meus
„ Brios? Não será assim: eu sou hum Deus. „
Disse: e a natureza, que escutara
A voz da força immensa, que a creara,
Com profundo respeito, e fé sobeja
Respondeo de joelhos: Assim seja.
Então odôr mais fino, que a Panchaia
Por todo o Santuario já se espraia.
Ribombão mil trovoens, trisulcão raios,
Pregões do seu furor, e seus ensaios.
Hum arco de esmeraldas fulgurante
Já brilha mais, que a filha do Taumante.
E os vinte quatro Santos anciãos,
Que estão de pé com arpas entre as mãos,
Em respeito ao Senhor, que a Estyge aterra,
Suas corôas d'ouro poêm por terra.
Certo já Michael da voz do Eterno:
(Michael domador do negro inferno,
E hum dos sete, que com zelo incrivel
Guardão do Immenso o throno inaccessivel,)
Forma elegante toma; e veste a idade
Dos rizos juvenis da puberdade,
Apenas sobre o labio apparecia
Superior, que a purpura tingia,
O pubere signal, que o peregrino
Semblante ser inculca masculino.
Ja calça huns borzeguins rubros; brilhantes
De rica abotoadura de diamantes.
Eis nascem das espadoas cristalinas,
Com pontas d'ouro as azas argentinas,
O peito de alabastro orna a couraça

De escamagem de prata, dura maça.
No elmo singular, que em parte encobre
Loura crespa madeixa, se descobre
Inclinada plumagem refulgente,
Dos olhos illuzão; nem sabe a mente
Discernir se he topazio, ou diamante,
Que assim varia as côres tremulante.
Empunha a mão direita o ferro, emblema
Da sua intrepidez, e força extrema.
Brilhante franja d' ouro, que apanhava
Hum mui grosso rubi, parte mostrava
Da columna de jaspe: e assim luzia,
Que o farol das esferas desmentia.
Nunca a fabula vio a prole armando
De Thetis, ou de Venus, e lhes dando
Vulcaneo bronze d' ouro entretecido,
Guerreiro tão gentil, nem tão temido.
Se ella o visse, diria por seus vates,
Que armado, era o fatal Deus dos combates:
Mas dezarmado, longe dos horrores
Da guerra, era o gentil Deus dos amores.
Pintava o aureo escudo por memoria
As mais bellas acções de sua gloria.
Ali sentindo estava o pezo enorme
Da planta angelical o drago informe.
E a cauda com mil giros enroscando,
De estrellas terça parte hia arrastando.
Estava todo o Ceo pasmado, e mudo
Ao duello assistindo: e o sanhudo
Cherubim dezertor, que se cegara
Das Luzes, que o Eterno lhe otorgara,
Atrevido disputa ao proprio Dono
O imperio dos Ceos, e o mesmo throno.
    Lá vem rodando; e bate com soada
Nas fornalhas do abismo: na pancada
Mugirão as cavernas do profundo,

E o choque fez tremer a todo o mundo,
E se apraz comparar com muito o pouco,
Qual estampido fero, horrendo, e rouco,
Que o pedaço da rocha dezunido
Rolando faz, das agoas aluido:
E o que encontra converte em vil poeira,
Troncos, vimes, calháos, herva rasteira;
Té que batendo o plano, treme o plano;
Tal baqueou Lusbel lá no Sumano.
Fatal metamorfoze! A grande estrella
Já vai se escurecendo; e eclipsa a bella
Forma: toca a madeixa, e logo sente,
Por douradas melenas, crista ingente.
Olha depois as mãos, e as viperinas
Mãos ja lhe mostrão garras serpentinas.
Como reptil, no chão vê-se estendido,
Marchando antes de pé, com garbo erguido,
Novo monstro fatal, cerulea cobra,
Que humas vezes se dobra, outras desdobra,
Já dâ silvos subtis: negras escamas
Pelo indomito cólo arrojão chamas.
Hum moto undulatorio vago, e horrendo,
Pela espinha dorsal lhe anda correndo.
Em fim he a soberba tão valente,
Que faz de hum Cherubim feia Serpente.
Mais avante se via debuxado
O velho Synedrim, ja desprezado.
Que, quando a Synagoga foi Princeza,
Della foi este Principe a defeza.
Tambem se via a face ali gravada
De huma Virgem gentil; mas carregada
No aspecto; a quem ornava roçagante
Manto de aureo lavor, obra importante.
Sustinha a mão direita hum vazo d' ouro,
Aonde arte á materia leva o louro.
Dos extremos dos labios lhe sahia

Niveo circlo, que raios despedia.
A sinistra porem tinha abraçada
Da victima do Ceo a ara sagrada.
Pendentes traz ao cinto as chaves d'ouro,
Que abrem da Santa Igreja o grão thezouro.
Olhos no Ceo, chamas no peito, e a peça
Da corôa triregna na cabeça.
Outros muitos brazões do illustre Archanjo
Rezumia o pavez em bello arranjo.
Por timbre, em letras d'ouro, que cegava,
„ Quem como Deus? „ de longe coruscava.
Qual o artista subtil, que delinea
Com as ruivas conxinhas da alva arêa
Ramos, folhas, frutinhas, lindas flores,
Columnas, pedestaes, vazos, lavores;
Té que aprezenta em destra contextura
Hum todo de formoza arquitectura;
Assim trajava, ornato por ornato,
O ministro do Ceo sereno, e grato.
Mas alem desta externa gentileza,
Inda era mais gentil por natureza.
Tal no lindo painel aurea moldura
Realça mais a graça da pintura.
A penas elle estava revestido,
Quando córos do Olimpo esclarecido,
Ledos querem seguir o Chefe illustre,
Anhelando ter parte em tanto lustre.
O' tu, Revelação, raio celeste
Da razão immortal, tu, que desceste
Outrora sobre os vates soberanos,
A explicar-lhes do Ceo altos arcanos;
Vem agora dizer-me, que Anjos erão,
Que o cortejo da Virgem compuzerão.
Ensina-me seus nomes, e excellencias,
Seus empregos, lugares, precedencias,
Que sem o teu socorro em cauza tanta

Não dá passo o mortal, nada adianta.
Junto ao throno do Eterno estão prezentes
Milhares de milhares destes entes,
Que ao som das arpas d' ouro de contino
Louvão as perfeições do Ser divino.
Intelligencias puras, sublimadas,
De argila crassa, e vil ja mais manchadas,
Dotadas da razão, de altos conselhos,
Das idêas Archetipas espelhos,
Em ordem, natureza, e qualidade
Mais perfeitas, que a nossa humanidade.
Estrellas, que a luzir no Ceo começão,
Antes que os Protoplastas appareção;
Do mundo na primeira madrugada
Co' a luz do Eterno á ellas emprestada.
Vem logo os Serafins, altas bellezas,
Dos vulcões divinaes chamas acezas:
Que entoão sem cessar o doce canto
Do trisagio eternal, trez vezes Santo,
E os que na fonte só da divindade
Bebem a grandes sorvos a verdade;
Pelos vates antigos inspirados,
Lucidos Cherubins denominados.
Espiritos de luz, astros brilhantes,
Em dotes ricos, em saber prestantes,
A cuja vista os sabios mais felizes,
Que atroão nos Licêos, são aprendizes.
Anjos em fim na graça os mais crescidos,
Se os primeiros não forão tão subidos.
As Dominações altas, que o Superno
Poder tem, vendo ser o empenho eterno
Trofeo da Mãi de hum Deus, sua victoria;
Não quizerão roubar-se a tanta gloria.
Moverão-se os Poderes, cujas frentes
Cingem faxas de estrellas refulgentes.
E que tem de contino as furias prezas,

Nas tartareas fornalhas sempre acezas.
Vem os Thronos depois, que o tratamento
Tem de serem do Eterno throno, e assento,
Em cujos peitos mostrão-se gravados,
Em letras de diamante, os mais sagrados
Nomes do grande Jéhovah terriveis,
A' humana intelligencia incomprehensiveis.
De graça, e de poder authorizados
Seguião-se os sublimes Principados,
Que, quaes Principes altos, e Senhores,
As Jerarchias regem infriores.
Das roupas, que em brancura a neve excedem,
Raios de luz brilhantes se despedem.
Cobrindo os pés mimozos virginaes
Fios de aljofar, rozas matinaes.
Taes dos justos serão, ou mais formozos,
No Ceo hum dia os corpos gloriozos.
Tambem, Virtudes, vós ali viestes,
Distincta flor dos esquadrões celestes,
Por quem na terra são os virtuosos
Em obras, e palavras poderozos.
Vós dizeis: pára incendio; deixa a preza:
Logo o incendio contem sua braveza.
Por vós se torna a fluidez estavel,
Cahe da Parca a tizoura illacrimavel,
Pára na esfera o jornaleiro Etonte.
E muda de lugar o valle, e o monte.
Não se esquecem de vós tambem meus versos,
O' Archanjos illustres, que diversos
Em officios sõis nuncios relevantes,
Que as commissões encheis mais importantes.
Em fim os Anjos vem, que em tratamentos
Mais inf'riores são, e nos assentos:
E que são dos terrenos viageiros
Guardas, guias fieis, e companheiros.

Nas planices celestes ha hum templo,

Obra no gosto rara, e sem exemplo:
Cujas cornijas são, cujas cimalhas
De ouro puro mocisso: as ricas talhas,
Onde a Dedalea mão se esmera, e apura,
Outros tantos trofeos são da escultura.
De hum mosaico formozo, e bem lavrado
Se mostra o pavimento matizado.
Vê-se a riqueza co' subtil engenho
Acolá disputando o dezempenho.
Sustenta-se esta maquina importante
Sobre columnas altas de diamante.
No fundo do edificio rico, e immenso
Ha hum altar, chamado o altar do incenso,
Onde girão em torno as sempre ardentes
Rogativas dos justos. Differentes
Estão em outro á parte, qual thesouro,
Utensís mil sagrados, tudo de ouro.
Candelabros, turibulos, navetas,
No risco, e no lavor obras completas.
E o fogo Santo, o nunca morto lume,
E massas exquizitas de perfume,
Com que o throno de Deus, e o Ceo inteiro.
Recendem sempre de suave cheiro.
Aqui pois os celestes se fornecem
De quanto para o exito carecem.
Mas o Chefe gentil, que os conduzia
Breve falla fazendo, lhes dizia =
„ Eternos moradores do estrellado
„ Polo, já mais emprego tão honrado
„ Se nos encarregou: nem a memoria
„ Recorda-se de acção de tanta gloria.
„ Qualquer pois por si, e todos juntamente,
„ O meio arbitrem mais conveniente
„ De honrar a grão Princeza desta Côrte
„ Celestial: e honralla de tal sorte,
„ Que mais obriguem nossos sacrificios.

„ Da Mãi o amor, do Filho os beneficios.
„ Coragem; que se acazo não me engano,
„ Vem contra nós as forças do Sumano.
„ Bem conheceis de longe a sua manha,
„ Como se irrita, como emfim se assanha,
„ Se alguma acção brilhante o Eterno ordena,
„ Que á nós motive gloria, e a elles pena.
„ Quanto mais os perversos são batidos,
„ Tanto mais reproduzem-se atrevidos.
„ Elles conhecem bem sua desgraça,
„ Mas conhecem em vão; daqui não passa.
„ Podem do Ceo propicio obter piedade,
„ Como se humilhem; nada de humildade.
„ No crime endurecidos, e aviltados
„ Querem antes soffrer dezesperados.
„ Tambem seu odio contra Deus não cança:
„ Mas juro-vos, que eu só com esta lança
„ (Mostrando a lança) por vingar o Eterno,
„ Sou capaz de varar a todo o inferno. „
Elle diz: e já todos diligentes
Sahirão pelas portas refulgentes;
Portas, que á muito havia afferrolhado
Do primeiro mortal o crime ouzado:
Mas que se abrirão, quando em fim voltara
Aquelle, que da morte triunfara.
Não sahe com mais ardor, nem mais contente,
O enxame dos pequenos innocente
Do gymnasio das letras, procurando
O Lar nativo, e os passos apressando,
Onde os chama a lembrança, e amizade
Das Mãis, que tambem morrem de saudade;
Como os Anjos á pompa, que convinha
A' Santa Mãi de Deus, sua Rainha.
Mas em quanto estas couzas se passavão
Dentro da Sala eterna, os que choravão
A morte da Deipara ditoza,

Por mitigar o pranto, e doloroza
Idêa da saudade, que os magôa,
Suspirão que alvoreça a tócha Eóa.
Apenas pela esfera o pintor louro
Tingindo vinha as nuvens de côr d'ouro,
E no clarão do rubído horizonte
Mascava os freios de diamante o Etonte,
Quando prestes se erguerão do seu leito;
Que aos amantes o somno he pouco acceito.
Não longe do lugar hum predio estava
De hum habil hortelão, que conservava
Todo o tempo purpureas frescas rozas,
Hervas de aromas, flores mil cheirozas.
Os aligeros córos das campinas
Vem cedo aqui provar as vozes finas.
Neste vergel ameno parecia,
Rirem duas auroras á porfia.
Huma, que o Ceo pintava de mil côres,
Outra, que o retratava em suas flores.
Tal o cristal brilhante, e lizongeiro
Espelha tudo em si, que tem fronteiro
O Sol, mal que nascia, vizitava
Este lugar das graças, que o encantava.
E o rocio a dourar, novo thezouro
Nas folhinhas ostenta em gotas d' ouro.
Tal finge a fabula, que auricorria,
Tocando as mãos de Midas a agoa fria.
E a chuva, em que se Jove transformara
Quando de Acrisio as torres violara.
Ali, verde alecrim, sempre germinas,
Exalando de ti fragrancias finas.
Cujo raminho debil, e florido
He da próvida abelha tão querido.
Rasteira mangerona nos verdores
Traçando mil debuxos, e lavores,
Alcatifa cheiroza ali tecia;

Que nisto as de Aquemenia está vencia.
Com listras de carmim toda engraçada
Branquejava a açucena; que orvalhada
Das matutinas lagrimas da aurora,
Quanto mais se vê rir, tanto mais chora.
O eterno amarantho não recêa
O raio abrazador da luz Febêa:
Dizendo: flor nenhuma lhe excedia,
Pois que vendo-as morrer, jámais morria.
Pelas lizas columnas gira em torno
A debil trepadeira, novo adorno,
Do qual, nobre Chorinto, te esqueceste,
Quando a ordem das tuas compozeste.
Sobre o lucido tanque transparente
Das agoas preguiçozas, fielmente.
O narcizo se via retratado,
De sua propria sombra namorado.
Aqui pois o saudozo ajuntamento
Provizões ajuntava; e para o intento
Festões tecendo de purpureas flores,
Vai o prazo abordar dos seus amores.
Mas que sustos, oh Ceos!, quando já via
De longe revolvida a campa fria!
Que pasmo! Que silencio amargurado!
Vendo de perto o cofre expoliado
Dos ossos virginaes, do seu thezouro!
Pelo plano espalhados com desdouro
Os pavorozos véos, com que a piedade
Envolve os restos da mortalidade!
Então mádidos olhos alongando
Pelo golfo estellifero, hum alçando
A voz entrecortada, e com o dedo
Atentando no chão, rompe o segredo=
„ Este mundo, ó Feliz, que por doçura
„ Te fez sorver só dózes de amargura;
„ Este mundo traidor, mundo de ferro,

„ Onde em perpetuo mizero desterro,
„ Como escrava servil, somente magoas
„ Tinhas no coração, nos olhos agoas;
„ Comtigo uzando, quanto uzar devia,
„ Inda assim mesmo não te merecia.
„ Não he por certo patria verdadeira,
„ Onde a sorte se chora de estrangeira.
„ Embora escondão pedras preciozas
„ Rôtas fragas de serras escabrozas:
„ Que o seu natal paiz, se bem contemplo,
„ São diademas dos Reis, joias do templo.
„ O Ceo á muitos dias murmurava
„ Por boca da saudade, e se queixava
„ De ver nelle habitar tanto intervallo
„ De tempo, quem não era de habitallo.
„ Cesse agora a final, Rainha augusta,
„ De tão piedoza queixa a cauza justa.
„ Deixa-o pois, vôa a Deus, busca as estrellas,
„ Que são dignas de ti, tu digna dellas.
„ E do seio do Filho, onde os agrados
„ Recolhes; destes ermos mal fadados
„ Soffre, Bemdita, soffre (que os gemidos
„ Nossos não envenenão teus ouvidos)
„ Soffre pois, que em segredo te digamos
„ Os tristes cazos, que ainda aqui choramos.
„ Não foi, não foi, ditoza creatura,
„ Só por ti que sobiste a tanta altura.
„ Acazo o throno illustre, donde imperas
„ Por mil virtudes inclitas, que encheras,
„ Fixando-te no summo da grandeza,
„ Te fez degenerar tua nobreza?
„ Não, não: no peito, de honra abrigo,
„ Não muda a sorte nova o genio antigo.
„ Olha pois . . . „ Quer dizer, e mais não póde,
Tolhendo a voz a dor, que ao peito acóde.
Tal o roxo cantor da primavera,

Enchendo a mata espessa, e a clara esfera
De seus doces requebros, não cuidando
No mal, que o caçador lhe estava armando,
Estaca de repente no gorgeio,
Suspende a voz, supita-a de receio,
E sem finalizar, vôa assustado
Do golpe, que o não fere, e foi errado.
„ O' marmore ditozo (outro dizia
Ao jazigo, que todo recendia
Cheiro Celeste) ó marmore ditozo,
„ Tu só, tu só podeste venturozo,
„ Entre milhares de cinzel brincados,
„ Tocar tão Santos membros delicados.
„ Pyramides, columnas, mausoleos
„ Da vaidade, e da morte iguaes trofeos,
„ Onde mais a soberba ostenta o nada,
„ Quanto se julga mais ser exalçada;
„ Aprendei deste tumulo, o que he gloria,
„ A morte expira aqui, perde a victoria.
„ O' marmore, tu só no seio altivo
„ Guardaste o ouro, throno de Deus vivo.
„ Tu és o rico anel, onde engastado
„ Foi singular diamante, unico achado.
„ Guardão regios palacios com empenho
„ As bellas producções do humano engenho;
„ Guarda a terra em seu seio, qual thezouro,
„ Ricas vêas de prata fina, e d' ouro,
„ Flamigeros rubis, rijos diamantes,
„ E outras riquezas mais. Nas rebramantes
„ Cavernas guarda o mar, alem da massa,
„ Que a Sabeia, e a Pancaia em cheiro passa;
„ Miudo aljofar, que a conchinha cria,
„ E perolas mais grossas de valia.
„ Guarda em fim toda a vasta redondeza
„ Raridades de preço, e tal belleza,
„ Que accendem a avidez do peito humano;

„ Mas guardar o despojo Soberano
„ Da Virgem, Mãi de hum Deus, tu só podeste:
„ Tu só ventura tanta mereceste:
„ Tu pois, ó pedra, vences em riqueza
„ Palacios, mar, e terra, e a natureza.
„ Mas como consentiste, que roubada
„ A joia fosse, em ti depozitada?
„ Que desculpa darás ao mundo inteiro
„ De teu descuido, e zelo passageiro?
„ Não vês, que a imparcial posteridade
„ Pode lançar-te em rosto esta maldade?
„ Ah! nem sabes em ti quanto tiveste;
„ E nem eu explicar-te o que perdeste.
„ Serás com tudo, sacro monumento,
„ Digno de eterno culto: alto, e opulento
„ Trofeo de mil despojos adornado,
„ Do estrangeiro fiel nunca ignorado.
„ Não são assim de Babylonia os restos
„ De mortiferas serpes sempre infestos.
„ Em torno de ti pois para memoria
„ Vegetem de prodigio, e tanta gloria,
„ Não do acipreste as ramas lacrimozas,
„ Mas pudicos jasmins, virgineas rozas,
„ E outras flores mimozas de alto porte,
„ Como troféos ganhados sobre a morte;
„ Dizendo, os que as ceifarem algum dia,
„ São flores do Sepulcro de Maria. „
Desta arte os varões Santos se expressavão,
E os lares já buscando, que habitavão,
Voltarão com remissos, frôxos passos,
Deixando os corações ali em pedaços.
As funereas exuvias carregando,
Que á Princeza tocarão: reiterando
Nellas osculos de amor, sagrados restos,
Mais ricos que os auriferos aprestos,
Que ornão paços de Reis; e que a riqueza,

Que em si fermenta, e peja a natureza.
Entre tanto já o carro luminozo,
Altar portatil, throno venturozo
Da Virgem, tinha arado de seu passo
Grande parte do Ceo: por todo o espaço
Raios a rutilar tão soberanos,
Que se Deus publicasse seus arcanos,
Terião visto aquella madrugada
Novo signal no olimpo, da apartada
Terra o viajor ainda mal desperto;
Do mar o nauta calejado, e experto
Em chapas d'ouro fino ali se vião
Mil emblemas, que a Virgem descrevião.
Hum lirio entre os espinhos, couza estranha!
Em cativeiro a Arca na campanha:
Hum esgalho fatal, onde enroscada
Estava a verde serpe: a ensanguentada
Bôca hálitos de morte bafejando,
O fraudulento pomo hia mostrando.
Cuja cabeça indomita suplanta
Com masculo vigor virginal planta.
Todo o contexto emfim de sua vida,
Por diversos pedaços repartida.
Qual a maga pintôra, a natureza,
Que a flor ornando com delicadeza
Corrobora o pestilo enfraquecido,
Dezenvolve o estame contrahido,
As anteras polvilha, e com primores
Do petalo purpureo aviva as côres;
Não de outra sorte o Ceo fez lizongeiro
No thalamo da Espoza do Cordeiro.
A maquina puxavão á porfia
Os cidadões do Reino da alegria.
Tendo por grão mercê da sua sorte,
Algum emprego ter neste transporte.
E tanto se prezavão carregados,

Que o pezo não sentião de prezados.
Sobre hum globo de estranha arquitectura
Hia a unica Feniz, Virgem pura:
Leda no gesto, angelica, serena,
E da Celeste unção tão rica, e plena,
Que bem mostrava ser mimoza filha
Daquelle Pay, que he todo maravilha.
Dos olhos columbinos, onde a graça
Thezouros ajuntara em nada escassa;
Mil reverberos vivos reflectião,
Que do seu doce culto o orbe enchião.
O zefiro, que alguma vez alçava
O véo avaro, e rico, que occultava
Da anelada madeixa os fios d' ouro,
Ria de gosto, a expor tanto thezouro.
Fulgente tunica de côr incerta
Traz vestida, que rico cinto aperta.
Cinto digno de ver-se; obra, e dezenho
Do gosto angelical. No dezempenho
Tecida estava, como por memoria,
Da revolta de Eden em breve a historia.
Via-se o Par no pranto já immergido,
Da graça nu, de folhas vis cingido.
Da floresta exulado da innocencia,
Victimas do affan, alvos da indigencia.
Eis d' ouro hum Cherubim mostrava alçada
Na dextra vingadora flamea espada,
Ameaçando os colonos aggressores
De vir colher no vacuo Eden as flores.
Em tanta desventura, em tantas penas
Virginia planta se diviza apenas
Conculcando o dragão; alta vingança!
Dos Padres tão chorada na tardança.
Tinha no cinto a angelica destreza
Tambem bordado o Horeb: e na aspereza
Da escabroza montanha affigurada

A silva, em labaredas não crestada.
Mais avante ancião de grão respeito,
Maduro na razão, grave no aspeito,
Que huma açucena empunha, venturozo
Guarda, que o nome tinha só de espozo.
Logo o Nuncio na forma humana alada,
Que lá do Olimpo desce co' a embaixada;
Tambem se via a candida Pombinha,
Emblema do Alto Espirito; que tinha
Do bico d'ouro hum raio, que tocava
Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava.
Sem que a prole do Ceo, não vista empreza,
Desbote a flor da virginal pureza.
Depois arido plano, que sequiozo
Do rocio do Ceo, hum branco, e airozo
Lirio offertava de novel frescura,
Como se blazonara de cultura.
Logo estrella fulgente, nos seus raios
Sem ter diminuição, sem ter desmaios;
E hum vazo emfim de argila virgem, onde
O nectar, que orvalhara o Ceo, se esconde.
Nobres trofeos, fatidica pintura
De prolifica Mãi, de Virgem pura;
O resto serpeando com largueza
Aljofares. rubis, toda riqueza.
Emfim manto ceruleo sobre tudo,
Brincando rozas d'ouro no veludo.
Nunca o prisma ante os olhos applicado
Em lindas côres foi tão variado;
Nunca do velho cáos a longa idade
Vio formuzura tal, tal magestade;
Nem o Trino poder a produzira,
Quando do nada as agoas extrahira;
Se he que ella não foi essa formoza
Matrona illustre, de astros luminoza
Que tu, Aguia sublime, has dezenhado,

Lá nas grutas de Pathmos exulado.
Mas vendo a Virgem neste acatamento
Dos Anjos, que era nella todo o intento
Fazer brilhar do Eterno a magestade;
Deixando-se tocar desta humildade,
Que humilde o mais soberbo tornaria,
Para o Ceo cristalino assim dizia:
„ O' tu, Pintor gentil, que tens pintado
„ O Ceo de estrellas, de matiz o prado;
„ Substancia bemfazeja, cuja essensia
„ Se manifesta mais pela clemencia;
„ Tu, ante quem os evos vão passando,
„ E em vez de te adorar, vão te aggravando;
„ Grava embora na argila vil a imprensa
„ Do teu saber, da tua Dextra immensa;
„ Pinta o denso vapor, doura dos raios
„ Desse Sol, que, jamais soffre desmaios;
„ Troveja, mostra em mim os teus poderes,
„ Que quanto mais mostrares, ou fizeres,
„ O prazer, que minha alma, e peito lava,
„ He merecer de ti ser tua escrava.
„ Oh! ditozos aquelles, cujos peitos
„ Generozos enchendo os teus preceitos,
„ O periodo fechão felizmente
„ Do teu divino amor na pira ardente
„ Sem a morte temer; a desprezalla,
„ Longa a vida a fazer, com encurtalla.
„ Sabios, que as tuas Leis investigarão,
„ E os misterios da graça penetrarão.
„ Que por ti, não por suas reflexões,
„ Calcão o mundo, zombão das paixões.
„ Será delles feliz sempre a memoria;
„ Eterna a fama, e o nome, eterna a gloria.
„ Enormes massas sobirão aos Ceos,
„ Milagres d'arte, do saber trofeos:
„ Dos insultos do tempo eterno insulto,

„ Onde brilhe seu nome, e impere o culto.
„ Viráõ de longe os povos concorrendo
„ Suas cinzas beijar, e as recolhendo,
„ Ledos publicaráõ agradecidos
„ Os dons do Ceo, por ellas recebidos.
„ Viráõ os mesmos Reis, viráõ Princezas
„ Que os joelhos curvando das grandezas,
„ A' face abateráõ de seus altares
„ Seus sceptros, e seus dons mais singulares.
„ Mas que fundo de gloria lhes prepara
„ Tua mão bemfazeja! Que preclara
„ Coroa! Que Provincias, que thezouros!
„ Quantos trofeos sublimes, quantos louros!
„ Será com elles o prazer, e a vida
„ Huma só couza, em ambas confundida.
„ Bem como com a braza o ferro caza,
„ Que não parece ferro, mas só braza.
„ E por mais que blazonem exercicios
„ De altas virtudes, de altos sacrificios,
„ Será sempre mais alta a recompensa;
„ Digna de ti, e como tu immensa. „
Fallou assim: e quando assim fallava,
O pejo as faces de rubor córava.
Tal a aurora, raiando vergonhoza,
Pintando vem o Ceo de côr de roza.
Este discurso os Anjos recolherão,
E em laminas de prata transcreverão,
Aturdidos de ver, quanto a humildade
Desconhece seu preço; e na verdade
Quando assim ella os outros elogia,
Tambem se retratava, e não sabia.
Tal debuxa o cristal do tanque a alhêa
Sombra; e a si já mais se delinea.
Entretanto o Ministro sublimado,
Nuncio do Deus Altissimo enviado,
Deixa o Empyreo feliz: lugar, aonde

Já mais o Ser Eterno a face esconde.
E onde os materiaes são diamantes,
Ouro, perlas, e couzas similhantes,
Que estão compondo os paços sublimados,
Em que habitão os bemaventurados.
Já as estrellas atraz deixa brilhantes,
Que são milhões de sóes flamigerantes:
Que em tanta longitude, e tanta alteza
Perdem a luz, e perdem a grandeza.
Esquadrões de oradores, que publicão
As obras do Senhor, e o glorificão.
E do Atheo a cegueira condemnando,
Contra o impio dos Ceos estão prégando.
Atravessa depois a cinta d'ouro,
Fóra da qual não roda o Delio louro.
Onde estão repartidas dôze cazas,
Que tu, ardente Febo, entrando abrazas.
Collecção de estrellinhas, claras, puras,
Que o Egypto nomeou. Destas alturas
Desce para Saturno, a quem luzeiros
Cinco girando estão, bem como archeiros:
Vendo a faxa, que o cinge rubra, e ingente,
Que o anel se appellida vulgarmente.
Bate as azas de novo, e n'hum momento
Atravessa de Jove o apozento.
E os seus satellites, menor escolta,
Que em torno deste centro dão a volta.
Qual a náo mercantil, que avidamente
Vai demandar as costas do Oriente,
Por ensacar diamantes, e senhora
Ser de mil producções, que cria a Aurora;
Ja deixa de Bengala o vasto seio,
Deixa Sião, e passa pelo meio
De Sumatra, e dessa aurea Chersonezo,
Que vio do Luzo marte o fogo acezo;
Tal o Nuncio do Ceo vai progredindo

Pastor de linda grei, elle mais lindo,
Descendo mais hum pouco já da terra
A orbita atravessa; onde se encerra
A Lua ali sem fazes; branca Lua,
Que brilha com a luz, que não he sua.
E que o manto de estrellas se dezata,
O mar, a terra, e o Ceo cobre de prata.
Toca emfim nossa turbida atmosphera,
Onde o raio se inflama, e a nuvem gera.
Que em vapores da terra o Sol attrahe,
E sobre a terra em agoa, e fogo cahe.
Descança por hum pouco sobre o cume
Do Thabor, onde o Sacro Eterno Lume
Em carne revelara a tres amantes
A hypostatica gloria: as crepitantes
Azas bate de novo demandando
Anatolia; de lá de cima olhando
As ilhas, e as cidades mais florentes,
Que estão juncando o mar, e os continentes.
Ja deixa Ptolomaida arruinada;
Deixa a Fenicia, e Tyro, que chamada
Foi Rainha dos mares: tu Carthago,
Dalli vens, qne levaste a Roma o estrago:
Cujas praias já forão conhecidas,
Do murice purpureo ennobrecidas.
Já o Tyrrheno mar se mostra ao lado
Da mão sinistra: mar tão decantado
Das viagens do Grego, e do Troiano;
Hum facundo, e sagaz, e o outro humano.
Mar emfim, que já mais éstos conhece,
E de ilhas mil famozas se ennobrece.
Assim vinha o Celicola buscando
A sacra pompa do cortejo, quando
Não a vendo a final nestes lugares
Sobe á esfera outra vez, e tenta os ares.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

ASSUMPÇÃO.

CANTO II.

ARGUMENTO.

O Principe das trevas, invejozo do triunfo da Virgem, ajunta hum conciliabulo para o impedir. Entretanto os Anjos vão levando a Senhora, narrando huns aos outros varias passagens illustres de sua vida. Arma-se huma temivel oppozição por artificio diabolico. O Archanjo São Miguel chega nesta occazião, e com a Milicia Celeste dissipa esta manobra infernal. Faz seu cortejo á Virgem. Determinão os Anjos levalla ao Paraizo, onde estão Enoch, e Elias.

MAs em quanto o Celeste Nuncio corta
As orbitas do Ceo, a Estyge aborta
Infame ardil. O Author da má zizania
Arrebenta de inveja, arde de insania,
Como visse que a pompa ao Ceo sobia,
Invito seu poder, e tirannia.

N'huma horrivel prizão, que fez o Eterno
Na mais interna furna lá do inferno;
Onde em recto Juiz sopra inflexivel
Contra os reprobos chama inextinguivel

Habita Lucifer: sentindo o pezo
De Deus, que ali o suplanta em ira acezo.
He hum monstro medonho, e tão disforme
Na massa colossal do vulto enorme,
Que se o doce repouzo, e a paz gozara,
Deitado duas geiras occupara.
De tão sombria, e horrenda catadura,
Que faz pavor á mesma Estyge escura.
No reprobo semblante retractado
Vê-se todo o rancor d' hum condemnado.
Os olhos affigurão dois cometas,
Que ardem entre duas nuvens pretas.
A bôca era, se abria, internamente
Estuante fornalha. Quando ardente
Do peito o ar pestifero bafeja,
De vivas brazas turbilhões dardeja.
Assim do Ethna o gigante, se respira,
Lavas de enxofre acezo a Jove atira:
Todo o monte convulso se a outro lado
Revira o enorme corpo, meio assado.
Não he tão fêa, não, a noite umbroza,
Que apanha o viajor em mata idoza,
Perdido entre fuzis, raios frequentes,
Urros de tigres, silvos de serpentes,
Como este monstro singular, e incrivel,
Quazi sem fórma, quazi indefinivel
Se o Cantor Ulisseo vira este demo,
Diria ser gentil o Polifemo.

Em torno delle girão a milhares
Vãos espectros, nas fórmas singulares.
Do peccado, e da morte infame raça
Que lhe faz côrte, que lhe faz a praça.
As Eumenides, furias tão medonhas,
De grifo armadas, e fataes peçonhas.
A fera Erinix, ou cruel Alecto,
De serpes engrenhada a coma, e aspecto.

Carybdes, Scylla, Esphinges desconformes,
E d' hum só olho as Gorgonas enormes.
Equipedes Nubigenas monstruozos
Da leve nuvem partos vergonhozos:
Triformes Geriões, Janos bifrontes,
Os Aloidas altos mais que os montes.
Hydras de cem cabeças, mil serpentes
Na escama verdes, e na crista ingentes:
Nas mãos com a tocha a anguifera Megera,
E com flagello horrivel. A chimera,
Que labareda em turbilhões vomita:
A blasfemia, que de continuo grita
Pelas furnas do cáos: „ Gerra aos ministros
„ Do Rei do Empyreo, sempre a nós sinistros. „
De farças taes os Anjos se vestirão,
Des que rebeldes lá do Sol cahirão.
Entre si estes monstros se aborrecem,
Debellão-se huns aos outros, não conhecem
A paz, nem união; antes se mordem
Co' atroz rancor. Em fim tudo he dezordem.
Certo já dos triunfos da Divina
Mãi do seu Deus, blasfema, e dezatina.
E no throno, em que rege a infame praga,
N'uma cobra enfaxado, que lhe afaga
Co'a triple lingoa os labios, fero, e irado,
Dando forte punhada, e rude brado,
Exclamou: „ Onde está meu heroismo?
„ De que me serve ser Chefe do abismo? „
Do brado o éco retumbou no averno,
E as furias, que exercitão la no inferno
Nas almas condemnadas o supplicio;
Pararão de assustadas o exercicio.
„ He crivel (continua) que a Donzella
„ De Nazareth nascesse em tal estrella,
„ Que calcando meu sceptro, e minha furia,
„ Ostente a meu pezar ser minha injuria?

„ Ja no instante fatal, em que bafeja
„ O hábito da vida malfazeja,
„ He na graça gerada: desprezados
„ Meus terriveis grilhões, grilhões sagrados,
„ Que sem rezerva arrastão os humanos
„ Sejão escravos, sejão Soberanos:
„ Vive depois, e vive sempre altiva,
„ De meus carinhos desdenhoza, e esquiva:
„ Surda á sagrada voz do meu preceito,
„ Sem menor attenção a meu respeito:
„ Mórre a final, de si sempre Senhora,
„ Do mundo, e seus encantos vencedora:
„ Victima de hum rival, e o vituperio
„ Dos poderes da morte, e meu imperio.
„ E agora, por mais summa da desgraça,
„ Sôbre as azas dos Anjos ao Ceo passa
„ A gozar de huma gloria nova, e immensa,
„ Tratando-me com tanta indifferença?
„ E sou eu inda aquelle que por sorte
„ Houve o Reino das trevas, e da morte?
„ E quem crer póde, vendo que não pude
„ Domar huma mulher, que assim me illude?
„ Quem humilde virá daqui em diante
„ Prostrar-se a mim em ar de supplicante,
„ Offerecer-me dons, victimas raras,
„ E perfumes queimar nas minhas aras?
„ Mas tambem se largar de mão a empreza,
„ Já não he mostra infame de fraqueza?
„ Não farei tal: a honra nada cede:
„ Hum prompto dezaggravo a injuria pede:
„ Heide-me oppor: fatal, bravo transtorno
„ Vou cauzar no triunfo estulto. Em torno
„ Delle raios, trovões, nuvens, tormentas,
„ Guerras de sangue, e horror sempre sedentas,
„ Tudo farei valer; quer eu consiga,
„ Ou não, o bom successo desta intriga.

„ Atacar, he signal sempre de forte,
„ Vencer, algumas vezes he da sorte. „
Como isto disse, chama a brado ingente
Hum ministro infernal, seu confidente,
Por convocar as furias, que a milhares
Vagão por terra, e vagão pelos ares.
Era o tal confidente, seu correio,
Hum monstro nunca visto, negro, feio:
De gibo, pontas, unhas, juba, e pêlo,
Sem ser tigre, urso, bôi, leão, camelo.
Já mais a fantazia em vôo errante
Compoz quimera tão extravagante.
Nem o enfermo febril, quando mal dorme,
Vio em sonhos vizão mais disconforme.
Com tudo, por cumprir qualquer intento,
Era rapido mais, que o pensamento.
Por azas cartilagens estendidas
Uzava, de unhas corneas guarnecidas;
Como as aves, que fazem crebros giros
Na escuridão dos sepulcraes retiros.
Do infame rei do averno alto conceito
Gozava, e grande estima: e era acceito,
Por ter enchido com gentis destrezas
Muitas vezes do Tartaro as emprezas.
Há quem diga, que fôra este embusteiro
O movel principal, o author primeiro
Do escandalo fatal do Paraizo,
Quando inda ali folgava a paz, e o rizo.
E que depois, o mundo ja avançado
Em annos, este monstro ao crime uzado,
O vencedor vencera de Golias
Pela espoza gentil do honrado Urias.
E que emfim la na Scena do Calvario,
No infando Deicidio, temerario
Insuflou, quanto pôde; aconselhando
Esse aborto traidor: fructo execrando:

Escandalo fatal da humanidade,
Homem só na figura: o mais maldade.
Por estes altos feitos grão valia
Lograva em todo o abismo; e precedia
Aos mais authorizados, e mais velhos
Em lugar, em nobreza, e nos conselhos.
Mas do rei sobre tudo era estimado,
Porque trazia o cáos sempre intrigado:
Que he este de ordinario o distintivo
Nas grandes Côrtes de hum valido altivo.
Ardendo ja na honra do monarcha,
Bate o vôo fatal, que o mundo abarca.
Emboca enorme tubo retorcido,
Cujo tremendo som foi logo ouvido.
Ouvio do polo austral, a plaga fria;
A do Arcturo, em que he eterno o gêlo; e o dia
Dura seis mezes; e os paizes, onde
Fica o berço da aurora, e o Sol se esconde.
Ao bosque as aves trepidas fugirão:
E á gruta as feras, que a trombeta ouvirão.
Os pequenos de susto ao Lar correrão,
E nos maternos mantos se esconderão.
Tal o guincho voraz do aerio abutre,
Em quanto o estrume a revolver se nutre;
Clama a ave de Marte, que ha inimigo,
E a prole pelo instincto busca abrigo.
Com este horrendo ensaio principia
As commissões do Tartaro, que o envia.
Dandó as ordens, que teve; e convocando
Os monstros, que na esfera andão gerando
Pestes, raios, tufões, ou outros damnos,
Com que lezão os mizeros humanos.
Desce depois á terra, e nella impreca
Os que habitão n'alguma vil charneca.
E nos porticos velhos, detestados,
Por serem delles mesmos assombrados,

E aquelles, que alta noite, ou ás escuras
Atterrão os mosteiros com figuras
Fantasticas, e espectros mil horrendos,
A que chamão vampiros, ou duendos.
Não lhe esquecem as furias, que os officios
Gozão de prezidir aos feios vicios.
Tambem vos convidou, pais da impiedade,
Nos oraculos vãos da antiguidade.
Vôa a Delfos; dahi passa á Dodona,
Onde o carvalho infame o erro abona.
Atravessa depois a Libia ardente
Por fervidas arêas: finalmente
Chega ao fano de Amon, tudo convida
O ministro infernal com dura lida.
Depois de ter enchido a infame empreza,
Volta outra vez aos lares da tristeza:
Deixando a terra livre da odioza
Prezença de huma furia tão damnoza.
Eis vem a chusma: as testas engrenhadas,
De viboras, com sangue salpicadas.
Nunca forão do enfermo os varios sonhos
Tanto para assustar; nem tão medonhos
Os Geriões triformes; nem tão fêas
As Esphinges, Arpias, e Sereas.
Nunca se virão, nunca, taes semblantes,
Nem tão fêas feições, e extravagantes
Nos delubros pagãos, que ainda a historia
Nos conserva em traslados por memoria;
E se confião por modelo áquelles,
Que a arte prezão de Parrhasio, e Apelles.
Alguns affectão d'homens; mas disformes
Nos queixos, e narizes: tão enormes,
Que quer tudo fugir, tudo he desgosto,
Ao ver tão alterado o humano rosto.
Quaes as larvas burlescas, que na festa
Publica o vulgo inventa, pinta, e apresta

De velhas, e de velhos asquerozos,
Por dar mêdo a pequenos, rizo a idozos;
Taes erão, e mais fêas as figuras
Daquellas enormissimas diabruras.
Ja mais tantos enxames denegridos
Nos putritos estrumes com zunidos
Se condensão de moscas; como as furias,
Que vão vingar do cáos falsas injurias.
Ja se introduzem pelo o orco avaro
Em grão tumulto; e forão no Tenaro
Com gritos, guinchos, silvos, e alaridos
Dos outros igualmente recebidos.
Pizando vão por hum brazeiro eterno,
Té chegar, onde assiste o Rei do inferno
Vendo ao passar torturas inauditas,
Que ali soffrem as almas ja proscriptas.
As graves penas dos blasfemadores,
Que contra o ceo vomitão inda horrores:
Dos ministros do altar de más conductas:
Das justiças venaes de mãos corruptas:
As dos vates, em metro perigozos,
Que abuzarão da muza: os espantozos
Tormentos dos fataes heresiarcas,
Que os povos seduzirão, e os Monarcas:
O erro a derramar, que novo encanta,
Rasgando a tunica da Madre Santa.
Dos açoutes tambem o som ouvindo,
Que nos réos sem cessar estão zunindo.
O tinnir das algemas, e cadêas,
Que ali se arrastão nas masmorras fêas.
E o alarido horrivel, que fazendo
Os reprobos estão: dentes rangendo,
E bradando na immensa escuridade:
O' vingança de hum Deus! O' eternidade!
Virão das penas entre o rigorismo
Hum impio, que exclamava em todo o abismo:

„ Tomai de mim, mortaes, tomai dos meus
„ Damnos o ensino: e não zombeis de hum Deus. „
Oh esteril pezar! oh tardo acerto!
Oh vozes de quem clama no dezerto!
Virão tambem a pena, nunca ouvida,
Que ali padece o ingrato Deicida.
Ai infeliz! seu mal he tão sobido,
Que lhe fora melhor não ter nascido.
Todos elles padecem, não só o damno
Da privação de Deus, que he o soberano
Mal dos males; porem tambem a pena,
Que a sofrer nos sentidos os condemna.
Morrendo sem morrer, sempre fervendo
Em fogo, que não morre: já mais tendo
Esperanças de alivio: pois no inferno
He nulla a Redempção, ja disse o Eterno.
N'hum total abandono sepultados
Jamais, jamais de alguem serão lembrados.
Em vão chorem, em vão bradem chorando,
Que dos Anjos, e justos, que exultando
Vegetão em perpetuas alegrias,
Nenhum ouve seu pranto, ou agonias.
Por que do condemnado, que padece,
Ninguem se dóe, ninguem toma interesse.

Vão emfim outros males divizando,
Que estão os condemnados supportando.
Por quanto estes malditos, se padecem
Tambem supplicios mil, inda carecem
Das tartareas prizões. Pois só do mundo
La na conta final he, que no fundo
Do abismo elles serão por fim lançados,
Para sempre penar afferrolhados.
Debalde intentem da fornalha ardente
Fugir; prezos serão eternamente.
Tal nos giros Dedaleos, que intrincara
Avido pescador na lympha amara,

Entra o incauto aquicola, anhelando
O bocado traidor: mas farto quando
Quer ao largo tornar, por mais que lida,
Não acha mais nem porta, nem sahida.
Eis já se se arranja a turba mal aceita,
Huns á esquerda, e outros á direita.
Formando-se em coroa, ou circo indino
O Senado do Cáos Luciferino.
Huns assentão-se em laminas ardentes,
Outros em vivas brazas rubescentes.
Arde na escura sala a ingrata massa
Do enxofre, que no Cáos por cheiro passa.
A' vista desta turba amotinada
Satan de olhos no chão, face agastada,
O rosto sobre a mão, fingindo o geito
De huma interna afflicção, do negro peito
Arranca alto suspiro, ergue a vizeira,
E á canalha fallou desta maneira. =
„ O' inclitos poderes, que do inferno
„ Comigo repartis o grão governo;
„ Meus collegas fieis, caros amigos,
„ E não menos recurso aos meus perigos;
„ Que attentado foi este maquinado
„ Contra vosso poder, nunca violado?
„ Como assim consentis de sangue frio
„ Insultos taes no vosso senhorio?
„ Como deixaes agora impunemente
„ Atravessar a esfera refulgente,
„ E galgar as celestes jerarquias
„ Essa pobre mulher, Mãi do Messias?
„ Sois vós acazo os principes do mundo,
„ Os reitores das trevas do profundo,
„ Oraculos fieis, cuja verdade
„ Tão respeitada foi da antiguidade?
„ Respondei: ah! estaes em grande aperto:
„ Degenerastes: não, não sois por certo.

„ Que! esgotarão-se as fontes do recurso?
„ Ja nada alcança mais vosso discurso?
„ Ja não tendes hum raio, ou hum corisco,
„ Que reduza a pó tudo, a cinza, e cisco?
„ Ja vos não lembrão mais do Paraizo
„ As ameaças? Forão brinco, e rizo?
„ E se então ja nos quiz calcar o colo,
„ Que esperaes, se sobir agora ao Polo?
„ Se a tenue sombra só, ou se seu nada
„ Ja nos foi tão terrivel; assentada
„ Agora a par do Filho, manejando
„ Com elle o grão poder, o sceptro, e o mando,
„ Julgaes que em gráo maior de authoridade
„ Vos terá mais amor, mais amizade?
„ Ah! sahi do lethargo somnolento,
„ Onde vos vejo em fêo abatimento,
„ Preveni tantos males, taes abalos,
„ Que he melhor prevenir, do que chorallos.
„ Tem inda o mal remedio, se começa,
„ Não espereis que engrosse, nem que creça.
„ Porque depois que o incendio emfim se atêa,
„ Ou tarde; ou nunca mais se remedêa.
„ Temeis, que a vossa sorte seja infausta,
„ E a coragem será por isso exhausta?
„ Ateimai, que a feroz tenacidade
„ Foi sempre o môr signal da heroicidade.
„ Peor será, se accazo em vós fraqueza
„ Sentir-se, ou menor sombra de surpreza:
„ Quando hum Chefe padece esta vil nota,
„ Assás marchado tem para a derrota.
„ Supponhamos com tudo, que a victoria
„ Não he por nos; he ja pequena gloria
„ Affligires o Ceo? Que môr esbulho
„ Quer o vosso rancor, quer meu orgulho?
„ Não prevedes tambem quantos dezares
„ Ja de longe ameação nossos lares?

„ Quantos milhões de victimas roubadas
„ A's lobregas prizões, nossas moradas?
„ Sabei, que huma mulher he compassiva
„ Por natureza: tudo lhe motiva
„ Lagrimas: e tocada da ternura
„ Não pode ver o pranto, e a desventura.
„ Ora que impios serão para o futuro,
„ Que achando nella asylo tão seguro;
„ Venhão soffrer eternamente afflictos
„ O premio, e o fructo dos seus máos delictos?
„ E que ouzaria o Filho emfim negar-lhe
„ No momento, em que astuta ella mostrar-lhe
„ O seio carinhozo, que a substancia
„ Nos dias lhe suprio da tenra infancia?
„ Eisaqui quanto temo: eis que me affronta:
„ E que tambem temer deveis por conta
„ De vós mesmos. Taes são os meus receios,
„ Que por obstar em vós demando os meios.
„ Ide pois, filhos meus, bravos soldados,
„ Tomai os artificios malogrados
„ Desse Empyreo infeliz, que mizeravel
„ Ouza nosso rival ser implacavel,
„ Em quanto a mim, pelo meu sceptro juro,
„ Tantas almas vos dar no reino escuro,
„ Que nellas bem vingada a vossa offensa,
„ A' vingança inda exceda a recompensa. „
Fallou: e foi incrivel o odio occulto,
Que essa arenga excitou pelo tumulto.
„ Vamos, se disse a turba detestavel,
„ Vamos, que he justo, e o tempo favoravel.
„ Quem do instante opportuno se assegura
„ Deve contar c' os premios da ventura.
„ Não esperão por nós, desprevenidos
„ Estão, seremos pois bem succedidos.
„ He hum fraco poder, que sobe á gloria,
„ A quem não lizonjea ja a victoria? „

Oh cegueira! O Senhor de la da altura
Vio o projecto, e rio-se da loucura.
Sem mais nada esperar, em hum momento,
Qual repellão do prematuro vento,
Vão de tropel por hum furame augusto,
Unica porta do solar do susto.
Nunca em publicos fogos de festejos,
Em que os povos em galas, e cortejos,
Solemnizão dos Reis o natalicio,
Voão tantos comêtas de artificio;
Nem o vezuvio acezo dardejara,
Quando Herculana em cinzas suffocara,
Tantas lavas sulfureas; como o averno
Brotou monstros fieis ao rei do inferno.
Mas em quanto esta trama se tecia
La no reino da noite; a companhia
Santa faustamente hia sobindo
Amigo o Ceo. Tal vai a esfera abrindo
Igneo balão nocturno, que nos rastros
Parece hir augmentar de novo os astros.
No meio de hum clarão hia a Divina
Filha do Eterno, qual a matutina
Estrella d'alva, que toda engraçada
Vem das gotas do mar inda molhada.
Luzeiro o mais gentil, que no Ceo brilha,
Da Heperionia luz serena filha,
Precursora da aurora, como a aurora
He do Sol a rizonha precursora:
Que de fios de aljofar vem bordando
As flores; seu matiz dezabrochando.
Ou qual trofeo do grão Celi-Tonante,
Que estendido nos Ceos, tremula avante
Dos batalhões angelicos: e o adusto
Cáos descora de o ver, treme de susto.
Os Celites narravão mutuamente
O que della sabião: a eminente

Virtude do pudor, sua humildade,
E outras, de que não tem rivalidade.
Tambem destes astrigeros formozos
No Virgineo cortejo officiozos,
Se vião varios coros espalhados,
Em diversos deveres occupados.
Alguns os vegetaveis recendentes
Desfolhados, que em côres differentes,
As Thaumantéas tintas imitavão,
De requissimas urnas espalhavão.
Alguns as lagrimas, que os troncos chorão,
Onde as hordes de Agar escrava morão,
Em pyras d'ouro fino evaporando,
Hião todo o ambiente perfumando.
Alguns em fim, ao som de lyras d'ouro,
Odes, hymnos, canções, rico thezouro,
Que o bipartido monte em estro exhala,
Soar fazião pela etherea sala.
Hum delles, que da voz no doce enleio
Escurece dos cisnes o gorgeio,
Trava do casco de huma tartaruga
De manchas d'ouro; lucida, e sem ruga;
Lyra Celestial, e nova peça
Ferindo a corda o plectro, eis que começa. =
„ Creou Deus no principio Ceo e terra,
„ Mas nem tudo, o que aquelle, e esta encerra.
„ Por quanto a terra, em sombras era nua
„ Da, que ora ostenta gentileza sua.
„ Não serpeavão nella argenteas vêas
„ De lymphas perennaes, nem inda as chêas
„ Alagavão cabanas, e campinas
„ Ferteis de rozas, ricas de boninas:
„ Uniforme, sem bosques, sem rochedos,
„ Não coroavão montes arvoredos.
„ O ar embaciado em triste, e escura
„ Nevoa se via, que galgava a altura.

„ Não rolava na Eclyptica o esplendente
„ Luzeiro matinal; nem no Nascente
„ Se apavonava dessas ruivas cores,
„ Com que lista o Horizonte, pinta as flores;
„ Não estendia a noite no Ceo puro
„ De estrellas mil bordado o manto escuro.
„ Era tudo embrião: tudo era feio:
„ Mas tanto que imperou do Eterno seio
„ Voz creadora, tudo em fim se ordena:
„ E a face, que ora ri, se rio serena. „
Cantou depois o Protoplasta, imagem
Do Eterno: e amenissima paragem,
Onde espoza lhe deo formoza, e leda.
Aqui affrouxa a voz; e rouco a queda
Do par novel cantou. Triste memoria!
Desdouro o mais fatal da humana gloria!
Mas logo erguendoa entôa a destra cura
Celeste, que soldou tanta fractura.
Em cujo ministerio, e maravilha
A Virgem eis que assoma, e assás ja brilha.
Respira hum pouco; e as cordas afinando
De novo á lyra, foi continuando
A inundação pasmoza, que afogara
Do globo a vasta face na agoa amara.
Despovoou-se a terra: não ha montes,
Nem mais rebanhos, cazas, bosques, fontes.
Parecia de novo submergida
No antigo cáos, do qual fora extrahida.
Apenas pelo o ermo solitario
Do volumozo cathaclismo aquario,
Arca, que o mundo pêja, anda vagando:
Qual hum monstro do mar, no mar boiando.
Cantou depois o germen tão fecundo,
Que povoou de novo o vacuo mundo.
O Seclo, que seguio logo de ferro,
O abandono de Deus, as aras do erro.

BIBLIOTHECA NACIONAL

A vocação feliz do Pai dos crentes,
Donde mil gestos vem, e a Luz das gentes,
E concluio, que á antiga economia
Ja mais brilhara sombra de valia,
Que não affigurasse, ou Mãi, ou Filho,
Ou d'hum, e d'outro juntamente o brilho.
Qual acorde postura, que a mão destra
Na cithara dedelha, de que he mestra;
Aonde com voluveis, e habeis dedos
Ostenta a magia da arte, e seus segredos;
E o systema dos sons tanto equilibra,
Que muitos fere, e quazi que hum só vibra;
Tal era a symetria, a ordem justa
Da pompa angelical, festiva, e augusta.
Então, porque a preclara Virgem fosse
Mais honrada, e a derrota inda mais doce,
Gabriel, alto Archanjo dos primeiros,
Circunstancias revela aos companheiros.
Gabriel, que he tambem dos sublimados
Nuncios, a grandes couzas destinados.
Festivo mensageiro do alto canto,
Que estancou do primeiro crime o pranto,
,, Prefixo o tempo, disse, a Potestade
,, Sublime, que os Ceos rege, á Liberdade
,, Querendo dar, e á Redempção começo,
,, Poz-me a chave na mão de tanto preço.
,, Por agouro feliz ja tomo a idade
,, Do rizo, e fresca flor da puberdade.
,, Em minhas faces brinca a neve, e a roza;
,, E do cravo na bôca a côr mimoza.
,, Pelos hombros eburneos espalhados
,, Fios d'ouro se encrespão: ja dos lados
,, Desce a chuva de prata, que brilhava
,, E a quem cinto de perlas abrochava,
,, Na mão esquerda o lirio florecia,
,, Trofeo daquella, a quem o Ceo me envia.

„ A direita apontava ao Paraizo,
„ Donde a graça lhe vinha. O' triste rizo!
„ O' farça tão fatal! O' vão dezenho,
„ Que hias quazi trahindo o dezempenho!
„ Assusta-se a Menina vendo a estranha
„ Forma gentil de hum jóven, que se entranha
„ Nos sacros penetraes de seu retiro;
„ Fita os olhos no chão; alto suspiro
„ Exhala; ao coração desce o desgosto;
„ E o pudor virginal chamando ao rosto
„ A côr, a fez tão bella, que se a vias,
„ De inveja, linda roza, morrerias.
„ Mas emfim, serenada a tempestade
„ Descubro-lhe a feliz proximidade
„ Do grão Reparador: que nova aurora
„ Devia deste Sol ser precursora:
„ Que desabrocharia o mais virente
„ Calis este pestilo: e finalmente
„ Que ella mesmo era a egregia creatura,
„ Unica preeleita á grão ventura.
„ E quando imaginava, que embaixada,
„ Nunca da natureza imaginada,
„ A derretesse em prantos de contente;
„ Tornou-me, que era Virgem, indifferente.
„ Como se preferisse a virgindade
„ Ao dom da Divinal maternidade.
„ Rara innocencia! pejo inda mais raro!
„ O' feito nunca visto! O' dom preclaro!
„ Em tal ponto de estima, e de grandeza
„ Maria préza a virginal pureza. „
Tal o nuncio do Olympo concluia
O breve conto: e a fausta companhia
Como ter concluido ja notasse,
De novo lhe rogava, que narrasse
Outras mais aventuras; que o successo,
Se bem que ignorem, sabem que he de preço.

Annuio o Celeste, e a voz fagueira
Ordem nova seguio desta maneira =
„ He prodigio na humana natureza
„ Ser humilde no fóco da grandeza:
„ Assim que o homem toca a altiva esfera
„ Só se lembra, quem he, mas não quem era.
„ Mal que se vê trofeo no ar alçado
„ Da ventura, ou seu monte sublimado;
„ Mal que lhe ri fortuna, e a gloria o exalta;
„ Eis se esquece o que foi, e o que lhe falta.
„ E por fado, que á Lei se não coaduna,
„ Muda o genio, se muda de fortuna.
„ Mas não he que se visse este defeito
„ Da illustre Virgem Mãi no illustre peito.
„ Apenas sente o thalamo florido
„ Do ineffavel Botão; tendo sabido
„ Que a senil consanguinea attrahira
„ Tambem do Ceo favores; ja suspira
„ Por gratular com ella o beneficio
„ Que a ambas outorgara o Ceo propicio.
„ Ja deixa o patrio lar, busca a parenta,
„ E grande, e humilde, a urbanidade ostenta.
„ Não lhe aterra o fantasma da jornada,
„ Nem do sexo a verdura delicada;
„ Não lhe sugere á mente o novo cargo
„ Da filaucia cruel o fel amargo:
„ Dictando-lhe, que o fructo do cortejo
„ Fora certo abater-se, e com sobejo.
„ Antes conhece, que não tem estima
„ O esplendor, se ao mortal a graça intima,
„ Que em circunstancias taes, tal conjunctura,
„ Está a gloria em ceder do emprego a altura.
„ Empenhe-se entre tanto a natureza
„ Em festejar os passos da Princeza:
„ Baixem do Olimpo turmas, e em seus braços
„ Tomando-a com prazer, poupẽ-lhe os passos.

„ Ah! não sejão as plantas magoadas
„ Da debil Virgem Mãi: nas argentadas
„ Abobedas do Ceo o refulgente
„ Luzeiro Eo-o embote a setta ardente,
„ Por não lezar-se da Solar quentura
„ A linda flor do Empyreo: da espessura
„ Aligeros Demódocos gorgeios
„ Trinando, lhe consagrem seus recreios
„ E vós, vivos thuriblos das campinas,
„ Ephemeras na vida, vós boninas
„ Pavimentai o solo, para quando
„ For a Filha do Principe passando.
„ Nos evos pois por vir, se affigurado
„ Houver habil pincel em quadro alçado
„ Hum portico, marmorea escadaria,
„ Retalhos de jardins com symmetria;
„ Ao longe no horizonte serra erguida
„ De silvestre arvoredo; na sobida
„ Sobre o tôpo Matrona idoza abrindo
„ A outra os braços que vai progredindo;
„ No atrio dois anciões, como á porfia,
„ Saudando-se com mostras de alegria;
„ Antolha-se ao vulgar que he hum cortejo,
„ Mas que misterios na pintura eu vejo!
„ Que senado ja mais reunio a terra
„ Que tanta santidade illustre encerra!
„ Q' assembleas de reis, ou que aureos tectos
„ Votarão em consulta mais projectos
„ A favor dos mizerrimos humanos,
„ Que estes insontes lares soberanos?
„ Que germes, que penhores sublimados
„ Nos carceres maternos retardados?
„ O Verbo, e seu correio, que meninos!
„ A que empregos chamados! Que destinos,
„ Que instrumentos fieis nos dois consortes
„ Da eterna salvação! Que dôces sortes

„ Dos toros maternaes! E que Princezas
„ Idolos da fortuna, e das grandezas
„ Poderião nos dons ser confrontadas
„ Com estas duas Mãis affortunadas?
„ Era o Ceto pulcherrimo da Igreja
„ Que assoma; e qual aurora o Ceo alveja.
„ Ou antes era o Empyreo passeando
„ Pela terra, e encuberto a consagrando.
„ Era emfim a semente, que escondida
„ No seio do terrão, reproduzida
„ Hirá abrolhando rebentões virentes,
„ Que engrossando co' tempo, em coma ingentes,
„ Farão tal espessura, que me obrigo,
„ Que das aves do Ceo sejão abrigo.
„ Trabalha por transpor o claustro escuro
„ Tanto que pressentira do Ceo puro
„ Seu pregoeiro o Rei; e anticipado
„ Quer encher o preconio sublimado.
„ Então do Immenso alternão maravilhas
„ Da Levitica Tribu as duas Filhas.
„ A consorte anciã do taciturno,
„ Que do preclaro Abia rege o turno,
„ Sacerdote, tocada de almo zelo,
„ Co' a rival de louvor nutre hum duello.
„ Mas quanto mais encomios lhe condona,
„ Tanto a Virgem ao seu nada se abandona.
„ Se a faz milagre das terrenas filhas;
„ Responde-lhe, que o Ceo faz maravilhas.
„ Se, por ser Mãi do Eterno, a louva, e gava;
„ Torna-lhe, que do Eterno he mera escrava.
„ Se diz, que Deus he prodigo em favores;
„ Toma-lhe o tom, e entoa a Deus louvores.
„ Taes nas sestas amenas lá do estio
„ Duas aves, em mutuo dezafio,
„ Trazem o prado, e os mesmos ares cheios
„ De seus doces reclamos, e gorgeios.

„ Então compôz Maria o immortal canto,
„ Da humildade trofeo, do orgulho espanto. „
Desta arte o tempo os Anjos vão passando,
Cazos mil referindo, ou escutando.
Alguns louvando vão sua coragem
Sem par, e exemplo: quando na voragem
Do sanguinozo mar de hum Deus insonte
A scena vio impavida no monte...
Es tu, barbaro Moriá, a quem accuza
Co' eternas nenias lacrimoza muza
Porque notando a universal pintura,
Extincto o Sol, em lucto a etherea altura,
Dezabando-se os montes: do almo templo
O véo por si rasgado sem exemplo;
As rochas, por convulsas, escarpadas;
E dos mortos as cinzas reanimadas:
Ella só junto á Cruz em pé sustinha
O ar, e a magestade de Rainha.
Seccos os olhos seus, sereno o rosto,
Qual hum rochedo ao mar, e ao vento exposto.
Sendo que internamente a magoava
Ferreo gume de dor, que a apunhalava.
Tal de longe dos muros a cidade
Mostra tranquilla estar: mas na verdade
Dentro do seu recinto ferve tudo;
Presente-se hum murmurio vago, e rudo
De artes, pleitos, commercio, e hum giro insano;
Sem fallar nas paixões do peito humano.
Ha nos ermos do espaço hum volumozo
Planeta, de vapor sempre nublozo.
Onde os raios do Sol pouco clareão
Pelas fumaças turbidas, que ondeão
Os volcões, que ali fervem. Tão ingentes
Miasmas deitão, que da terra as gentes
Tem padecido ja, se o ar se empece
Da putrida infecção, que dalli desce.

Aqui postão-se os dragos de emboscada;
Por surprender a pompa descuidada.
Assim no immenso mar pirata forte
Em silada espreitando; de Mavorte
O ferreo globo sibilante emprega
Sobre incauto baixel, que ali navega.
Aqui extrahirão dos volcões ardentes
De enxofre, cinza, e sáes, ingredientes;
E assim mexerão, e taes voltas derão
Os chimicos do cáos, que compozerão
Este pó destructor, que tantos damnos
Cauzado tem aos mizeros humanos.
He de então, que se data no profundo,
Quando nasceo segunda morte ao mundo.
Ja vão tentar nos bronzeos instrumentos
Os seus sulfureos, infernaes inventos
Forjão enorme tubo, que acendido
Com o pó extourou: o grão ruido
Os fez rir: e desta arte nasce á terra
A bombarda medonha em paz, e em guerra.
Tentão depois panellas empregantes
De metralha mortal, que crepitantes
Vomitão na explozão milhões de mortes
Por varias partes, por diversas sortes.
Bocas de fogo mil são inventadas,
Nas formas, e tamanhos variadas.
Feros trabucos, longas escopêtas,
Balas ardentes, ferreas palanquetas,
Curtas clavinas, grossos bacamartes:
Mais fortes Egides dos bravos martes.
Invenções infernaes, artes guerreiras,
Da fera Libitina mensageiras.
Quaes os Cyclopes, que descendo, e alçando
Os malhos em cadencia, hião malhando
Nos metaes; a compor as armaduras,
Que Accidalia alcançou por mil ternuras

Do sordido marido, por que armado
Fosse o Troiano heroe, seu enteado;
Taes estavão os monstros denegridos,
Em diversas manobras entretidos.
Hum lima o bronze; aquelle puxa o folle:
Este do fogo o ferro em braza, e molle
Tira co' as mãos: estoutros na bigorna
Batem, revirão; molhão n'agoa morna.
Muitos estão c'os braços regaçados
Broqueando os cylindros torneados.
E desta sorte vazos mil fundirão
Ao pó fatal, que á pouco descobrirão.
Erguerão alem disto as magas artes
Do lugar por defeza baluartes;
Grossas muralhas, torres, baterias
Gargantas de vulcano, artilherias.
D'elles depois os homens he, que houverão
Esta arte matadora, a quem pozerão
De tactica de fogo o honesto nome,
Que a humana geração cresta, e consome.
Tactica, que abrazando o campo, e os mares,
Vai devastando os homens a milhares;
Com tal furor, com sanha tão renhida,
Como se fôra longa a curta vida.
Por toda a sorte emfim de ardis, e enganos
Tentão opor-se aos côros Soberanos.
Oh! cegueira fatal! Oh! teima estranha!
Como se contra Deus ha força, ou manha.
Dezertores do Olympo, astros cahidos,
Pelo orgulho, os exemplos aprendidos
A' custa de tão mizera experiencia,
Não vos domarão inda essa insolencia?
Mas tu, soberba, és tal: coiza pasmoza!
Que quanto mais calcada, mais teimoza.
Ja das portas de bronze torreadas
Vão sahindo na marcha acceleradas

As cohortes do Estyx: tremem nos ares
Negras bandeiras: tubas militares
Fazem tudo atroar. Nunca se virão,
Quando os paúes Niloticos cobrirão
As dez pragas, de insectos mais enxames;
Que ora do Dite as legiões infames.
Ja os eneos cylindros sulfurozos
Na explozão, e rugidos espantozos,
Nos celestes espaços ribombavão,
Das ignivomas bombas, que arrojavão.
Conhecerão os Anjos, que a anarchia
Do inferno vinha agoar sua alegria.
Como se o seu destino fôra o effeito
De hum solar, que não tem prazer perfeito.
Ou triste consequencia, e ferreo fructo
De hum crime original, de hum pai corrupto.
Bem podera, a querer, pôr tudo em terra
A Virgem, cujo aceno o Orco atterra.
Mas, ou porque intentava confundido
Ver o orgulho do inferno; e que vencido
Com todo o seu rancor, poder, e furia
Fosse dos poucos seus, que he mais injuria;
Ou porque ja inspirada conhecia,
Que opportuno favor do Ceo descia,
E que imprevista emfim qualquer victoria
Dava aos Anjos mais graça, a Deus mais gloria:
O certo he, que indifferente olhava
A manobra infernal, que Pluto armava.
Julgão-se poucos, e com pouco abrigo
Os Celestes á vista do inimigo,
„ Divina Guarda angelica, exclamarão,
„ Cujos raios no abismo ja arrojarão
„ Da soberba os dragões; se he esta empreza
„ Tua, tua tambem seja a defeza.
„ Salva o decóro teu, que esta victoria
„ He hum sacro dever de tua gloria.

„ Não diga por ludibrio o cáos sanhudo,
„ Quem he o Deus dos Anjos? Nelle escudo
„ Não tem: e assim teu nome tão sagrado
„ Seja no Extyx dos monstros blasfemado. „
Isto dito; eis se aprestão de concerto
As hostes repellir; quando no aperto,
O' escudo do Ceo, que nunca falha!
Antes de dar-se a horrizona batalha,
Chega o Nuncio do Olympo, o Enviado
Michael, que o cáos vendo em massa armado,
Aos collegas bradou: „ Não ha perigo,
„ Eis-me aqui, não temais, vede o castigo:
„ Vede como hum agente só do Eterno
„ Calca aos pés o rancor de todo o inferno.
„ Deixai-me essas falanges revoltozas,
„ Indoceis a mil quedas vergonhozas:
„ Vulgo sem brio, sempre derrotado,
„ Nem por tantas derrotas assizado.
„ Deixai-me, pois que ja por muitas partes
„ Fiz arrastar o pó seus estandartes:
„ Vereis ja dispersar-se esta caterva,
„ Qual fumo em vento, qual em fogo a herva.
„ Perante mim he tudo debil palha,
„ Que ao leve sôpro do tufão se espalha.
„ Se co' as agoas lustraes podem humanos
„ Atterrallos, nós entes Soberanos
„ Não poderemos mais? Nós escolhidos
„ Mensageiros do Eterno, e a elle unidos?
„ Podemos. „ Disse: e bravo, e em chama accezo
Brande o ferro fatal, e com tal pezo
Baquea no tartareo nevoeiro,
Que elle só vale hum batalhão inteiro.
Os olhos erão fogo, ira o aspeito,
Raios os braços dois, corage o peito,
E contra as furias do orco embravecidas
Leão, que atasalhando espavoridas

Ovelhas vai: Ja mais se vio na terra
Tão destro militar na arte da guerra.
Se os batalhões ferozes cá do mundo
Experto elle mandara, e furibundo,
Maior, que este Romano, ou Peno, assello,
Que nunca fora Cezar, nem Marcello.
Segue o exemplo gentil, e assim fazia
A milicia immortal, de que era guia.
Subito dando sobre os scelerados,
Que com golpes fataes são conculcados.
Fervem os dardos, chovem as lançadas,
Cruas feridas, feras estocadas;
He tudo confuzão tudo bravura,
Tudo se encontra, tudo se mistura.
Tal no tufão do vento repentino
Batem portas, o pó gira em contino,
Entenebrece o Ceo, em hum instante
Tolda-se o ar, á pouco inda brilhante.
Debanda-se o redil, fogem pastores,
Bate a fructa no chão, rompem-se as flores,
E das arvores sobem pelos ares
Em turbilhões, as ramas a milhares.
„ Fugi, sombras aerias, (exclamava
O Anjo exterminador) fugi, ó brava
„ Phlegetontea caterva, que o rugido
„ Do Leão de Judá tem já vencido.
„ Dizei ao vosso Rei, que deixe o Mundo,
„ E cuide só das trevas do profundo
„ Que a se prostituir foi a partilha,
„ Que ganhou-lhe a Soberba sua filha.
„ Dizei, que aqui não vão as negras furias,
„ Que no cáos soffrem seus grilhões, e injurias.
„ Que aprenda a se humilhar ja desde agora
„ A' Mãi do seu Senhor, sua Senhora:
„ Cuja sombra em Eden, se só possivel,
„ Lhe foi fatal; verá, que he mais terrivel

„ O vivo Original: e que se abstenha,
„ Se he que a novas desgraças não se empenha. „
Disse: e os monstros batidos evadindo,
Como chuva no cáos forão cahindo.
Taes as nocturnas aves vão-se embora,
Mal que assoma no Ceo Titonia aurora,
Buscando a escuridão, e não soffrendo
O farol, que as deslumbra, e vem nascendo.
Livre o campo, o jardim, o aprisco, tudo
Do agudo guincho seu, do dente agudo.
Ou taes nas salas fulgidas fenecem
As trevas, quando os cirios amanhecem:
Rutilos a brilhar lustres custozos,
Das artes os trofeos mais orgulhozos;
E tu, muda Poezia, alta Pintura,
Que és da nivea parede a formozura.
Emfim pagando estão com mil supplicios
Seus preversos ardís, seus artificios.
Porque no lar do horror, e da dezordem
Estas furias se irritão, e se mordem,
Como leoens raivozos, e sedentos,
Se abortão, ou naufragão seus intentos.
Eis os premios aqui, e os condemnados,
De que erão de seu amo esperançados.
Em hum golpe de vista se faz tudo:
O ar se aliza: o vento ficou mudo:
Dissiparão-se as nuvens: o Ceo brilha:
Torna a virginea paz, que he sua filha:
Em trono azul celeste a calma desce,
E a horrissona borrasca se evaece.
Passa o bem ao pezar, que dissipado
He menor, que o prazer, o mal passado.
Então co' a Virge o Nuncio reverente
As commisões encheo do Omnipotente.
Saibão porém as gerações do mundo,
Que depois que as estrellas no rotundo

Estellifero polo tem o imperio
Sobre as nocturnas sombras do emisferio,
Depois que o matutino, e croceo Etonte
Puxa o carro de aljofar no horizonte;
E as sombras, dissipados seus horrores,
Derretem-se em orvalho sobre as flores;
Depois que a onda irada quebra a furia
Na movediça arêa, sua injuria;
E á voz se humilha, que lhe diz possante:
„ Pára aqui, não escoes mais avante; „
Nunca em Deus se adorou tanta bondade,
Nunca em mortal se vio tanta humildade.
Acabado o cortejo, de concerto
Assentarão os Anjos ser acerto
Levar a Casta Mãi do Alto Messias
Ao lugar, onde estão Enoch, e Elias,
Porque fossem co' a vista recreados
Tão Santos Pais, Varões tão sublimados.
Pois que de longe tinhão ja previsto
Nas figuras da Lei a Mãi de Christo,
Vissem tambem de perto, e de passagem,
O proprio Original, depois da imagem.
Agradou o conselho: felizmente
Ninguem se oppoz: mas antes geralmente,
Obtida a faculdade da Rainha,
Para lá toda a pompa se encaminha.
Quanto he doce a virtude, quando alcança
Tocar a meta, extincta ja a esperança!
He nada a lucta antiga tranzitoria
Em razão do prazer, que dá a victoria.
Transmutão-se os espinhos, e os rigores
Em mar de góstos, em vergeis de flores.
Nesse instante rizonho, extremo instante,
Quizera mais perenne, e exuberante
A tortura da mal fadada vida,
Que coroa alcançou-lhe tão sobida.

Então, qual folha secca, a realeza
Dos sceptros se lhe antolha: a vã riqueza,
Deoza de argila vil, que o cego adora,
Por quem se avilta o avaro, o louco chora;
A fortuna, seus rizos, suas flores
Com as palmas dos bravos vencedores,
He tudo sonho vão, que se esvaece;
Ella só fica, tudo o mais perece.
O mesmo excelso Rey do ethereo assento
Ordena se lhe faça o acatamento:
E seus ministros, immortaes bellezas,
São os nuncios fieis de taes emprezas.
O' destino feliz! ó grão ventura!
Digna da inveja na maior altura.
O' virtude sublime! O' dons preclaros!
Porem fatal cegueira! Se são raros,
Os que o preço conhecem, que a sublima;
Quanto he mais raro o numero, que a estima!

FIM DO SEGUNDO CANTO.

ASSUMPÇÃO.

CANTO III.

ARGUMENTO.

Descripção do Paraizo, onde estão Enoc, e Elias. Hum ligeiro esboço de sua Missão. Pratica, que teve o Profeta Elias com a Senhora, em que lhe prova sua izempção á culpa Original. Elogio, que lhe fez o Patriarcha Enoc. Emfim rogão-lhe, que lhe narre sua morte, e seu triunfo.

HA no seio do Immenso huma paragem
Escondida aos mortaes; do Ceo imagem
Lugar Santo, ditozo, sem pezares,
Onde os prazeres girão a milhares.
Habitação da paz, solar do rizo,
E com razão chamado Paraizo.
Acola se entrelaça, como a héra
Co' rico Outono a olente primavera,
Frescos sempre os matizes da campanha
De perenne verdor, de graça estranha.
Não adulão a vista nestes prados
Arvoredos por ordem alinhados:
Nem marmoreas columnas Soberanas
De varias ordens Gregas, ou Toscanas.

Nem maquinas hydraulicas, que as puras
Aguas deitão por varias mil figuras.
Só reina a natural simplicidade,
Que excede sempre a arte em magestade.
O' Muza, dá a meos versos a doçura
Dos fructos, de que vou dar a pintura.
A manga doce, e em cheiro soberana,
Que imita o coração, no galho ufana,
De hum lado a crócea côr, e fulva exalta
Do luzente metal, que a muitos falta,
De outro lado porem retrata aquella,
Que o pudor chama ás faces da donzella.
Pendendo estão dos ramos verdejantes
Os cajus, á saude tão prestantes;
Huns amarellos, e outros encarnados,
Das gostozas castanhas coroados:
Talismans, que lhes deo a natureza,
Por não se fascinar tanta belleza.
Odoriferos jambos coroados
Alvejão na vergontea apinhoados.
Negreja o lizo abrunho, emvolto em lucto,
O qual da Syria veio: e o debil fructo,
Que la de Cerasûtha o nome toma,
Por Lucullo trazido á velha Roma.
Entre as folhas gigantes laceradas
Dos bananais espessos arranjadas
Lourejão suas filhas; aguçando
O apetite, e os olhos afagando.
Dos folhudos festões estão pendentes,
Pelo tronco trepando, os recendentes
Fructos da agreste flor, quadro imitante
Do martyrio, e paixão de hum Deos amante.
Gemem emfim as arvores curvadas
Com o pezo das fructas sazonadas.
Do limão virginal, da aurea laranja,
Pomos d'oiro talvez, que em vossa granja

Hisperedes zelaveis: mas colhidos,
São por Tyrinthio a Euristheo trazidos.
No mesmo ramo encanta a formozura
Da fructa em flor,: da verde, ou ja madura:
Mostrando a natureza aqui reunido,
Quanto n'outros sazões tem repartido.
Tal matrona fecunda em proles bellas
Nubeis tem, huma ao collo, e outras puellas.
Assim n'hum quadro só pinceis mui habeis
Dezenhão mil objectos deleitaveis.
Assim por São João, no mez nevado,
Depois do esbulho teres supportado
De tuas ramas velhas, ó roseira,
Aos astros te aprezentas lizongeira,
Quando as novas de rozas mil enxertas;
Humas inda em botão, outras ja abertas.

Em vão nedios racimos a encrespada
Vide, que com o olmeiro está cazada
A' luz febea expoem, tanta riqueza
Ai! da pompa he troféo, he só belleza.
Aligero cantor da etherea estancia
Apenas prova parte da abundancia.
Tal era a sorte de outras muitas fructas,
Sempre das mãos intactas, e incorruptas.
Tal a da pinha, que trazida outrora
Do Eóó paiz, berço da aurora,
Com seo nectar suave torna escravos,
Abelhas do monte Hybla, vosssos favos.
Tal a tua, ananáz, rasteiro, e baixo:
Mas que tens por coroa alto penacho,
E vestido de escamas, qual guerreiro,
Hum hálito bafejas lizongeiro.
Nem baixo te reputes deshonrozo:
Tal de Carlos o pai, mas foi famozo.
E o bravo lá da Emathia, na estatura
Apoucado, foi raio da bravura.

Sem dar accesso á Phébo a intonsa coma,
Os bosques todos são troncos de aroma.
Seos ramos elevando aos áres puros,
Ao vento indoceis, ás borrascas duros;
Tudo, quanto perfuma o ambiente,
Balsamos, canella, incenso ardente,
E tu, cedro odorifero, que exhalas
Fragrancia, ardendo nas Circéas Salas;
Quando do Ithaco os Socios lá chegarão,
Que em ursos pela Maga se voltarão.
A Cynirea prole criminoza
Do bello Adonis mãi, toda choroza,
Lembrada inda do crime, ali goteja
A lagrima gelada, e bem fazeja.
Vegeta a rama, e a folha perfumante,
Com que Daphne roubou-se ao cego amante.
Negros picos, e fragas se avistavão
Que ao longe os ceos serenos topetavão;
Donde se despenhando crepitantes
Alveos de varias lymphas escumantes;
Vinhão dormir nas fraldas, e campinas
Sobre leitos de areas cristalinas.
Tanques bordados do matiz de Flora,
Doce attractivo do cantor da aurora.
Prateados peixinhos agitando
As caudas, pelo fundo estão brincando.
Pelos prados floriferos serpeão,
Humecthando o matiz, de que se arreião,
Perennes agoas, fontes peregrinas,
Quaes liquidas riquezas argentinas.
Rolando vem com ellas pelo fundo
Folhetas d' oiro; e tudo, quanto o mundo
Em preço tem; o rigido diamante,
O rubi, que da braza he semelhante;
A amathista, a chrysolita, a turqueza,
Lapidadas da propria natureza.

Às margens dos ribeiros são teçumes,
Que o ar incensão com subtis perfumes.
Rasteira madresilva, hervas cheirozas,
Do fresco orvalho sem cessar chorozas.
Assim como na seda, ou rica tella,
A agulha brinca da gentil donzella;
Tecendo com mil fios, e mil cores
Primorozos padroens, varios lavores;
Tal era destes prados a pintura,
Que das agoas recebem a frescura.

Ali, purpureo cravo, tu vegetas
Sem sentires do Sol ardentes settas.
Sempre fresco, e brilante, sempre inteiro,
Eterna a tua cor, eterno o cheiro.
E tu, sol dos jardins, roza engraçada,
Que ja na Tyria cor, cor sublimada,
Ostentas de Rainha a preminencia
A vegetar ali tanta excelencia
Ostentas, que em belleza inda as mais bellas
Vences, como no Ceo Phebe as estrellas.
Vecêja de Hiemen a' estranha planta,
Cuja amendoa torrada o gosto encanta.
A flor, que desabroxa só nocturna,
E se aggrava ao raiar a luz diurna.
E a triste em cór tambem, que matizando
De rouxo o prado, á Igreja está imitando
No tempo, em que na cinza amargurada
Chora do Espozo a scena ja passada.
A magdonia thuricrema, que incensa
Do grão Temistitão a riba extensa:
De quem a florecencia dáta os annos,
E epocas memoraveis dos paizanos.
O amarello Ipé, tão lizonjeiro
Nas ribeiras do placido Janeiro:
Prezado berço meu, que fez a sorte
Do aurifero Brazil o centro, e a Corte.

Por cujas matas, solidões amenas
Tambem correm Castalias: e as Camenas
Ao som das citharas do Pythio loiro
Affinão vozes, cantão versos d'oiro.
Tambem do alpestre Corcovado descem
Perennes agoas, que não desmerecem
As que borbulhão sobre a arêa fina
Do talco argenteo, lá na Caballina.
Brilha emfim a familia toda em summa
Da balsamica Flóra, que perfuma.
Diversa nas especies, e figuras,
Grata nos cheiros, linda nas pinturas.
Anemones, jasmins, goivos, acantos,
Roxos lirios, perpetuos amarantos;
Cujas faces os Zefiros beijando,
Vão lascivos o ár enbalsamando.
Não menos brilha, e ostenta, que o de Flora,
O alado esquadrão, que ella namora.
Pelas margens do lago, em passo lento,
Procura a nivea garça o seo sustento.
Geme a casta rolinha lá da inculta
Brenha, quando o calor do Sol avulta.
Curvada com seo pezo, sobre a espiga
Ja loira do arrozal, a doce intriga
Modula o coleirinho, e lá do ramo
Da aroeira responde o gaturamo.
Sobre hum tronco despido o empavezado
Pavão eis que escurece co' doirado
Dos olhos do pastor e bellas pintas,
Mensageira de Juno, as tuas tintas.
Cruzavão pelo ar, bem como flores
Aligeras, alados de mil cores.
Dirieis, que a brilhante primavera
Deixando o prado, matizava a esfera.
O pequeno colibrio, esta ave rara;
Troféo na pequenez da Mão, que a ornara,

Ostenta o peito d'oiro; e esvoaçando
Com susurro, e tremor, anda libando
O nectar, e dulcissimos sabores,
Que encerra o calix das mellifluas flores,
Pygmeo na esfera das gentis volantes,
Se na esphera das aves ha gigantes.
Vê-se o ninho co' bico o passarinho
Tecer, so da consorte o alado arminho
Soccorros tem; e na cruel fadiga
Ser o peito o compaço o instinto obriga.
Porem nas dimensões com tal destreza
Que não céde ao Geometra em certeza.
Aqui paixões não ha, não ha cuidados,
Nem dezejos de gloria illimitados.
Nem ciumes de amor, e a van cobiça,
Que o fogo da ambição ao peito atiça.
Não soão bronzes tristes, e agoureiros,
Das pompas Sepulcraes mil pregoeiros.
Nem o rouco tambor bellico: a bandeira
Não treme em batalhões; nem tu, guerreira
Tuba, despertas com teu som tirano
O povo a esperdiçar o sangue humano.
Tange a virginea paz, balha a alegria,
Ou se recolha o Sol, ou nasça o dia.
Somente sóa o gorgear das aves,
Cujos reclamos são, e éccos suaves,
Dos Padres a harmonia em doces hymnos,
Do Ser interminavel metros dinos.
Metros doces, grãdiloquos, alçados,
Por elles concebidos, e rimados;
Que na gloria, em que exultão, não desprezão
As filhas da memoria, antes se prezão
De cultivar esta arte peregrina,
Que com sublimes dons, com voz divina
Eterniza a virtude, e Omnisciencia
Do Ser, que he mesmo a gloria, he mesmo a Essencia.

O triste enchame das doenças magras,
E as salutiferas potagens agras,
Que tu, pharmacia provida excogitas,
Acolá não se encontrão: taes desditas
Dezertão deste clima venturozo,
Sempre salubre, sempre vigorozo.
Tambem ignora o innocente sólo
A intriga da chicana, a fraude, e o dolo.
A fêa ingratidão, cuja torpeza
Deshonra a mente, e mancha a natureza.
E a fome, que aconselha sempre o crime;
E outros, de que se o mundo nunca exime.
Ja mais ali se vio lá no horizonte
Erguer-se a nuvem roxa atraz do monte:
Que géra com estranha brevidade
Trisulca chamma, horrivel tempestade.
Só bafeja hum favonio meigo, e brando,
Que o ar affaga; e que de quando, em quando
Boliçozo derrama das folhinhas,
Em riquezas de aljofar, mil gotinhas.
Nada emfim há de quanto afflige, e atterra,
Sereno sempre o ar, serena a terra.
Não direi, que no ámago da annoza
Faia, se esconde Dríada formoza.
Que os travêssos Capripedos dão saltos
Na campina, alternando bailes altos.
Que as Napeas, brincando pelos prados,
Seos rizos lhes consagrão, seos agrados.
Nem que velho Sileno, honrando os velhos,
Dicta ao joven Thioneo almos conselhos.
Não, só prezidem Anjos tutelares,
Que do lugar dissipão os pezares.
Nunca os jardins da fama celebrados,
Ja mais forão com este equiparados.
Aquelle entre os Pheáces applaudido,
E do Argolico Cisne encarecido;

Canse-se a muza, e fique emfim cansada
Do cantor Esmirneo; á este he nada.
Esse outro, que ostentara a realeza
No soberbo festim, e a grão riqueza
Do consorte de Esther, e houve a cultura
De mãos scepthrigeras; he van pintura.
O Tempe de Thessalia, que escaldára
Outróra o estro, dos que a lympha clara
Beberão do Aganipe, e do Parnazo;
Ao pé deste painel he vacuo prazo.
Vós mesmo, que a pezar da grão carreira
De seclos desaseis, vista fagueira
Ao Macedonio déstes, ó immensos
Babilonios vergeis, no ar suspensos;
Vós sois brinco infantil, sois mero rizo,
A' vista deste illustre Paraizo
Risco do Arquitector, que sem compaço
Curva linha traçou no ethereo espaço.
Feliz habitação, se cá no mundo,
Ou se fóra do Ceo, painel jocundo
Podesse haver da Bemaventurança;
Tu foras copia só, só semelhança.

Em grutas de alabastro, matizadas
De rozas, por jasmins entrelaçadas.
Habitão em perennes alegrias
Os Santos Anciaons Enoc, e Elias.
Acolá não se vê ouro, ou diamantes,
Nem lagrimas Memnonias rutilantes,
Nem trofeos de extructura alta, e sobida;
Que nisto não está o prazer da vida.
Doirados tectos, pavilhões custozos,
Tambem cobrem suspiros amargozos.
Ornára a lapa a madre natureza
De nobre gosto, mas com singeleza.
Huma vide fecunda, alta, e ramoza,
De luzidios pezos orgulhoza,

Verdejante docel ali tecia,
Impervio aos raios do fanal do dia.
Aureas prizões pendentes não brilhavão
De aligeros gentiz, nem precizavão:
Que na vide milhões destes cantores,
Tecendo ninhos, e nutrindo amores,
Com perpetuos trinados dos raminhos
Lizongeão de cima os dous vizinhos.
    Ali plantada estranha arvore estava,
Unica, e singular; que se chamava
A arvore da innocencia: abastecida
De folhas d'oiro; grossa, annoza, e erguida.
No atufado da copa alta, e sombria,
Qual frondoza Jaqueira parecia.
Nella se aninhão leves, e contentes
Os dons, que o Ceo envia aos innocentes.
Cujo gorgeio vario, e amigavel
Soava a confuzão, mas deleitavel.
Saltão por entre as folhas as riquezas
Ineffaveis da graça; que as tristezas
Costumão dissipar dos peitos justos,
No receio de errar sempre entre sustos.
Os sonhos rapidos, que em seus grosseiros
Leitos duros adejão: lizongeiros
Trazendo-lhes de noite á fantazia,
Quanto pensarão sobre o Ceo de dia.
Vôão tambem as alegrias puras,
Que os tornão insensiveis ás torturas:
E os dezejos celestes attrevidos,
Na côr das azas rubros; os gemidos
Do testemunho são da consciencia,
Que he o brazão, e a gloria da innocencia,
E, sua filha, a paz; que acode ao rosto,
E excede a todo vão terreno gosto.
Perenne fonte mais rizonha, e clara,
Do que quantas a fabula sonhara,

Ali está sempre, e sempre lacrimando,
Por entre areas d' oiro serpeando.
Quanto matiz reveste a vernal flora,
Que o povo alado de Aristheo namora,
Com suave perfume, e mil encantos,
Thuricremando estão aos Varões Santos.
Varões raros, varões assignalados,
Por Deus ali retidos, e guardados
Para os fins, que elle sabe; e estão a espera
Dos destinos, que o Ceo delles fizera.
La no fim das idades, quando o mundo
Caduco, e a dilirar, for n' hum profundo
Abismo de maldades submergido;
E o Senhor de mui poucos conhecido;
Quando o crime sem pejo, impune, e velho
Surdo for da virtude ao são conselho,
E a vil degenerada humanidade
Desconhecer decoro, e probidade;
Hum monstro surgirá no meio disto,
Denominado a Besta, ou Anti-Christo.
Scelesto! Que blasfemo, e sem respeito
Ouzará disputar todo o direito
Só proprio do Eternal, como vapores
Nabatheos, templo, altar, adoradores.
Seu imperio fatal será disperso
Nos dous polos, que abarca o Universo.
Seus batalhões crueis, quasi sem conto,
Como folhas do bosque, agoas do ponto,
Hirão rapidamente assoberbando
Os incolas do globo; aos pés calcando
Os povos Boreaes, aondé mora
A gente, que primeira salva a aurora:
Os que Phebo no mar vem sepultado:
Aquelles, onde sopra o congelado
Austro, e as inhospitas longinquas ilhas,
Da madre terra as engeitadas filhas.

O triste, que o ferrete, e o nome infame
Do monstro em si negar, hum novo enchame
De males soffrerá, tão espantozos;
Quaes nunca virão seclos desditozos.
Com esta Hydra truculenta, e fêa
Tem de sahir os dous Heroes a arêa.
Mas em quanto não chega, o voto ardente
Desafogão dizendo: „ Oh' se decente
„ Fora ao fraco mortal chamar futuras
„ Desgraças, por tirar dellas venturas;
„ Quizeramos ja ver o fim fadado,
„ De nossos sacrificios coroado.
„ Todavia, cruel, se os nossos votos
„ Podem ja int'ressar tempos remotos;
„ Se nossas vozes candidas, e puras
„ Ja romper ouzão as barreiras duras
„ Do teu solio fatal, com ancia incrivel
„ Nós te imploramos, sim, que o mais terrivel
„ Traces de exquizitissimos tormentos,
„ Cruzes, rodas, punhaes, brazeiros lentos,
„ Ou peiores ainda; mas que a vida
„ Não cures suffocar logo na lida.
„ Sê ao menos com nosco nisto humano,
„ Que esta graça he do genio d'hum tirano.
„ Pois no largo penar, na longa calma
„ Se te cresce o rancor, nos cresce a palma. „
Era o primeiro hum velho agigantado
De membros, que mostrava ter gozado
Do mundo antigo a força tão crescida,
No diluvio depois enfraquecida.
Erão suas feições, se bem que idozas,
Na cor, e simetria, magestozas.
Os membros bem talhados: a figura
Perfeitissima: em fim toda postura
Mui regular; por quanto inda a maldade
Não havia estragado a humanidade.

Se o destro Fidias outra vez quizera
Traçar com magestade a effigie vera
Em marmore de Jove, sem desvelo
Tinha neste Ancião nobre modelo.
Porem Jove piedozo, terno, brando
Não em furor, ou raios dardejando.
Não se sabe a materia, que trajava,
Se era lan, ou se linho; descansava
Sobre hum bastão de nós, tão grande, e grosso,
Que sem encarecer affirmar posso,
Que hum mancebo d'agora, o mais robusto,
Não o movia, sem mover com custo.
Tinha outro porte o Vate do Carmelo,
Cingindo os rins de sedas de Camêlo,
A barba intonsa, e crespa áte ao peito
Felpudo; fresco o rosto; mas o aspeito
Hum tanto carregado, e parecia
Que inda o fogo do Ceo descer fazia.
Nos momentos, que aos extases restavão,
Scientificas materias dissertavão
Co' Genio tutelar do Paraizo,
Ornando a mente, enriquecendo o sizo.
Que he do grato saber tão doce o enleio,
Que até nos Divos serve de recreio!
A' sombra de huma faia alta, e frondoza
Nutrião a conversa deleitoza.
Ao pé assentados de huma cristalina
Fonte, que murmurando hia a campina.
A' pressa; de huma penha derivada
Sempre de orvalho, e verde musgo ornada.
Logrando n'hum só ver toda a belleza,
Que não costuma unir a natureza.
Lymphas, que fogem, aves mil fagueiras,
Fructas á vista, e flores lizongeiras
Ao olfacto; e mil objectos divertidos
Que apraz á mente, e enlevão os sentidos.

Ali da sempre provida natura
Revelava o Celeste a formuzura:
Seus segredos, seus dons, suas riquezas,
Que escapão inda á humanas subtilezas.
Bem como a reunião do corpo, e alma,
Seu mutuo influxo nas paixões, ou calma,
Das asserções zombando extravagantes,
Que dilirão, ou sonhão arrogantes
Filozofos subtis; nome que allude,
A' quem mais rixa, o vulgo ignaro, e rude.
Descobrindo aos profetas, que o tangente,
Do orgão visual era somente
Dos seres a extenção multiplicada,
Em varia côr, ou fórmas terminada.
Que as essencias das cousas, que as naturas
Erão inda noções vagas, e escuras.
Que dos quatro elementos confundidos
Se combinão os corpos conhecidos.
Falsa a materia prima decantada,
Nem tal, nem qual, nem quanta. O que? só nada.
Depois bellos discursos acrescenta
Sobre o fluxo, e refluxo, que aprezenta
O Tridente infiel: cujos segredos
Natura inda nos feixa em seus enredos.
Segredos, que fadigas não pequenas,
Por decifrar, tem dado á doutas pennas.
Sendo os caprichos tantos, e os avizos,
Quantos são, dos que pensão, os juizos
Tambem á Scena veio a tão renhida
Questão da cor infame, e denegrida,
Que ao travez das idades succedentes,
Tingindo vem a tez das Afras gentes.
Mas no ramo prolifico, e frondozo
Do Reino vegetal, que o Poderozo
Dedo Eternal brincara de primores;
He onde mais se expraião os louvores.

„ De certo assombra, o Anjo proseguia,
„ Como huma causa só tanta energia
„ Produz em tão multiplices sugeitos,
„ Tão diversos fenomenos, e effeitos.
„ A virtude matriz se communica
„ Por milhões de canaes, que ramifica
„ O pervio tronco, erguida ao mais alçado
„ Botão desde a raiz, que o tem brotado.
„ Aqui he huma flor, ali novinho
„ Rebentão, que se torna em hum raminho.
„ Acolá huma fructa saboroza,
„ Que a cor vem despontando d'oiro, ou roza.
„ Mais alem huma folha, ou a cortiça
„ Do tronco que se engrossa, ou que se erriça.
„ Tal por arte sagaz do jardineiro
„ O vergel vai regando todo inteiro
„ De huma só fontezinha a lympha pura,
„ A orvalhar por sulcos a verdura.
„ Na estação hiemal quasi que estanca
„ O bemfazejo humor; e mal que arranca
„ A barreira fatal, que maravilhas!
„ Que novas raças vem de verdes filhas!
„ Rico Outono, vaidoza Primavera,
„ Patentea os thezoiros, com que impera
„ A pingue meza lauta, e o apparato,
„ Que á donzella, e altar serve de ornato.
„ Que riquezas, que dons, que formuzura,
„ Que tanto esmalta a universal pintura!
„ Novos Ceos eis assomão, nova terra,
„ Que o humido vapor de vós desterra.
„ Tristes vestigios, restos, que imprimira
„ O pé brumal, ao Sol quando fugira.
„ Brilha o olho do Ceo puro, e sereno;
„ Rutilo o ar, rizonho o prado ameno,
„ O verde, e vegetal veludo flores
„ Traja, como atavios de mil cores

„ A pudica puellą, que medroza
„ Ao pubere offerece a mão de espoza.
„ Ris-se a relva do vale, ris-se a fonte,
„ Ris-se ao longe tambem musgozo monte.
„ Vem alados insectos susurrantes
„ Roubar os succos melicos fragrantes.
„ Sôa das aves nova sinfonia,
„ He das graças o tempo, he d'alegria.
„ E tudo fausto agouro da riqueza,
„ Que ostentará no Outono a natureza;
„ Quando as massas offerte, ja guizadas,
„ Nos cheiros, e sabores variadas.
„ Em cujo gosto, e madurez trabalha
„ Não pouco o astro, que de noite falha.
„ Foi de certo em taes dias, que o morgado
„ Do predio universal se vio creado
„ Entre flores, e fructos; bafejando
„ Do suave galerno o sopro brando.
„ Antes de repartir co'a immensa raça,
„ Em retalhos da terra a immensa massa.
„ Foi então que luzirão as estrellas
„ Pela primeira vez no polo; e as bellas
„ Tochas d'outros luzeiros lá do Olimpo,
„ Ditoza a terra, o Ceo sereno, e limpo. „
Assim passavão rapidos momentos
Os incolas dos gratos apozentos,
Quando chegão em fim os conductores
Da Puerpera Diva: e os dous cultores,
Como a vissem chegada, a vassalagem
Vão render a tão alta personagem.
Vio-se então o lugar, de si mimozo,
Co'a prezença da Virgem mais formozo.
Não troavão as boccas de vulcano,
Equivoco prazer, som deshumano.
Pois não tinha inda o orco revelado
Do pó desolador o infausto achado.

Não tinião das grimpas retangidos
Os bronzes festivaes, nem extendidos
Se avistavão tapizes recamados
De lavores, no Hydaspe trabalhados.
Nem baluartes de sulfureas massas,
Agoiros quasi sempre de desgraças.
Só murmuravão mais as claras fontes,
Ja no fundo dos vales, ja nos montes.
Os gorgeios das aves recrescião,
Que os angelicos ecos repetião.
Os prados, as florestas perfumavão
Mais grato aroma, que té li incensavão.
Retinião nos bosques, e nos ares
Os vivas, e os applauzos á milhares.
Ja mais nas manhans frigidas de Agosto
Assoma a aurora com tão ledo rosto,
Bordando as flores, e doirando a esfera,
No retorno gentil da primavera.
Nestes jubilos pois, e neste rizo,
Entrava a pompa pelo Paraizo.
Esse, que ao mundo veio, antes que o Mundo
Fosse tragado pelo mar profundo;
Ferido de clarão tão dezuzado,
Extasiou-se: mas o illuminado
Vidente da Iduméa, que de perto
Vira hum raio da gloria no dezerto,
Reverente curvou-se; e desta sorte
Obrigou-lhe a romper o seu transporte:
„ Oh Deus! Oh grande Deus! sempre estampado
„ Nas obras de teu braço; onde em traslado,
„ Ou ellas sejão grandes, ou pequenas,
„ Nellas descrevem ineffaveis pennas,
„ Em gyroglificos, a sacra historia
„ De teu nome, e poder, de tua gloria.
„ Na rocha colossal certo ar grosseiro
„ Vejo, mas nisto mesmo hum dom fagueiro.

„ A gruta solitaria, a inculta brenha
„ Tua mão poderoza me dezenha.
„ O verme d'oiro, e vil, que o pó revolve,
„ Tambem misterios tem, tambem involve
„ Graças mil, como a linda pregoeira,
„ Que do Ceo preconiza a luz primeira.
„ E assoalhando a terra, e os mares d'oiro,
„ De Pátaras acorda o Numen louro.
„ Porém se couzas taes são só brinquedos
„ De teu rico pincel; quaes os segredos
„ Serão do nunca visto dezempenho,
„ Onde estala o trovão de teu dezenho?
„ Tecem as aves delicados ninhos
„ Aos penugentos languidos filhinhos;
„ Urde o verme delgados ricos fios
„ Por fugir ao rigor dos ares frios;
„ Só se gerão nas conxas prateadas
„ As lagrimas da aurora congeladas;
„ Trono d'óstro, e de gemmas preciozo
„ Para si se adereça o rei vaidozo;
„ E tu do rei, da perla, da ave, e insecto
„ Senhor, serás tão pobre, ou tão abjecto,
„ Que hum azilo não busques mais prestante,
„ Que a seda, o oiro, a perola, ou diamante?
„ Que mais florido thálamo fizeras,
„ Quando em pompa de espozo descenderas
„ Dos paços Paternaes, por humilhar-te,
„ E á natureza escrava despozar-te?
„ Que misterios de premios, de grandeza
„ Nelle desperdiçados? Que riqueza?
„ Mas ah? que o tal portento está prezente:
„ Deslumbra os olhos meus, deslumbra a mente;
„ Que se na solidão não vissem parte
„ Ja do lume, que aos Divos se reparte;
„ Hesitarião nesta conjuntura,
. Se era Deus, o que vem, se creatura. „

Como isto disse, a face fez voltada
Para a Virgem (que esteve transportada
Até li contemplando dous humanos,
Quasi eternaes nos seus longévos annos.)
„ Filha dos Patriarcas, disse, O' germe
„ Do Profeta Real, que impubre e inerme
„ Ja rompia leoens, teu valimento
„ Não foge ao meu pensar: n' outro momento
„ Eu te vi nuvem fertil, que desfeita,
„ A' terra a sede mata, e verde a enfeita.
„ Vio Carmelo tambem, Soumér o sente,
„ Que em flagelos do Ceo ardia a gente.
„ Mas vio-se por ventura, o que ora vejo?
„ A virgindade mãi, fecundo o pejo?
„ Quiz-lo assim o Pintor da azul esfera,
„ Quem lhe hade perguntar, por que quizera?
„ Tal da velha raiz, ja corcomida,
„ Brota o pomo feliz, pomo da vida.
„ Tal no Leão, ja morto, encontra o bravo
„ Terror dos Filistheus melifluo favo.
„ Oh que distancia vai! Oh quanta altura
„ Do vivo Original á copia escura!
„ Esse ar de magestade, que dardeja
„ Teu rosto Divinal, faz que se veja
„ Em teu porte, eu não sei que Soberana
„ Gra•a mais que terrena, mais que humana.
„ E's filha, sim és filha do primeiro,
„ Que a prole degradou, e o mundo inteiro.
„ Mas herdando-lhe o sangue, e a natureza,
„ As pensões não lhe herdaste da fraqueza.
„ Por quanto o Eternal, ja condoido
„ Do flebil réo, decreta ao desvalido
„ Remedio prompto dar; e assim procura
„ Por ministra fiel apta Creatura.
„ Mãi do Deus, que nas trevas enluctado
„ Acudir-lhe viesse; o braço irado

„ Desarmando, que lá do alto fulmina
„ O raio vingador; e que commina
„ Eterna pena á culpa; e a face volta
„ Ao Colono de Eden, que se revolta.
„ Ja nos golfos da universal belleza
„ Do Archetypo Exemplar, que a profundeza
„ Do Eterno Saber no seio encobre;
„ Rara idéa gentil eis que descobre.
„ Nos olhos virginaes tão pura, e Santa,
„ Que aos mesmos olhos do Exemplar encanta.
„ E's tu, que d'entre as nuvens, e os frequentes
„ Horrisonos trovoens, raios rubentes
„ Da escura noite do delito enorme,
„ Em que o proscripto Par sem pejo dorme,
„ Assomas; qual aurora auri-raiando,
„ Do crime as negras trevas dissipando.
„ Vieste, mais por ser a maravilha
„ Da graça, e nosso ser, que flebil filha
„ Do grão Prev'ricador: mais por salvallo
„ Do naufragio fatal, que tanto aballo
„ Hia cauzar á vasta redondeza,
„ Que por participar sua fraqueza.
„ Mais por Mãi do Redemptor sublime,
„ Que por herdar do Protoplasta o crime.
„ Vieste medicar-lhe a peçonhenta
„ Ulcera, na gangrena tão violenta,
„ Que recursos achara o triste enfermo
„ Só no Amor, que em recursos não tem termo.
„ Vieste pois seccar o nosso pranto,
„ Ser da Estyge fatal, fatal espanto.
„ Sim vieste por ser nossa vingança,
„ Doce bem, clara luz, certa esperança.
„ De outra sorte seria despojada
„ De ti a natura, ó joia sublimada.
„ Nesse mar do Poder inexhaurivel
„ Toda engolfada, apenas só possivel.

„ Aos olhos dos mortaes sempre escondida,
„ Só do que tudo sabe, em fim sabida. „
Isto dizendo, ergueo-se diligente
A ceifar as boninas, que o ambiente
Estavão perfumando: e entretecendo
Fresca grinhalda, do que foi colhendo;
Ao carro sobe, e desmentindo os annos,
E a Virgem coroando, disse = Humanos,
„ Não deveis estranhar-me a liberdade,
„ Se esquecido ao dever das cans, e idade
„ De flores cinjo a frente de huma filha,
„ Raio do Cáos, dos Ceos a maravilha.
„ Filha, que acaba de vencer a morte,
„ Que não póde da terra o heroe mais forte.
„ Sou raiz desta flor, quem não consente
„ Que hum instante o prazer me escalde a mente?
„ Vendo-a Mãi de seu Deus, nossa ventura,
„ Meu sangue honrar, honrar toda a natura?
„ E que causas mais tem, ou que motivos
„ As nações, por poderem os altivos
„ Guerreiros coroar de loiro, e flores,
„ Que voltão das campanhas vencedores?
„ Dem-me a disparidade da proposta,
„ Que se vencido for, cedo á reposta. „
Surrio-se então a Virge; e com festejos
Recebeo do bom velho os bons cortejos,
Admirando a feliz simplicidade
Dos homens, que nascião n'outra idade.
Mas a grinalda, dizem, que saltara
Pelos ventos ao Ceo, e se tornara
Constellação de estrellas, mais brilhante,
Que a coroa de Ariádne rutilante,
Ou qual de Berenice a loira coma,
Que aos astros elevada, o lugar toma
Junto a cauda do bruto da Nemea
Silva, e com sete alampadas clarea

Nossa methamorphose acontecida
Foi, segundo a razão mais aplaudida,
Mui longe; pois que a vista a não alcança,
Nem lentes de alcançar tem esperança.
Neste tempo voltava de seu rapto
O Santo velho Enoc. Qual mentecapto
Chorava, e ria; e a Neta elogiava,
Segundo o que a ternura lhe dictava.
Contando-lhe, que lá nessa priméva
Idadé a lacrimoza infeliz Eva,
Nas tregoas de seu pranto, ja bebia
Por ella algumas gotas de alegria.
Que ja abrazadas ancias, que mil votos
Lhe acenavão de tempos tão remotos.
Que os loiros, que do virulento drago
Alcançara, de Eden depois do estrago;
No seio das familias conservada,
Era a victoria em fé não alterada.
Que as matronas cóévas, que gozavão
Dos primitivos ares, ja a chamavão
Porta d'oiro do Ceo, morte da morte;
Louvando a signa, e lhe invejando a sorte.
E com razão: „ Porque ditoza Filha,
„ (Acrescenta) entre nós se he maravilha,
„ Luzeiros germinarem das mulheres,
„ Genios de vôo audaz, altos saberes;
„ Que prodigio não he, do teu materno
„ Seio a Prole abrolhar do proprio Eterno?
„ De sublimes heroes ser mãi confesso,
„ Que he sorte de invejar, que he excelso preço,
„ Que he aquelle brazão, aquella gloria,
„ Que atroa o mundo, e que embelleza a historia.
„ Mas o que he, que isto tem de novidade?
„ Transpoem accazo as Leis da humanidade?
„ Porem que huma terrena, huma menina
„ Seja a Mãi de seu Deus, sem ser Divina;

„ Isto sim, quanto a mim, he grão misterio,
„ Que da mortal razão transcende o imperio.
„ Curem êvos debalde ennobrecer-te,
„ E de titulos vaons enriquecer-te:
„ Chamem-te estrella, chamem-te ornamento
„ Do côro Angelical, do ethereo assento;
„ Chamem-te os homens gloria soberana
„ Da progenie de Adão, da raça humana;
„ Lizongeem-se as Virgens da ventura
„ De seres do seu sexo Creatura.
„ Chame-te o peccador seu forte escudo;
„ Tu és a Mãi de hum Deus; nisto está tudo.
„ Mas se deozas não ha, antes a idea
„ De deozas a eternal noção a ffêa,
„ Donde vens? Ou que tens de affinidade,
„ Para ser Mãi de hum Deus, co' a Divindade?
„ Procurar-te exemplar inutil fora:
„ Es unica, e de ti só imitadôra:
„ Nem antes, nem depois tens concurrente:
„ Deus nascido, não nasce novamente.
„ Esta ventura pois, esta alegria
„ Só te pertence. „ O velho isto dizia
Todo convulso, fixo no cajado,
De pasmo, e de hum prazer doce inundado,
E o pranto, que de gosto está brotando,
A crespa barba, e algida molhando,
(Bem como hum debil, mas perenne rio)
De gota em gota vai, de fio em fio.
Depois deste cortejo tão luzido,
A estes dous moraes só permittido;
Fizerão á Senhora os Anciões
Repetidas propostas, mil questões:
Sobre a vida innocente, sobre o Advento
Do Messias, da Lei, termo, e ornamento.
E a estrella de Jacob, como foi preza,
Sendo o Arbitro, e Deus da natureza?

E o Leão de Judá porque revezes
Tragou no Mória tão amargas fezes?
E o Sello em fim, que á liberdade humana
Pozéra a Mizericordia Soberana?
„ Conta-nos, O' Filha, (acrescentarão)
„ Os cazos mais notaveis, que passarão,
„ Teu brilhante triunfo, tua morte,
„ Pois té nos trouxe aqui tão doce sorte.
„ Ja se calão as aves por te ouvirem:
„ Abrem-se as flores para te aplaudirem:
„ Emudece o favonio, dorme a esfera,
„ Troncos, fructos, ribeiros, tudo espera
„ Com profundo silencio, e ancia louca,
„ Ouvir' noticias taes de tua boca. „
Não se pôde negar a Virgem Santa
A' tantas rogativas, á ancia tanta.
Rogativas de illustres personagens,
Que ja do Filho tinhão sido imagens.
Rogativas de Avós, que merecião
Por mil outras razões, o que pedião.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

ASSUMPÇÃO.

CANTO IV.

ARGUMENTO.

Narra a Santa Virgem a pregação dos Apostolos. Suscita-se na Igreja de Efezo a primeira perseguição contra os fieis por intriga de hum Ourives, por nome Demetrio. Caridade de S. João Evangelista com hum Chefe de Salteadores. Progressos do Evangelho.

AGORA Santa Igreja, tu me inspira
A narração da Virgem: minha Lira
Não invoca outra Muza, nem procura
Do Hélicon beber a Lympha pura.
Precede-me em vereda tão fragoza
Que sem a tua faxa luminoza
Eu não posso atinar, nem hir seguro
Por entre as densas trevas deste escuro.
Assim do claro Filho ella te alcance
Novo grupo de Heroes, que te affiance
Altas virtudes, feitos não vulgares,
E sejão os trofeos de teus altares.
Heroes, de quem tu digas sem receio
Nas vaidades das cans: „ Este á luz veio

„ N' hum berço d' oiro, e óstro, á quem ventura
„ Bafejou logo ao vir: mas lá d' altura
„ Desta gloria fallaz tudo despreza,
„ Honras, cargos, fortunas, e nobreza,
„ Porque na patria dos contentes herde
„ O bem, que herdado, nunca mais se perde.
„ Aquelle era gentil, hum nobre porte,
„ Hum lizongeiro ar lhe coube em sorte.
„ A téda nupcial sua aspirarão
„ Puellares votos; mas em vão tentarão:
„ Que do niveo pudor ao forte abrigo
„ Da gangrena geral foge o perigo.
„ Este o sceptro calcou, este diamantes,
„ Aquelle o sangue illustre, ou mil prestantes
„ Destinos, affectando de pequenos
„ Nos aureos tectos, nos festins terrenos,
„ Para serem hum dia poderozos;
„ Socios dos immortaes, com Deus ditozos. „
Eis vem a Dea, eis vem! He minha muza,
Que ao meu clamor, e votos não se excuza.
Oh? quanto he santa, e bella? Oh? quanto? he filha
Do Ceo; e do Ceo rara maravilha!
Dos hombros virginaes lhe está cahindo
De estrellas d' oiró hum véo: seu rozeo, e lindo
Semblante Angelical, seus puros olhos,
Onde o pudor fez ninhos, por antolhos
Tem o plano do chão. Tanto he verdade,
Que nella brilha a fé, brilha a humildade!
Sobre o peito lhe vibra o raio ardente,
Signal do amor com Deus: traz refulgente
Na dextra huma aürea Cruz; arrhaz, que o Espozo
Nas nupcias lhe prendou, Jezus mimozo.
He ella a interpréte da voz divina,
Quem me aponta a vereda, quem me ensina.
Ja me sinto em furor, della huma chamma
Desce á meu peito, e ja meu peito inflama.

Fugi do canto divinal, sublime;
Vós, ó fabulas vans, fugi: que he crime
Mancha-lo da fallaz mithologia,
Com que a filha do Caos, a idolatria,
Banida ja das terras, e dos mares,
Proscripta sem mais templos, nem altares,
Inda quer ostentar de magestade
Nas inhospitas aras da verdade.
Não se esperem de mim turbidos ventos
Clauzurados em odre: nem portentos
De cavallos enormes de madeiras,
Que pejarão em si tropas guerreiras.
Nem gigantes membrudos denegridos,
Em cabos tormentorios convertidos.
Nem matas encantadas, cujas ramas
Feridas da bipene, arrojão chammas.
Hipocrene, Aganipe, vós, ó fontes
Da Beocia, secai em vossos montes;
Que em vós não beberei as aguas puras
De arcanos tão profundos. Taes pinturas
Não finge o sacro vate, e veja a terra,
Que os Successos da Igreja, e quanto encerra
Na pureza do culto de disvellos,
Sem pedir emprestado os sonhos bellos
Dos pagões, tambem luxo, arte, e valia
Tem das graças, e rizos da Poezia.
Ja calados estavão, anciozos
Os Profetas de ouvirem os famozos
Feitos da Virgem Mãi, e as aventuras
De seus santos trabalhos; quando as puras
Pupillas levantando ao cristalino
Ceo, como a lhe implorar favor Divino,
Com voz pudica, nobre, e lizongeira
Começa em fim, e foi desta maneira =
Depois que o immenso Rei da etheria altura,
Do Esplendor Paternal Verbo, e Figura,

Concatenando a morte, o atro Averno,
Marcou a Redempção do Sello eterno;
Depois que com o sacro ajuntamento,
Producto de seu sangue, em hum momento
Subio azul abobada estrellante,
Impassivel, feliz, formozo, e ovante;
O mundo, caros pais, para meus olhos
Foi triste solidão, terra de abrolhos.
Victima só de hum pranto infatigavel
(Não sei se viva, ou morta) inconsolavel
Passava os dias, como em noite escura,
Sem prazer, sem repouzo, sem ventura
Tal era o meu viver, tal meu estado,
Depois que o Ceo galgara meu Amado.
Se na terra se póde chamar vida,
Pena tão lenta, morte tão comprida.
Mas ja por este tempo a aurea buzina
Do Evangelho atroava a Palestina.
E vendo o almo soenado pregoeiro,
Que era curto o terreno; o globo inteiro
Reparte; por que houvessem os Athletas
Mais vasta arêa, mais longinquas métas.
    Estes são os varões tão conhecidos
Pelo nome de Apostolos: sobidos,
Genios raros, predestinados justos
Para fins pelo Eterno, os mais augustos;
Que assombrarão de feitos singulares
D'Africa, Europa, e Azia, a terra e os mares.
E a Santa Igreja, nossa Mãi, fundarão,
Que de heroicos exemplos sublimarão.
Humanos d'outra raça, e d'outra espece,
Que por seus altos feitos bem parece
Dignos de repartir co' Verbo as glorias
De seus rudes combates; das victorias
Da Cruz apologistas, pregoeiros
Da Salvação geral; filhos, e herdeiros

Desse Divino amor, e em seus ardores,
Entre os maiores Santos, os maiores.
Soffre tudo o mortál, menos se tocão
Em sua crença, e á duvida revocão.
He cicatriz, que dóe, mal que tocada,
Nos penetraes do peito radicada.
Das informes noções, que abrolha a infancia.
Ao raiar a razão, mais importancia
Tem, e pezo as da fé, que o embalarão,
Misterios, que seu berço iniciarão.
Concentrão-se com tanta profundeza,
Qne parecem surgir da natureza.
Menor duvida pois no innato culto
Seria hum sacrilegio, ou grave insulto.
De sorte que, se vem com ellas erro,
He custozo extirpar-se o seu aferro.
Era Deus em Judéa conhecido
Somente: o resto em trevas submergido
Da idolatria: a qual, como c'os annos
Engrossasse, era o culto dos humanos.
Nos Licêos, nos Estóas apurada,
Na egide das Leis sempre escudada.
Culto em fim dos senhores, e pequenos,
De todas as nações, todos terrenos.
Tambem authorizava a iniquidade,
Que aborta a mais atroz perversidade.
E era tal de seus Numes o appetite,
Que ignorava o pudor freio, ou limite.
Não só Deozas do Olimpo violavão,
Mas as mesmas mortaes idolatravão.
Baixas methamorphozes inventando
Por haver das paixões o fructo infando.
Desta arte os caracteres tão sublimes
Da Divindade á denegrir com crimes.
Mostre a prole de Acrisio as gotas d'oiro,
E tu, que a Europa déste nome, ó toiro.

Pois por quem se ultrajarão mil bellezas,
Ou que premios houverão das fraquezas?
Fallem por pejo mais, que maravilha,
Do cisne Leda, e Io da novilha.
Que scenas mais pueris, e extravagantes,
Que os Deuzes ver correndo dos gigantes,
Vagar aqui, e ali, sempre assustados;
Nas grutas, e nas brenhas eclipsados?
Em ridiculas feras convertidos,
Por não serem dos monstros percebidos?
O mesmo Jove que do Olimpo atrôa,
Com a prole bastarda só povôa
De Deozes Ceo, de Semideozes terra:
Feito: que a idéa Divinal desterra:
Elle foi por lascivo, chuva d'oiro,
Carneiro, Cysne, e Aguia, em fim foi toiro.
Era o orgulho decóro: gentileza
Immolar o rival, honra, e nobreza
Praticar os horrores da vingança,
Ou ter em cinza a braza da esperança.
Eis a tua moral, Politheismo.
Que tinha de extirpar o heroismo
Destes claros varões assignalados;
Pregoeiros de Deus, do Ceo mandados.
Ja qualquer com denodo avança o norte,
Que apontou-lhe o destino, ou teve em sorte.
Este golpe fatal buío o ferro
Do meu longo esperar. Ja em meu desterro
Da saudade voraz a sede occulta
Em novas frágoas meu amor sepulta.
Ja do pezo terrestre desprender-se
Quer minha alma, e qual chamma, ao centro erguer-se.
Crebros votos de fogo aos Ceos voavão,
Que a meu ver, surdo bronze retratavão.
Redobrão-se-me as anceas, cresce o espanto,
Ja não tem tregoa a dor, e no meu pranto

Chorando sem cessar me parecia
Que o bem, por quem chorava, mais fugia.
Entretanto o Ancião, que aos mais precede,
Dos Syros a metropole por séde
Arroga-se, onde aquelles, que adoptarão
De Christo a Fé, Christiados chamarão.
Brazão, de que a Romulea primazia
Não te litiga, ó celebre Antioquia.
He este aquelle Cephas atrevido,
Dos asseclas do Verbo o mais sobido.
Cujos atrevimentos, e bravura
Forão filhas do zelo; e se da altura
Se despenhou, ergueo-se mais ditozo
Por mil tropheos, que ergueo de lacrimozo.
Feliz! que revelara a Divindade
De seu prezado Mestre: alta verdade,
Ao sangue, e á carne impervia; e em consequencia
Só podia inspirar-lhe a Trina Essência.
Confissão mais que humana! Fé sobeja!
Que obteve as chaves da nascente Igreja.
Didimo, cuja crença mal segura
Tactea o Vencedor da morte escura,
Didimo, Anjo veloz, ja voa aos mares
Eóos, e annuncia entre os palmares,
Por onde sôa o Indo, e o Ganges mora,
Aureos berços do Sol, terras da aurora.
O Araxis, e o Oxa, cujas fontes
Borbulhão do alto dos Armenios montes,
O Eufratres, que co' Tigris se mistura,
E no Persico mar tem sepultura,
Ouvem o som da tuba sublimada,
Que por Bartholomeo fora embocada.
As gentes, que debaixo do Ceo crescem,
Onde do Hespero os raios resplandecem;
E os colonos, que Phebo sepultar-se
Vem nas ondas do Atlante, e os que banhar-se

Uzão na aurifera corrente fria
Do occidental Ibéro, tem por guia
O filho do trovão, filho mais velho,
Titulo, que adquerio por seu conselho.
Aquelle, que ao traidor collega avaro
Succedeo no lugar com zelo raro
Fez da graça troar as maravilhas
Nas plagas, que lhe houverão por partilhas.
..... O' Colchida, que outr' ora o grão thezoiro
Guardaste do Lanigero veo d' oiro,
A quem por conquistar, nautas primeiros
Sulcão do Euxino o golfo; aventureiros,
Que emprestarão a vida á fraco lenho
Com ferreo peito, e nunca visto empenho;
Tu, ingrata, por premio da doutrina
Tragico fim lhe deste. Em Palestina
A palmifera Edom, tão detestada
Dos Hebreos pela crença adulterada,
Berço infame, e natal, terra maldita
Do tigre uzurpador Ascalonita;
E as tres Arabias, onde torna á vida
A Fenix dos aromas renascida,
A Petrea, a Feliz com a Dezerta
Ouvirão de Thadêo a nova certa.
O Lavrador do campo preciozo,
Por onde corre o Nilo paludozo,
O Nilo, que gigantes da arte banha,
Quando alaga de Menfis a campanha;
E os que morão na adusta Mauritania,
Fertil em Tigres, como a bruta Hyrcania,
Receberão a Lei do Christianismo
De Simão com as agoas do Baptismo.
Felippe, á quem o Verbo assim prezava,
Que, como c' hum amigo, concertava
O soccorro efficaz, e o meio certo
Da multidão nutrir lá no dezerto;

Felippe á Troade a verdade aclara,
Que este foi o paiz, que lhe tocára
Malfadado paiz, que em cinzas virão
Argivos batalhões: onde luzirão
De Priamo os alcaçares doirados,
Hoje, terrenos da charrua arados!
Que direi eu de ti, Tarcense illustre,
Vazo d' oiro, e da Fé fulgente lustre?
No Ceo á grandes sorvos os arcanos
Bebeste, e não da boca dos profanos.
Regarão de ante mão á nós teus olhos
Efezo, então cerrada só de abrolhos.
Que nação, que paiz, que mar, ou ilha,
Que sendo de teu fogo cara filha,
Deixou de ouvir de tua boca d' oiro
O Evangelho da paz, do Ceo thezoiro?
Mas que premio valeo teu ministerio,
Para o qual fraco premio era hum imperio?
Ah? que duros grilhões ennobrecerão
Teus pes evangelistas? Que soffrerão
De golpes aleivozos, e insolentes
Os teus virginios membros? Que vehementes
Afflições devoraste? Quanto chôro
Por sustentar a Igreja em seu decoro!
Mas em quanto ella alsar marmoreos templos,
Cujas cupolas trôem dos exemplos
Do Verbo; em quanto a ceifa de escolhidos
Fizer entre a ervilhaca confundidos;
Em quanto confessar de acorde assenso
Huma fé, hum baptismo; hum Deos immenso;
Restaráõ sempre impressos na memoria
Teus trabalhos, teu nome, tua gloria.
O mais moço Thiago cinge a frente
Primeiro, que os Collegas, da luzente
Grinalda do Martyrio na Cidade,
Que a urna negra encheo da iniquidade.

O trilho aponta audaz, marcha adiante,
E ao paiz das estrellas sóbe ovante.
Pastor Santo, e tão Santo, qne sem custo
Os povos indicavão: *Eis o Justo.*
Mas de Cephas o irmão, que o exercicio
Rematou no humilhante Sacrificio
D'huma aspa doloroza, a luz espraia
Por toda a região da nova Achaia.
Os que pescão nas agoas Eritreas
Do ramozo coral as ricas veas;
Onde restão depois mais de mil annos
(Dizem) triste lição dos Soberanos!
Do Rei de Taphne perfido as carroças
Embebidas na area; e as vis palhoças
De Auxuna, sobre as trevas assentadas,
Forão pelo Leví regeneradas.
Em quanto á mim segui por tudo o trilho,
Que foi traçando meu recente filho:
Foi ultima vontade, e assim testado
D'outro Filho no Ceo ja descançado.
E por tudo dizer, as preciozas
Perolas de seus olhos, que as piedozas
Faces ião tingindo, e os seus suores
Regarão de Anatolia os moradores.
Partimos pois da terra Deicida,
Onde eu nasci, oh sorte denegrida!
Para serem meus olhos fontes puras
De hum pranto assiduo, de mil desventuras,
E o que sem culpa as penas me cauzava
Menos por Filho, que por Deos chorava.
Porque posto ser Mãi, toda a ternura
Não me cegava o ser de creatura.
Fugimos pois das lugubres moradas
De Sólima, que as mãons inda banhadas
No sangue tinha, e o ferro parrecida,
Com que a vida attentou do Author da vida.

Abordamos emfim na grão Cidade
De Efezo, centro, e azilo da impiedade.
Onde o solio assentara, e altivo inspira
O fóco do erro, o sceptro da mentira.
Ali se vião inda os bellos restos
De hum Perystilo, infame dos infestos
Incensos tributados á figura
Da Triforme, real só na impostura.
Aonde o luxo da Azia amontoava
Columnas, e columnas: e ostentava
Primores de piedade, e de riquezas,
Sem perdoar fadigas, nem despezas.
Mas era por chorar, que em muitas partes
Vendo-se estes trofeos de engenho, e artes,
Quando se demandava o sacro vulto,
Alvo das devoções, do seio occulto
Do Santuario se diviza ufano
Hum bruto, hum monstro, hum corpo meio humano;
Ou algum feio, e immundo Crocodilo
Gerado em charcos do septemfluo Nilo.
O toiro, que na relva ao jugo arava,
E a quem o camponez aguilhoava,
Da hi a pouco ja divinizado
Recolhia, de flores enramado
Do mesmo camponez Sabéo incenso
Com magoa, e opprobrio da razão, e senso.
Tal era o Deus, e taes os Sacrificios
De tão sublimes aras, e edificios.
Por zelo deste templo decantado
O cazo aconteceo, tão desastrado
Aos primeiros fieis da nova Igreja,
Por obra de Satan, ou sua inveja.
Este antigo homicida, que tirano
Protestou sempre ser do fraco humano
Não podendo tocar na augusta Alteza
Trina, que o doma; vai sua braveza

Nas sombras exercer da humana raça,
Com quem mais vale, se não vale a graça.
Evoca a si do Caos as negras furias,
Prestes sempre a vingar suas injurias.
Satellites fieis de sua intriga,
Dos mizeros mortaes raça inimiga.
Eis ja vem a vingança, espadanando
Com agudo punhal sangue execrando
E a ira sua irmãa, que blasfemava
E com furor os dentes se ferrava.
Vem a libertinagem com surrizo
De fel amargo, e sem rubor, e sizo
Motejando de tudo, seja humano,
Seja divino, seja emfim profano.
Vem tambem a calumnia de cem bôcas,
Que ainda parecião-lhe ser poucas,
Dilacerando a honra, armando enredos,
Ja com publica vóz, ja com segredos.
Monstros, por linguas tantas tão enorme,
Como por braços o Briareo informe.
Seguio-se a inveja, de magreza morta:
Tumido o ventre, a boca negra, e torta:
Os olhos vesgos, por madeixas finas
Grenha uzava de bichas serpentinas.
Ja mais Thisiphones, ja mais Megéras
C' os flagellos nas mãos, forão tão feras,
Nunca o abismo gerou furia mais feia,
Cujo dente mordaz a gloria alheia
De contino tritura: fatal fome!
Que mais faminta á faz, quanto mais come.
Apparece o ciume depois disto
Dos affumados carceres: malquisto
Sempre a si mesmo; insomne, sem socego
Tendo a vaga suspeita por emprego.
Cujas entranhas roe, e nellas pasce
Hum verme, que não morre, antes renasce;

E que arguindo os Ceos, e a dura sorte
Em vão em seu soccorro implora a morte.
Vem outras mil de horrendas cataduras,
Varias no officio, varias nas figuras.
  Mas de toda esta raça adulterada
Sómente a Hipocrezia he, quem lhe agrada.
A Hipocrezia, monstro horrendo infando,
Máo agouro do culto venerando:
Eumenide a mais vil, que vira Phébo,
Das irmãns, que abortára a noite, e o Erebo.
Prothéo da Santa Ley, que toma, e larga,
Já com face rizonha, ja co' amarga
Tantas formas, e gestos, tantas côres
Quantas vé, que convem á seus horrores;
Que no peito trâz fel, na boca favos,
A' quem perjuros são fieis escravos,
Pois nega a mente infame, quanto jura
A sacrilega boca, a boca impura.
Obra de ferro vil com casca d'oiro,
E tendo só o verniz, finge hum thezoiro
Das virtudes: censora da maldade,
Mas dentro apologista da impiedade.
  Ja lá do Reino escuro a mensageira
Do despota infernal parte ligeira;
E por onde passava, hia deixando
Ar de peste, que tudo vai matando.
Perdeo o claro Sol a luz rizonha
Assombrado de furia tão medonha
Seccão os ramos, murcha a relva fria,
Cahe pelo chão a fructa, que pendia,
Morre nos áres a ave melindroza,
Busca a féra o escondrijo de medroza,
E as flores, ornamentos da campina,
Perdem o cheiro, e a cor mimoza, e fina.
Qual cometa sanguineo, e cabeludo,
Que no espaço do Ceo, que cobre tudo,

Se apparece, he signal de peste, ou guerra,
E outros males, com que se o vulgo aterra;
Tal a furia infernal, feiá odioza;
Ao prado, ao mar, á esfera tão damnoza,
Por toda a parte em fim, por onde corre,
Cresta tudo, e invenena, e tudo morre.
Então na terra hum certo artista havia,
Escravo da avareza, que fundia
Nichos de argento á Dea; e como o rude
Vulgo a supestição arrasta, e illude,
Com elles o fervor da plebe atiça,
Se bem que era seu zelo só cobiça.
Mas ja por este tempo o Evangelho
Invectivava o erroneo culto: e o velho
Pagão sem mais lucrar, com sanha dura
Commina raios, e vingar-se jura.
Occultando o veneno da maldade
Debaixo do verníz da piedade.
Então a Hipocrezia, qual cobrinha
Subtilmente no seio se lhe aninha.
E depois de enroscar-se mançamente
Pelo mirrado corpo, mortalmente
Vai por veias, entranhas, e polmões
Derramando a peçonha á borbotões.
Meditando ja meios de vingança
Busca o leito o perverso, em que descança.
E os negros dolos, que pensou de dia,
Traz-lhe em sonhos de noite á fantazia.
Era ja madrugada; quando o somno
Mais suave exercita de seu trono,
N'huma parte do globo, outro emisferio,
Sobre os lassos mortaes seu doce imperio.
Toldava a noite o ár da sombra escura;
Inda a porta rachada, e mal segura,
Que o inimigo nocturno não recêa,
Não tinha aberto o rustico na aldêa.

Ao longe sobre o monte hia assomando
A fria estrella d'alva, lacrimando
Fresco orvalho nas flores; e o brilhante
Clarão doirava a onda tremulante.
Batia ao longe o mar, silencio havia
Profundo em tudo, tudo em fim dormia.
Somente as sentinellas prateadas
Da caza etherea velão acordadas.
Era o tempo dos sonhos agradaveis,
Mas para os máos são sempre detestaveis.
Sonhava pois Demetrio, (este era o nome
Do ourives, que de inveja se consome)
Ver dispersas n'hum campo armas divinas,
Hum arco, hum carcaz d'oiro, settas finas:
N'hum ribeiro brincando descuidada,
De suas nymphas Trivia acompanhada:
Trivia, que hum caçador fera arguia,
Que ali veio sem dolo; e tanto ardia
Em rancor, e vingança a Déa insana,
Que em cervo converteo-lhe a fórma humana.
Eis contra seu Senhor ja se enfurecem
Os rabidos mastins, que o desconhecem.
Qual no dorso lhe ferra, qual nos braços,
Este ligeiro atraz lhe tolhe os passos:
Aquelle fila a orelha, e em ira accezo,
Se mais sacode-o a fera, está mais prezo:
Outros pela fadiga aprezentando
A rubra lingua estavão arquejando.
Dando em vão Acteon tristes gemidos
Entre o estridor confuzo dos latidos,
Vendo as mãos ja fendidas, e pezada
A testa da cornigera galhada.
„ Eis aqui, ó Demetrio, como eu trato
„ (Diz Diana) o que insulta meu recato.
„ E assim farei comtigo, como o culto
„ Meu não cuides zelar. E quem, estulto,

„ Quem te deslumbra a vista, que não veja
„ Os males, que me atrahe a nova Igreja?
„ He crivel que hum punhado só de atheos
„ Insinuem no mundo hum novo Deos
„ Estrangeiro, sem nome, e differente,
„ Dos que brilhão no Olimpo refulgente?
„ Não sabes, que na crença a novidade
„ He por si criminoza, he ja maldade?
„ Depois de tantos évos, que em paz gozo
„ O amor dos Ephezios, tão ditozo
„ Socego vem huns perfidos roubar-me?
„ E eu heide soffrer, e não vingar-me?
„ Se os Gaulezes, porque sómente a caza
„ Sonharão esbulhar, onde se abraza
„ Incenso á meu irmão, o lindo Apolo;
„ Elle eclipsou-se, fez tremer o solo
„ De Cecropia; e o Deus Pan enfurecido
„ Deitou calháos de hum pezo tão subido,
„ Que os sacrilegos tanto se aterràrão,
„ Que poucos ao natal paiz voltarão;
„ Eu que lá do Acheronte sou Rainha,
„ Eu espoza do Rei, sua sobrinha,
„ Heide aturar com animo indulgente
„ Huma ousadia tal? Não certamente.
„ Dos oraculos da lei terás ouvido
„ Que de Hymineo aos thalamos prezido:
„ Que posso, se me apráz, esses penhores
„ Soffocar ao nascer de seos amores.
„ Se pois meu templo santo, o que não creio,
„ For ultrajado; juro sem receio
„ Pelas agoas do Extyx, (ah' juramento,
„ Que os deozes fáz tremer do ethereo assento.)
„ Juro tomar dos berços tal vingança,
„ Que o destroço menor seja a matança: „
Dice: e ja neste tempo á luz febêa,
Que a estellifera cinta aurea rodéa,

Pelo Horizonte nitido corria
Em alizares d'oiro os véos ao dia.
    Desperta então o idolatra aterrado,
De frigido suor mortal banhado;
Julgando que da Deoza os rastros vira,
Quando aos paços do Olimpo se partira:
E que ainda sentia a grata, e fina
Fragrancia, não da terra, mas divina.
Ja narra á plebe o sonho, que o enganava,
E á plebe a narração amotinava.
Brada logo o tumulto sublevado
Pela affronta do templo profanado.
Geme a suprestição, queixão-se as aras,
Do Oraculo as respostas são aváras,
Murmura o erro, ferve a impiedade
Amotina-se emfim toda a Cidade.
Eis pedras, páos, e ferro, armas, que apanha
O povo, quando indomito se assanha,
Contra os novos fieis subito chovem
Que cauzão compaixão, e á pena movem.
    Nesta moção fatal vio-se envolvido
Hum mancebo inda imberbe, ja instruido
Nos misterios da Lei, e de tal sorte,
Que não temeo por ella expor-se a morte.
Então o Anjo tutellar da Igreja
Embóca a trompa curva, e a vóz sobeja
Que com tumida boca vai soprando,
Pelos ares retumba; apregoando,
Que hum mancebo Christão hia á verdade
Da sua crença dar na flor da idade
Testemunho: attestando a primazia
Do novo culto sobre a idolatria.
E assentado depois sobre a mais alta
Grimpa do templo o som da tuba exalta,
Por que excite melhor a novidade.
Ja se espalha o rumor pela Cidade,

E immensos olhos para ver convida
O Santo joven, que despreza a vida.
Aquella, que lha deo, corre apressada,
Tanto que soube, livida, e assustada,
A fim de o desviar pela ternura
De huma acção, que julgava desventura.
E com està expressão, e singeleza,
Que em cazos taes inspira a natureza,
Mais lacrimoza, e triste, que eloquente,
Desta arte falla ao Santo adolescente. =
„ Meu filho, porque arriscas huma vida,
„ Que tambem me pertence: e que perdida
„ Não poderei ja mais sobreviver-te
„ Pela' força da magoa de perder-te?
„ Inda mal poderia consolar-me
„ Se a razão, que tu tens para deixar-me,
„ Fosse nos seus motivos justa, e pura,
„ Mas ah? que he o summo extracto da loucura.
„ Que? tu deixas as aras da verdade
„ Por hum vago rumor da novidade?
„ Delirio de huma seita mal nascida
„ Apenas sobre a terra apparecida?
„ Ouzas aventurar tua carreira,
„ Que agoirava brilhante, e lizongeira
„ Por bens futuros, premios escondidos,
„ Que ninguem vê, que fogem aos sentidos?
„ Dezertas de huma lei, que soberana
„ Marcha ao travez dos seclos, sempre ufana,
„ Recebida, e adorada por verdade
„ Por todos, e por tudo, e em toda idade,
„ Por outra, cujo author desconhecido,
„ Dizem, que pereceo n'hum lenho erguido?
„ E cumpre a esse Deus, que na orfandade
„ Fique a mãi, e mizerrima saudade?
„ E he justa Lei, a Lei, que assim condemna
„ A victima innocente á eterna penna?

,, Não soffre a natureza, que aos penhores
,, Sobrevivão os pais de seus amores.
,, Talvez por lhe poupar a dura sinna
,, Que a magoa da saudade, e amor cõmina.
,, Assim por suas leis, e altos conselhos
,, Descem primeiro ao tumulo os mais velhos;
,, E a prevenir-me o fim, tens a leveza
,, De desmentir a vóz da natureza?
,, Ah? se de tua lei tudo isto emana,
,, Maldize a lei, ó filho, que te engana.
,, Não sentecees logo, ouve o conselho
,, Do amigo fiel, do experto velho.
,, Vê, que da sorte eterna a segurança
,, Deve estribar-se em solida esperança.
,, Em materias de pezo não vulgares
,, Péza, o que fazes, faze o que pezares. ,,
Outras palavras taes dizia a triste
Mãi, e o Santo mancebo, que reziste,
Qual rocha ao mar em furia, lhe tornava,
Que o mais negro pezar, que o acompanhava,
Era ver, que a deixando, inda existia
No tenebrozo Cáos da idolatria.
,, Mas aquelle (acrescenta) por quem morro,
,, Espero te dê luzes, e soccorro.
,, E sabe em fim, que a vida que se rende
,, Por elle, se não dura, mais se extende. ,,
Tanto da nova lei era o conceito,
Que a graça havia impresso no seu peito!
Vendo hum tal dezengano a Mãi turbada
Redobra o pranto, e diz-lhe mais magoada =
,, Eis-aqui no que parão os disvellos
,, De tua creação: e os nimios zelos
,, Da quelle ardente amor na tua infancia;
,, Ai! quando nos meus peitos a substancia
,, Nutria, por nutrir-te do alimento,
,, Sempre entre insonios, sem socego, e alento. ,,

(Isto dizendo, afflicta, e soluçando
O seio femenil foi-lhe apontando.)
„ Desconheces, ingrato, ella acrescenta
„ As penas que a mulher experimenta
„ Ao dar o fruto á luz, que traz comsigo,
„ E de a sua perder o igual perigo?
„ Acazo de meos olhos te apartavas
„ Descontente, se a graça me rogavas?
„ Gemeste alguma vez, que eu não gemesse,
„ Ou soffreste tambem, que eu não soffresse?
„ E agora com espinhos, e cruezas
„ Coroas tanto amor, tantas finezas?
„ Oh seio desditozo? e quem pensava,
„ Que nelle hum frio gelo vegetava?
„ Ah! se por te criar te confiara
„ A' mãos alheias certo confessara,
„ Que com o leite tu bebeste a insania
„ Da mais raivoza tigre lá da Hircania:
„ Ou tóxicos de alguma atra serpente
„ Do frio Caucazo, ou da Libia ardente.
„ Pois bem: se nada valho em teu conceito,
„ E he tão grande o furor, tanto o respeito,
„ Que esse Deus te merece, eu te conjuro
„ Pelo que ha mais sagrado, santo, e puro,
„ Que me deixes morrer primeiramente
„ Ao menos, pois não tardo: e então contente
„ Sacrifica mil vidas, se tiveres,
„ Pela lei, pelo Deus, que tu quizeres. „
Nisto os golpes redobrão os algozes,
Cahe o Martir, inda a ouvir as tristes vozes
Da Mãi, que pela dor desfalecida
Em braços a seu lar foi conduzida.
Venturozo menino, se na idade
De annos tão juvenis a piedade
Ouvir tanto fervor, e esforço tanto,
Não poderá conter nos olhos pranto.

Flores espalhará sobre o jazigo,
De tuas cinzas virginaes abrigo.
Teus loiros, teus trofeos, teu peito forte,
Faráõ della invejada a tua sorte.
Imprimirá seus labios de ternura
Nos teus quadros, prodigios da pintura.
Assim na sombra o amor santo illudido,
Que ao vivo original he só devido.
E em tanto, que brilhar culto, e verdade
Nas aras do Evangelho, em toda idade
O teu busto gravado em aureos templos
Será trofeo da Fé, será de exemplos.

Foi então, que Aristarco, e o nobre Caio
Terriveis hum, e outro, como hum raio,
Contra a impostura, a prova mais sobeja
Derão de sua fé, e apêgo á Igreja.
Vingadores da lei, a vossa gloria
Co' tempo avultará na sacra historia.
Tal o rio no berço he fraco, e pobre,
Não tem nome famozo, não he nobre;
Mas depois que do alveo se alongando,
E de alheios caudaes vai-se engrossando;
Depois que immensa mata, e mil campinas
Fertiliza das agoas cristalinas,
E os gratos camponezes, e pastores
O carregão de bençaons, e louvores;
Então he hum Monarca apotentado:
E se ao grande Oceano fero, e irado
A vassalagem túmido tributa;
He novo mar, que a outro mar disputa.

Não poucos dos fieis neste tumulto,
Ou tragarão a morte, ou novo insulto.
Nas victimas não ha rumor, nem queixas;
Não altercão razões, não soão reixas;
Antes co' o peito impavido, e silentes
Olhão a morte, tão indifferentes,

Como se forão bronzes na dureza:
Ou d'outra raça, ou d'outra natureza.
Ja corre d'entre os ossos as entranhas
Das victimas christiferas, que estranhas
Flagelações tornavão descarnados,
Purpurinos de sangue, em vez dealbados.
Estes seus membros na catasta ardente
Vem aos poucos torrar-se: outro innocente
As lividas espádoas laceradas
Por mil unhas de ferro assicaladas.
Não poucos deslocadas as junturas
Sobre equleos crueis. Ja das cinturas
Arrancão das bipenes d'aço fino,
Os que por bom tem feito tão indino.
Cahe a victima, e assim triunfa exangue
Co' a palma dupla da verdade, e sangue.
Feliz perseguição, sangue bem quisto,
Primicias do martirio dado a Christo,
Presagio ja seguro, fausto agouro
Dos triunfos da Lei, em tellas d'oiro
Tu começas tingir as pudibunbas
Flores niveas, e as rozas rubicundas,
Que as roupas bordarão da Espoza amante,
Quando seus loiros, e triunfos cante.
Qual desta vida amara, e descontente
Passa á gozar d'alegre eternamente!
Qual do ferro do algoz marcado fica,
E a marca, mais que hum sceptro o glorifica!
Qual sem poder erguer as mãos, que atadas
Atraz estão, apenas orvalhadas
Ergue as pupillas para o Ceo propicio,
Para ao Ceo offertar seu sacrificio!
Tal he da Igreja a sorte: a raiva, e as furias
Do cáos se lhe sazonão em venturas.
Assim no mar a rocha, que sustenta
Dos procellozos Euros a tormenta,

Passada a tempestade, enriquecida
De perolas se vê; que a embravecida
Onda a luctar co' as ondas arrancara
Das entranhas do mar, e lhe arrojára.
He hum tronco immortal, e germinante;
Cujo verdôr, se com subtil trinchante
Decepa o agricultor; elle de novo
De germes substitue hum tenro povo.
Sua força se engrossa nos tormentos,
Qual o mar, que se empola com os ventos.
As rudes tentações a glorificão,
He oiro em fim, que as chammas purificão.
    Qual viagem feliz, que em segurança,
Vento em poupa á favor, mar em bonança,
Leva ao hospito porto o fragil lenho,
Onde o calozo nauta traz o empenho;
Ou quaes viçozas rusticas lavouras,
Que amimadas de chuvas creadoras,
Firmão do camponez as esperanças,
A' mente a lhe trazer meigas lembranças;
Tál era do paiz a maga vista,
Monumento immortal do Evangelista.
Paiz, que á pouco inhospito mostrava
Ser de lobos vorazes mata brava,
Ja da Igreja do Ceo era a pintura,
Tapizado de flores, e verdura.
Ja se ouvião louvores á milhares
Da Voz, que assusta o cáos, e enfrea os mares:
E sendo de si mesma o desaggravo,
Foi victima de amor por seu escravo.
Nas thuricremas aras arvorado
Vê Sardes ja o signal do Ceo amado
A Cruz, outrora infame, e aborrecida:
Ora fonte de luz, norma da vida.
Sardes voluptuoza, cujo Solo
Ditão de arêas d'oiro Hemo, e Pactolo.

Mas se foi dinigrida dos prazeres
Hoje adopta a virtude, e os seus deveres.
O' Esmirna, que a gruta venturoza
Mostras do Cysne, cuja voz mavioza,
A' quem déste em teu seio alento, e berço,
Attrahio dos seus cantos o Universo;
Agora és mais feliz, porque apprendeste
Os éccos entoar da Voz Celesse,
Discipula fiel da nova Igreja
Com submissa cerviz, com fé sobeja.
Em Filadelphia a Biblia succedia
Aos delirios da van mithologia.
Mentiroza moral, sonhos, quimeras,
Com que tu, doce metro, ainda imperas.
Ja sacrilego incenso não queimava
Nas aras Tiatira, e o culto dava
Ao vero Nume dos Christãos; manchado
Pelas gentes, em tantos variado.
Em Laodicea vião-se proscriptos
C' os Sacerdotes os antigos ritos.
Lithurgia sem Deus; vão Sacerdocio,
Do erro apologistas, filhos do Ocio.
Pérgamo ja adotava com fé pura
O escandalo da Cruz; verdade dura
Ao vapor, e saber do humano engenho:
Morrer hum Deus, feito homem, sobre hum Lenho.
Desta sorte hia vendo o bem amado
Discipulo seu fructo abençoado,
Sobindo pela mão da caridade
Ao sacro alcaçar da immortalidade.
Tu, sublime virtude, parecias
Que do berço infantil o conduzias.
Tu, de seu peito debil arrancaste
Seus primeiros suspiros; tu firmaste
Seus passos vacillantes mal seguros;
Tu lhe inspiraste os sons ainda obscuros,

Com que a lingua pueril balbuciente
Começou por chamar o Ceo clemente.
Tu, foste em fim, o movel, alma, e vida
De sua longa rota: e nesta lida
Elle tanto amoldou-se com teu tracto,
Que transformado em ti foi teu retracto.
Qual aguia, que sublime adeja, e erra
Pelo Ceo puro, desprezando a terra,
Deixando após de si nos elevados
Vôos a plebe dos Orfeos alados;
Assim elle tambem, como corrido
De aqui tratar com Deus, galga atrevido
O Empyreo, e do seio sempiterno
Discreve a geração do Verbo Eterno.
Então troou no globo esta verdade,
Abismada no mar da Eternidade. =
,, Sem principio era o Verbo, e o Verbo estava
,, Em Deus, e Deus o Verbo se chamava.
,, Assumio nossa fórma, e natureza,
,, E com nosco tratou: nossa baixeza
,, Contemplou sua gloria: gloria, e estado,
,, Bem como de hum filho unico gerado
,, Ab-Eterno do Pai no eterno Seio;
,, Cheio de graça, e de verdade cheio. ,,
Não cumpre aqui calar huma victoria,
Que tanto lhe sublima em preço a glòria.
Que bem publica, que lhè ardia o peito
No divino furor. Illustre feito,
Que com tipos lavrado ser devera
Das rutilas safiras la da esfera.
Conhecendo, que hum joven, que educara,
Qual estrella do Ceo se despenhara,
Gastando o tempo, em que estivera auzente
Em roubos, e assassinios; derrepente
Exclama o justo em lagrimas banhado:
,, Oh' destino fatal? Oh' mal fadado

„ Fructo desse primeiro atrevimento!
„ Não he seguro o homem hum momento
„ Assim somos formados: o mal dura
„ Não medra o bem, se medra não atura.
„ Mostraime aonde o infame exerce o emprego
„ Impervio á salvação, e á luz tão cego.
„ Mostraime, quero ver, se por ventura
„ Roubo a preza das garras ja segura
„ Do dragão infernal: de sangue frio
„ Não posso ver o mal: eu me glorio
„ De ter por Mestre, quem morreo de amores
„ Por salvar os seus proprios matadores.
„ Resta em minha lembrança o sanguinario
„ Sacrificio, e painel la do Calvario,
„ Que com tintas de sangue, e de amargura
„ Seu pincel debuxara da ternura.
„ He dever do pastor, elle aconselha,
„ Aventurar a vida pela ovelha. „

Como isto disse: corre atropelado
Aos trivios, onde errava o desgraçado,
Que assim que o vê, fugio, e de tal sorte,
Como se foge ao damno, ou mesmo á morte.
„ O' Filho exclama a Aguia, que o seguia,
„ Filho caro, de hum pai a companhia
„ Tu foges? Pensas, que hei degenerado
„ Do primeiro disvello em ti empregado?
„ Ah? não: antes recresce co'amargura
„ De victima te ver da desventura.
„ Não corras pois, que he feio a hum moço forte
„ Correr de hum velho, que só espera a morte.
„ Se foges, por fugir-me, he inutil tudo:
„ Pois qual gamo fugáz, que o ferro agudo,
„ Que o arco despedio, leva comsigo;
„ Tal fugindo eu hirei tambem comtigo.
„ Pára pois: triunfemos nesta lida,
„ Tu de meu pranto, e eu dessa fugida.

„ Attende a tantas lagrimas peniveis:
„ Molhando rugas, ah! são attendiveis.
„ Equivocas serão n'alguns pezares,
„ Ou orvalhando rozas puellares;
„ Mas nos olhos do ja franzido rosto,
„ São provas só de dor, só do desgosto.
„ Se a tantos tens sabido dar a morte,
„ Sabe tambem matar tua vil sorte.
„ Eu te venho ajudar nesta ardua empreza,
„ Que longe de ser crime, he gentileza.
„ E se te assusta o horror dos teus delictos,
„ Delictos, que o remorso acuza em gritos,
„ Ah! não temas, Deus he tão namorado
„ De ti, que por ti fez-se hum desgraçado.
„ Vem pois a mim, thezoiro preciozo,
„ Serei comtigo rico, e venturozo:
„ Vem a meus braços, filho suspirado,
„ Vem consolar hum velho amargurado.
„ Antes que eu morra da-me esta alegria;
„ Talvez chores por mim em vão hum dia.
„ Attende, ó Filho, attende ao que te digo:
„ Ouve a voz do pastor, do pai, do amigo.
„ Olha, que a tudo deo remedio Christo:
„ Não creas em mais nada, cre só nisto. „
Cahio por terra o monte em fim tocado
Pelo raio da voz do seu Amado:
Voz efficaz, trovão da Caridade,
Que illumina a razão, força a vontade.
Emudecerão ambos co'a vehemente
Dor; nos braços se estreitão mutuamente.
Fallão lagrimas só de fio, em fio;
E junto estava hum rio de outro rio.
Viveo depois, chorando de contino
A lembrança fatal de seu destino.
E dizem, que acabou sua existencia
Com lagrimas de dor, com penitencia.

Oh feito illustre, e digno de memoria!
Oh cazo singular na sacra historia!
Em vão se affinem da mortal ternura
Altos excessos, que a eloquencia apura.
Em vão prodigios de amizade, e estima
Sublime a fama, que taes dons sublima.
Este feito me cauza mais espanto,
E nem por David, Jonathas fez tanto.
Aquelle, por quem Andes se ennobrece;
E o Patrio Mincio a ouvir ledo adormece;
E o Tybre entumecido com tal filho
Trofeos borbulha de mais alto brilho;
O raro amor na tuba altisonante
De Eurialo, e de Nizo affine, e cante:
Que esta acção, para mim tem maior preço:
Nem sei, que amigo algum fez tanto excesso.

Ja do martirio o sangue, a mais fecunda
Semente dos fieis, qual rio innunda
Campos, Villas, Aldeas, e Cidades,
Lavando-as de seus crimes, e maldades.
Pois que tendo manchado todo o mundo
Do vão Politeismo o rito immundo;
Ja mais ovante entrara a Lei Sagrada,
Não sendo a terra assim toda expiada.
A medida que a fé se propagava,
Da mentira o paiz se desolava.
Taes á face da aurora se desvião
As sombras do Emisferio, em que dormião;
E se vão pouco, e pouco esvaecendo,
A proporção, que vai o sol nascendo.
Mas, quando da carreira o meio parte,
Perseguindo-as vai por toda parte,
Nem ao menos as deixa estar seguras
No valle humilde, ou solidões escuras.
Assim tu, tenra Igreja, ora pequena,
Cansada em fim a Ley, que te condemna,

De hum mar a outro mar, de rio á rio
Hum dia estenderás teu senhorio.
E sem mais ver altares contra altares,
Nem nos pontos da Fé novos desares,
Como Filha do Ceo, sem pena, ou risco,
Terás hum só pastor, hum só aprisco.
Sempre a unica só, sempre formoza,
Fiel, invariavel, vigoroza;
Por entre gerações, por entre idades,
Dona dos tempos, mestra das verdades.
Similhante á huma náo grossa, e possante,
Que audaz a demandar plaga distante,
Com a soberba quilha cortadora
Sulca os mares em furia vencedora.

FIM DO QUARTO CANTO.

ASSUMPÇÃO.

CANTO V.

ARGUMENTO.

Continua a Santa Virgem com a narração. Saudades, que ella tem a respeito de seu Filho: circunstancias de sua morte; os extasis, e revelações, que teve antes de morrer. Explica os dotes gloriozos que recebeo depois de resuscitada: e acaba a narração com huma especie de acção de graças.

MAS entre tanto como ja disperso
Visse o clarão da Fé pelo Universo;
Julgava nelle inutil a existencia
De meus cançados dias, e assistencia.
Sem valor, e sem fructo, e ja proscriptos
Dos Cordeiros o sangue, e os Legaes ritos.
A este sangue esteril, e infecundo,
Incapaz de expiar o crime, e o mundo,
A Hostia succedendo, Hostia infinita,
Que todo antigo culto em si limita.
De cujo fructo o justo vive, e pasce,
Aonde mora a Ley, e a graça nasce.
Em fim ja sobre a terra era chegado
O Reino do Messias, tão chamado.

Que expectaculos pois, ou que alegrias
Podião prometter-se mais meus dias?
Que virião meus olhos desditozos
Mais nos êrmos dos valles lacrimozos?
Que occupação em fim, ou que exercicio
Devera inda aguçar meu sacrificio?
„ O' Flor, então dizia, precioza,
„ Germinada em meu seio; O' Radioza
„ Estrella dos meus olhos, puro espelho,
„ Onde do Eterno adoro o alto conselho.
„ O' porção de mim mesma, e de minha alma;
„ Meu prazer, meu thezoiro, minha palma;
„ Até quando de mim hirão fugindo
„ Teus olhos divinaes? O' doce, e lindo,
„ Como assim tu dilatas o desterro,
„ A quem por merecello não fez erro?
„ Impavida me achaste aos soffrimentos,
„ Apar de ti, apár de teos tormentos,
„ Com tigo o amargo caliz esgotando;
„ Aqui próva do susto, ali chorando;
„ E depois desta lucta transitoria
„ Não repartes co' a escrava tua gloria?
„ O' tu, que o peito lês mais recatado,
„ Se cheguei merecer teu desagrado
„ Por motivo de falta, ou mesmo engano,
„ Que as vezes foge ao fraco peito humano,
„ Ah! culpa foi de amor, força de culto,
„ E não proprio querer, ou visto insulto.
„ Vem pois, o' da innocencia doce rizo,
„ Cordeiro, que és a luz do paraizo,
„ Vem depressa aclarar a noite escura,
„ Em que vivo morrendo sem ventura.
„ Véda meu pranto, attende a tanta rixa,
„ Vem acudir-me em morte tão prolixa.
„ Sim da-me a vida, o' Filho, acode, e corre,
„ Que quem vive, sem ti, não vive, morre. „

Assim fallava; e o pranto, que pulava
Dos olhos, minhas queixas me vingava.
Entretanto repouzos passageiros
Davão-me em sonhos instantes lizonjeiros.
Este doce impostor dos desgraçados,
Que os fantasmas seus os deslumbrados
Torna de escravos filhos prediletos
Da fortuna, e da gloria; e em seus aspetos
Illude o triste reo, lhe adoça a sorte
Nas bordas do patibulo, ou da morte;
Depositando-lhe, antes que pereça,
Sceptro na mão, coroa na cabeça,
Até que em fim chorando, e ja desperto
Vê que he tudo illuzão, e seu fim certo;
O Somno, como dice me augurava
Venturas mil, e então não me enganava.
Não sei se era o dezejo, ou vaticinio
De que estava a acabar meu exterminio;
Sonhava algumas vezes, que sobia
Sobre a primeira esfera, e de la via
Rolar os grandes corpos luminozos
Debaixo de meus pes, ja venturozos.
Solta da terra em fim, que se mostrava
Qual átomo, que aos olhos escapava.
Esse abismo, que a cerca, e que he chamado
Soberbamente o immenso mar salgado,
Huma gotinha vil me parecia,
Desmentindo do nome a ufania.
Outras vezes, que errava por campinas
Por mim desconhecidas; de boninas
Matizadas, e flores tão brilhantes,
Quaes nunca vi na terra similhantes.
Campos afortunados dos prazeres,
Onde a morte não tem jamais poderes.
Da mais brilhante Corte acompanhada,
Prompta em lizongear-me, e empenhada

Em render-me taes mostras de cortejos,
Que excedião meus votos, e dezejos.
Outras em fim, que á descripção dos ventos
Navegava, e de mares turbulentos,
Por ver se encontro o centro, e doce objecto,
Por quem meu coração gira inquieto.
Em portos abordando, e vendo estranhas
Gentes, varios lugares, novas manhas:
Até que em fim achava o meu Amado
N'hum paiz estrangeiro: „ O' suspirado
„ Filho meu, lhe dizia de contente,
„ Onde estiveste tanto tempo auzente?
„ Tenho vivido em alternados gyros
„ Até aqui de saudades, e suspiros.
„ Sahia o sol do mar, no mar entrava,
„ E eu por ti a chamar, em vão chamava. „
Quando fallava assim, era meu peito
Para tanta alegria vazo estreito;
Hia abraçallo de prazer chorando,
Famintos beijos em seu rosto dando,
Ai! foge o somno, e sinto, ja acordada
Em vão a face de chorar molhada.

Nesta fadiga andava, quando hum dia
Huma voz quazi ouvi, que me dizia:
„ Ja não he tempo mais de amargurar-te:
„ Refrêa o pranto, cessa de queixar-te:
„ Que bem cedo verás teu rosto unido
„ Ao rosto, que teu peito traz ferido.
„ Ja o inverno escabrozo não impera,
„ Veio o rizo da eterna primavera,
„ Finaliza-se a dor, acaba a lida,
„ A porta vai-se abrir da immortal vida. „

Qual depois da prolixa tempestade,
No fim do mez lunar, toda humidade
Da terra enxuta, e os putridos vapores,
Recobra o Ceo de novo seus fulgores,

E apparece no fim da etherea scena
A Lua nova fina, mas serena,
Tal a imagem raiou-me deleitoza
Do dia, em que cessei de ser choroza.
Dia, que me empossou todo respeito
Do meu grande destino; e que o direito
Com o cunho marcou do Sello eterno
Do alto, e divinal meu gráo materno.
Dita, de que não sei porque desdita,
Entre os mortaes vivi sempre proscripta.
Dia de meus dezejos suspirado,
Que mil vezes saudei, em vão saudado.
Que dos duros grilhões quebrou-me os ferros,
Que arrastei, como escrava em mil desterros.
Dia, que me enxugou meus turvos olhos,
Que só fantasmas tinha por antolhos:
E o Summo Bem me trouce em dote, e sorte:
Tal foi o dia em fim de minha morte.
Oh! e quanto ella he doce, e linda, Oh! quanto!
Para o triste, que a chama neste pranto;
Da mortal digressão porta dourada
De lavores de perolas brincada,
Que ao tocar-se na meta transitoria
Patentea do Eterno o rosto, e a gloria.
Em vão n'hum carro a pintem arrastada
De esqueletos mirrados, tendo armada
A mão do curvo ferro illacrimavel,
Que tudo sacrifica inexoravel.
Céga ao pranto da espoza desgrenhada;
Surda ás queixas da orfã desolada.
De contino sobre ella esvoaçando
De palidas doenças tetro bando:
Os gemidos, os ais, os leves sonhos,
Nas terrificas formas tão medonhos;
Febres de azas de fogo, a vil magreza,
E a importuna vigilia de olho acceza.

Em vão do escuro trono pavorozo
Ar ferino lhe dem, ar desdenhozo,
Sobre as honras da terra, as mais preclaras,
Purpuras, togas, sceptros, e tiaras.
Emfim a julgue a humana natureza
Seu ultrage fatal, sua baixeza;
A que o triste mortal liga, e condemna
Da primeira revolta a dura pena.
Para mim, direi sempre, que foi bella:
Alto dom do Senhor, rizonha estrella,
Mensageira do Ceo, guia segura
Que me arrancou das mãos da desventura.
Mas como ja meo peito presentia
Pular-me o coração d'alma alegria;
O cantico entoei da liberdade
Sobre os destroços da mortalidade,
Assim o niveo cisne a voz sublima,
Quando sente, que a morte se aproxima:
E as margens do Caistro, que rolando
Areas d'oiro tráz, o colo alçando,
Faz do canto soar saudozo, e altivo,
Suas exequias celebrando vivo.
E haverá quem me increpe do transporte,
Que meo peito alterou, propingua a morte?
Que? Alegra-se o guerreiro com o esbulho
Dos ganhados trofeos: hum nobre orgulho
As feridas prefere á immortal gloria,
Que derrama a lembrança da victoria;
Banhado de prazer o nauta duro
Beija a area natal, o voto puro
Ledo a cumprir no olvido dos perigos,
Que tragara nos golfos inimigos;
E só eu restaria indifferente
Conseguindo hum laurel tão eminente?
Sem de alvoroço dar signaes sobejos
A' estrella polar de meus dezejos?

Vendo a gloria, que instava; o Ceo aberto,
Solta dos ferros, livre do dezerto;
Dos Celicolas turmas á porfia
Anciozos por dar-me a primazia;
O Deus rico nas dadivas abrindo
A mão inexaurivel, repartindo
Comigo os seus troféos, as nobres palmas,
Bem merecidos dons das fortes almas?
Ah' que pensar assim, he não pensares,
O que he morrer em Deus, e a Deus gozares.
Mas ja por este tempo hia gastando
O sacro ardor Celeste o alento brando
Da debil força, que inda em mim havia,
De momento em momento, cada dia.
Qual a bella nos Canticos cantada,
Que em perfumes, e pomos reclinada,
Languia de suspiros, eu de amores
Supportava o punhal, e iguaes rigores.
Do arco d'oiro do Divino amante
Sibilou setta aguda auricortante,
Que meu languido peito traspassando,
Por pedaços a vida foi roubando.
Tal pela noite velha em sala interna,
Tristonha, e moribunda enea lucerna
Vai afracando a luz, e amortecida
Redobra seu clarão, e perde a vida,
Os poucos, que do leito em torno estavão,
Sobre mim sem medida pranteavão.
A fim de os consolar, eu lhes dizia,
Que tudo, quanto á mim sobrevivia,
Ja mais era mortal: pois he patente
Morrer huma só vez mortal vivente.
Que se pela saudade he que carpião,
Bem depressa comigo se unirião.
Que eu marchava a diante a abrir as portas
Da patria das estrellas, nunca mortas.

A implorar ao Eterno, que apreçasse
Seos dias, e de gloria os coroasse.
Que a morte era espantoza, e desabrida
Só a quem idolatra o mundo, e a vida.
Que a do justo, por mais ludibrioza
Sempre aos olhos do Eterno era formoza.
Que o triste humano, que no mundo nasce
Se este certo tributo não pagasse
Attendidas, que soffre, as desventuras,
Era a mais infeliz das creaturas.
Que ser eterno em lacrimozos valles
Era do inferno retratar os malles.
Que a vida, sendo prova doloroza,
Se breve for, será menos penoza:
Que no mundo o viver, sendo hum degredo
Deve-se dezejar, que acabe cêdo.
Que emfim era da morte o fausto dia
Termo do pranto, porta da alegria.
Entretanto minha alma se abismava
Pela gloria, que ja presagiava,
Nas delicias de Deus, nessa riqueza,
Que abisma o Ceo, a terra, e a natureza.
A fé, que em mim do berço rezidia,
Qual nevoa da manhãa se desfazia,
A medida que a morte, e a eternidade
Corria o véo ao rosto da verdade.
Só crescia a esperança na alegria,
Mas era por morrer, que ella crescia.
Pois do bem, que na terra foi seu norte,
Vindo a posse, igualmente vem-lhe a morte.
Tal o amor maternal todo insoffrido
Suspira ver o fèto ja nascido:
Porem succede as vezes nesta lida
Que dando á luz o fructo, perde a vida.
Não es assim, fervente Caridade,
Porção do Justo, simblo da amizade,

Que he da tua partilha tal a sorte,
Que encendrada resurges com a morte.
    Morre a flor na campanha; morre o fructo
Ou agro, ou ja maduro: morre o bruto
Em forças suprior: morre na esfera
A cantora gentil da primavera.
Morre nas farpas de ferrinho adunco
Faminto aquicola, suspenso ao junco:
Morre tudo, e esta lei igual condemna
O Monarca, e o vassallo á mesma pena.
Cessão lingoas tambem, e profecias:
Passa o tempo, e com ella os breves dias
Acabaráõ as artes, e os inventos.
Por terra cahiráõ os monumentos,
Orgulhozos trofeos dos Soberanos:
Falhará mesmo a raça dos humanos;
Mas tu, que da luz vive Sempiterna,
Tu serás immortal, serás eterna
    Então extasis crebros, alienavão
Meus sentidos, ao passo que apportavão
Os instantes finaes. Me parecia
Que ao presago futuro o veo corria
Hum Celite, que impervios aos profanos
Me conduzia a ver altos arcanos.
Vi hum pastor em lobo transformado
Roubando minha gloria, e o tão alçado
Nome de Mãi de hum Deus: querendo nisto,
Que só me appellidassem Mãi de Christo.
Ja lá das sédes do orbe se ajuntavão
Illustres vingadores, que marcavão
Do immortal scello a minha dignidade.
Vi banhar-se em prazer huma Cidade,
E as portas da assemblea impacientes
Matronas fervorozas, com ardentes
Cirios nas mãos queimando em preciozas
Piras de prata essencias odorozas:

Que a seus lares triunfantes conduzião
Os Padres, que o misterio diffinião,
Logo femineo côro está patente
Ante meus olhos, coroada a frente:
Na dextra palmas, no regaço lirios
E julgando sonhava só delirios;
Decifrou-me o Celeste „ São aquellas
„ Intactas Virgens, inclitas puellas
„ Que os teos jasmins virgineos imitando,
„ Hirão teu nome no porvir alçando. „
Vi tambem pela terra ao Ceo erguidos
Templos mil, á meu culto dirigidos.
Assim que n'hum só anno não havia
Mez algum; nem no mez ja mais hum dia,
Que não prestasse ritos á memoria
De meu Nome Immortal: por minha gloria
Corporações augustas se alistavão
Sob estandartes meus, que só cuidavão
Celebrar com perenne voz erguida
As mais bellas acções de minha vida.
Depois me pareceo, que pelos ares
O Anjo me levava, e a lem dos mares
Via outro mundo, e neste mundo occulto
Tambem meu nome tendo ja seu culto.
Estas, e outras vizões de varia sorte
Em raptos me pintava a nstante morte,
Quando em fim chega o prazo dicizivo
Para todo o mortal. De mim esquivo
O tempo escapa, escapa a flor do mundo,
Abre os thezoiros seus o Ceo jucundo.
Ja está batendo a porta a eternidade:
Ja por mim não ha dias, nem idade.
Então sem os aculeos penetrantes,
Com que a muitos affligem taes instantes;
Sem esse horror, que afeia esta passagem,
Fructo do crime, e sua triste imagem;

Tranquilla como quem adormecia
Entre os braços serenos da alegria;
Fexei os debeis olhos c'hum surrizo,
E abraçada me achei no paraizo
Com meu doce Jezus. Oh' novo estado!
Nunca por mim bemditto, e assás louvado!
Oh' morte! Oh' lance doce, e lizongeiro!
Oh' dia, do meu ser dia primeiro!
Em que tornei achar meu dezejado:
Meu Filho, meu Senhor, meu Bem amado.
Não ha pincel, ó Pais, nem ha talento,
Que pinte, ou louve o meu contentamento.
Não ha palavras, nem se faz conceito
Do que então se passara no meu peito.
Vós mesmos, de algum modo já immortaes,
Vós mesmos não sabeis, não o pensaes.
Se eu disser, que de hum ermo despertada
Achei-me de repente em sala ornada
Entre os montões dos bens appetecidos,
Que enchem o peito, adulão os sentidos;
Não he bem acabada esta figura:
Não vale o simil a mendaz pintura.
Se eu disser, que de hum carcere escapando,
Em que andara grilhões mil arrastando,
Derrepente cantei minha soltura
No mimozo regaço da ventura;
He com effeito lindo este dezenho:
Mas inda não me serve ao dezempenho.
Se eu disser, que passei de atra cegueira
Innata a ver a luz tão lizongeira,
Que abrindo as portas do puniceo Etonte,
Doira o mar, pinta a flor, faz rir a fonte;
Inda assim esta imagem degenera,
Não he original, não he sincera.
Se eu disser a final, que renascida
Vi-me n'outros paizes, n'outra vida,

Na posse da ventura mais ditoza,
Immortal, impassivel, glorioza;
Digo-vos, que esta idéa tem seu geito,
Mas podeis fazer vós todo o conceito?
Oh! se o Ceo se dignasse pôr patentes
Os seus dons, e thezouros? Quantas gentes
Que ás cegas andão, forão medicadas
Da magia, que as arrasta fascinadas?
Quantos thóros brilhantes, e floridos
Serião dos mortaes aborrecidos!
Que rizos de fortuna desprezados,
Que nauzeas para o mundo, e seus agrados?
Que desprezo, que horror, para a riqueza,
Essa Circe da humana natureza,
Essa bella que a todos enamora,
Idolo, que em altar o cego adora!
E o que póde offertar esta falsaria
Alem de huma fortuna imaginaria?
Eu vi o rico afflicto, e sem ventura,
Extendido n'hum leito de amargura:
Exhalando suspiros, e gemidos,
Como o mais infeliz dos desvalidos.
Sobre seu pavilhão d' oiro adejando
Crueis remorsos, que lhe estão cravando
Sobre o peito hum punhal; sem que a riqueza
Lhe podesse valer, nem ser defeza.
Não he no leito assim do pobre justo;
Cuja san consciencia ignora o susto:
E na dor, que padece, só lhe pena
Para o Ceo merecer ser tão pequena.
Em fim não póde a mizera mesquinha
Trazer a formuzura, a quem não tinha;
A honra, o brio, os bellos sentimentos
Nobres acções, heroicos pensamentos,
Altas virtudes, dotes de valia,
O valor, (e o que he mais) sabedoria.

Mas por que raciocinios indiscretos?
Não he Deus immutavel nos decretos?
Não basta que elle o diga, e desta sorte
Chegue o merito as portas té da morte?
Por que razão, ó homem, cegamente
Te deixas arrastar do que he prezente?
Por que, como huma fera embrutecido,
Adoras só, o que fere o teu sentido?
Ah! que és louco, e tenax, tudo te culpa,
Não mereces perdão, não tens desculpa.
Quiz então o Senhor, que a primavera
Se anticipasse em mim, que a carne espera.
Pois sendo de mim parte ja ditoza
No meu Jezus, não era glorioza
Acção, restar exposta outra ametade
Aos insultos da vil mortalidade.
Inda a aurora o horizonte não tingia
De roza, e nem co' a roza ella se ria;
Fulgurava no Ceo a estrella acceza,
Mudo o Emisferio, em somno a natureza,
Quando para o Sepulcro me transporto
A animar meu Cadaver frio, e morto.
Oh maravilha! Oh cazo de estranheza!
Outro ser, outra nova natureza
Trazendo-me o vigor, e antigo alento,
Me veio remoçar em hum momento.
Tal a flor da grinalda maltratada
Revive, se do orvalho he rociada.
Eis o calor vital ardentes brios
Vai espalhando pelos membros frios.
A idade juvenil ja pinta o rizo
Na arrugada feição; e o rosto lizo,
Orvalhado das gotas da frescura,
Cobra de novo a antiga formozura.
As graças pueris, as pudibundas
Rozas do pejo, cores tão jucundas,

Vem-me as faces corar desfalecidas,
Da palidez mortal amortecidas.
Os olhos froxos, debeis, e embaçados
Tornão-se estrellas, brilhão engraçados.
Assim da primavera a gentileza
Novo verniz trazendo á natureza,
O secco tronco aviva dos verdores,
Vestindo-o de mil folhas, e mil flores.
Assim nedia crisalida doirada,
Depois de estar hum tempo clauzurada
No seu tenue cazulo, rompe a leve
Sepultura, onde quazi morta esteve;
E ostenta viva, e cheia de altiveza
As debeis azas d'oiro á natureza.
Tal da Fenix, se diz, que renascida
Da cinza, dos perfumes reduzida;
Dezerta da Sabeia, patrio assento,
Que testemunha fora do portento;
E as cores vai mostrar das suas pennas
As campanhas Niloticas serenas.

Tambem meu corpo ja não tem mais prezo
Os vôos de minha alma com seu pezo.
Zomba da solidez; inda sem furos
Ouza compenetrar volumes duros.
Não ha de diamante, ou bronze, rijos
Obstaculos; nem duros escondrijos;
Nem muralha de pedra forte, e grossa,
Que á mim a entrada disputar-me possa.
Trazei-me se he possivel hum penedo,
Ou de todos formai hum só rochedo;
Que tudo passarei n'huma carreira
Sem prejuizo meu, nem da barreira.
Nada póde igualar minha presteza,
Nem comigo apostar a ligeireza;
Phebo mesmo, que o ceo gira n'hum dia,
Se a tanto se atrevesse, perderia,

Como o trisulco lume, que no instante
Abre no Oeste, aclara no Levante;
Reina em mim certo dom de agilidade,
Que julgarieis dar-me immensidade.
Alem desta espantoza subtiteza,
Nova Luz, como vedes sempre acceza
Christaliza meu corpo; e he tão fulgente,
Como a tocha do Sol no Ceo patente.
Se accaso lá na esfera acontecesse,
Que este Eoo luzeiro perecesse;
As trevas enlutando a face inteira
Do globo; nestas trevas, e cegueira,
Do antigo Cáos retrato; eu so seria
Novo Sol, nova Luz, nova alegria.
    Bem a nosso pezar vemos no mundo
Ser o corpo mortal, campo fecundo
De mizerias; e em tanta desventura,
Que cede ao tronco inerte, e á pedra dura.
Elle marcha pezado, e sempre exposto
A' sensações, que cauzão-lhe desgosto.
Alvo de mil molestias: da sedenta
Febre, nuncia da morte, se he violenta.
Dissolve-se, e arruina-se, bem como
A flor, que murcha, ou ja passado pomo;
A quem o verme surdamente rala
E inda vivo infecções crueis exhala.
O corpo estranho, que seus orgãos tange,
He só quanto elle sabe. Não abrange
O que he seu, e nem entra em lar alheio,
Vedada a porta, e interceptado o meio.
Mas esta massa, prova do perigo
Perpetuo, oh grão misterio! he no abrigo
Da gloria, subtil, agil, impassivel,
E hum gráo de luz consegue, tão incrivel,
Que a azul safira, a perola fulgente,
A neve, o leite, o niveo eburneo dente,

Ja mais disputarião o radiozo
Do corpo, que he immortal, que he gloriozo.
De sorte que parece ter passado
A estado espiritual, do terreo estado.
Em fim, prezado Pai, (fallando a Elias)
Aquelles claros dotes, regalias,
Que viste rutilar no monte santo
Sobre o Verbo; e de Cephas foi o encanto
Comigo á proporção se repartirão,
E tambem c'os heroes, que a Deus servirão.
Quando da morte renascendo hum dia,
Da morte insultarão a tirania.
Pois não quer o Senhor, que o corpo sendo
Socio das lutas d'alma, e que bebendo
Com ella os mesmos transes, defraudado
Venha a ficar do fruto suspirado.
Assim que por taes feitos, tão subidos,
E por toda concordia, com que unidos
Se estreitarão na terra, gloria immensa
Recebão a final na recompensa.
Mas apenas do tumulo surgia,
Quando os nuncios das novas de alegria,
Tração por decorar-me a bella imagem
Deste carro triunfal para a passagem.
Tudo na arquitetura havendo posto,
Que o luxo tem de preço, a arte de gosto.
Mas não contente o Deus briozo, e forte,
Descem outros de novo, que o transporte
Viessem retocar, d'Elle enviados
Em dom sublimes, em dever alçados.
Athe que em fim com hymnos de alegria
Aqui me trouce a fausta companhia,
Para o prazer vos darem de me veres,
E a mim, de vós tambem, iguaes prazeres.
Vede agora se accazo á tanta alteza
Merecia subir minha baixeza.

Que meritos eu tinha, que altos feitos
Para colher taes loiros, e respeitos?
Quaes forão as acções, quaes os disvellos?
Quaes as lagrimas puras, quaes os zelos,
Qual em fim o espantozo sacrificio
Por ser comigo grato, e tão propicio?
Ah! que he rico, e fatal nos premios seus,
Por tudo a blazonar em fim, que he Deus.
Salta pois de prazer, e adora em tudo
Meu coração o Deus, que he meu escudo.
Do alto de seu Solio, cravejado
De estrellas, quaes safiras, derramado
Houve em mim doces vistas de ternura;
E fez-me a nobre inveja da ventura.
Por maravilhas taes, nunca pensadas,
Apenas só comigo executadas,
Exaltaráõ as raças minha dita,
Chamando-me feliz, Santa, e bemditta.
Que prodigios não tem por mim obrado
Seu braço fulminante? Que mudado
De decretos por mim? Que de inviolaveis
Leis pelo meu respeito revogaveis?
Seja seu nome o nome da grandeza
Seja, seja: e o publique a redondeza.
Transpoz esse Romuleo Capitolio,
E olhando com desdem seu aureo solio,
Aprole regeitou dos vencedores
Bravos da terra, e d'ella então senhores.
Vio tambem com horror os máos dictames
Dos paços do Idumeo; paços infames
Por mil scenas crueis: e avante passa,
Detestando do intruzo a impia raça.
Deixa as filhas emfim dos optimates,
E arrancando-me ao pó dos meus penates;
Confidente elegeo-me dos projectos,
Que elle hia trovejar, grandes, e rectos.

Fecundo em dotes, rico em formozuras,
Se quiz reproduzir nas creaturas.
Extrahindo dos entes os milhares,
Só de suas idéas exemplares
No meio da recente natureza
Hum ser appareceo de tal belleza,
De tantas perfeições, e lindos modos,
Que bem mostrava ser o rei de todos.
Tal era o Pai primeiro, nesta idade,
Que he rizonha estação da puberdade.
Houve o dom da palavra articulando
Os sons, que vão as fauces exalando.
Dadiva singular: cuja riqueza
Negou-se á belluina robusteza.
He certo que com esta rica herança
Elle soube lucrar; quando a lembrança
Teve de retratar com mil figuras
As noções de seu peito, as mais escuras.
Ouzando transmittir aos fins da terra
Os segredos occultos, que elle encerra.
Tambem porção Celeste luminoza
Da eterna razão, fórma garboza,
Recta por ver o Ceo, ja nelle brilha,
Ao resto avantajando-se em partilha.
Senhor de si, senhor dos appetites,
A vontade, e razão nos seus limites,
Desta animada estatua a extremidade
O ápice fexou da santidade.
Avança a mais do Eterno a grão ternura;
Qual solicita Mãi, que a creatura
Antes que aos olhos dê, ja está cuidando
No infantil enxoval, mimozo, e brando;
Desta arte elle tambem tem construido
Hum pavilhão de estrellas embutido.
Por que quando o ditozo for chegado
Ache tudo a seu gosto. Eis que postado

Apparece o Feliz n'hum predio acceito,
Das delicias do Ceo quadro perfeito,
Mimozo em fructos, de jasmins cerrado,
Da innocencia, e da paz solar prezado;
Troféo, onde a destreza Eterna falla,
A quem nenhum trofeo d'arte se iguala.

Por estas alamedas tão serenas,
Pelas margens das fontes quatro amenas,
Por aquellas florestas venturozas,
Orlada a frente de purpureas rozas.
Marchava o Protoplasta rico, e ufano,
Como quem de tudo era Soberano.
Elle afagava as feras, que o entendião,
E a seu mando, e voz obedecião.
Ja dos Leões as jubas entrançava
De tecidos de flores; e brincava
C'os tigres mosqueados, e guerreiros,
Como se forão timidos Cordeiros.
Debaixo de seus pés hião nascendo
Manojos de boninas, recendendo;
Prestando a terra humilde de seu seio
A seu Rei, e senhor todo recreio.
Os ricos passarinhos, e tão ricos
Que ja mais semearão, com os bicos
D'oiro, ou murice rubro, sobrevinhão
Roubar-lhe o fruto, que seus labios tinhão.
A par delle marchava a virgem bella:
Brilhante, e linda, qual polar estrella;
Ao consorte mostrando hum rizo ameno,
Como ri para terra o Ceo sereno.
De mil virtudes novas adornada,
Qual a roza purpurea, aljofarada
Das gotas matinaes. Graça a vestia,
De sorte que a nudez não offendia.
Apenas flores ornão-lhe os cabellos
Cahidos em aneis, loiros, e bellos.

Quando do Sol os raios os ferião,
Erão dous astros, que se respondião.
Não he tão bella a abobada azulada,
Das rotantes safiras semeada:
Nem a Titonia aurora matutina,
Pintando as filhas da vernal campina.
Na floresta a bonina se curava
Por lhe beijar os pez, quando passava.
O prado ameno, a fonte, a relva fria,
Tudo ria de gosto, assim que a via.
Vinhão os Anjos ser espectadores
De seus rizonhos virginaes amores.
Ditozo par! Ditoza companhia!
Se nunca a invenenara a rebeldia.
Tal era deste humano o berço, e aurora;
Quando huma vóz fatal, e seductora
Solta do Cáos, envolta em pestilente
Fumo, fez tudo hum sonho vão, que mente.
E avinagrando aquelle santo rizo,
Converteo em inferno o Paraizo.
Oh' desgraça! a belleza nobre, e solta
Contra o seu bemfeitor ja se revolta.
E dando fé, e ouvidos á mentira,
Cahio na indignação de sua ira.
Esta queda he a cauza da tristeza,
De que se vê enlutada a natureza.
Da qui nascem as guerras assanhadas
Pelas medrozas mãis tão detestadas.
Da qui a ingratidão, mal tão sublime,
Que excede a todo mal, a todo crime.
Da qui a fome, as dores, a doença,
E a alluvião de males tão extensa,
Que innundou nossos Pais, que a nós innunda,
E vai tudo innundando em dor profunda.
Da qui o peccado, e o negro cáos do Inferno,
Com que ao réo ameaça a Ley do Eterno.

E se o louco mortal attenção presta
A' cazo tão fatal, nada o molesta,
Nem lhe parece couza muito enorme,
Mas antes quasi hum sonho de quem dorme,
O homem pois a pouco tão mimozo,
Anjo em carne, na graça venturozo,
Ja marcha nú, de feno vil cingido,
E pobre, e desditozo, e desvalido.
Oh! se elle conservasse na memoria
Da sua fatal queda a negra historia!
Veria com horror as aureas gallas,
Mais proprias de chorar, do que adoralas.
O oiro, o bisso, a purpura, que o cobre,
Inculcão a nudez de hum ente pobre.
Se o primitivo ornato não perdera
Da original justiça; não fizera
Novos reparos vãos, com que procura
Fugir dos ares a inclemencia dura.
Roubando a lãa da ovelha, e com incrivel
Arte tecendo o feno desprezivel.
Fazendo com vaidade, pouco seria,
Ostentação da propria vil mizeria.
E quantas vezes, quantas? asquerozas
Ulceras ornão tellas preciozas?
O' filaucia do humano pensamento?
O' culpa original? O' louco intento!
Victima triste da immortal vingança,
Murchou pela raiz toda esperança?
Não ha recurso? Gemerás nas dores
Etereas, como os anjos desertores?
Mas ah! o que he que eu oiço? Oh Ceo sensivel
Oh ternura de hum Deus incomprehensivel!
Ja nova traça inventa; ja descobre
De soccorrer ao lacrimozo. O' nobre,
E doce culpa! O crime, feliz crime,
Que hum vingador houveste tão sublime!

Alviçaras, mortal: enxuga o pranto:
Que tanto ao Verbo mereceste. Ah tanto!
Do seio do Sacrario inacessivel
Eu escuto huma voz, voz quasi incrivel,
Voz doce mais que o mel: encantantadora
Mais que da cythra o som: „ Cante, o que chora,
„ Ella diz, ó mortal, de amor interno
„ Amo-te, qual a mim meu Pai Eterno.
„ Escravo me farei por teu respeito,
„ Como sejas tu Deus, e a Deus acceito, „
Isto dizendo; as duas naturezas
Na Pessoa Divina ficão prezas.
Tem pois Deus feito homem soffrimento
E o homem feito Deus merecimento.
Logo, se o Eterno irado pela offença
Exigir igual paga, se compensa
Pelo ineffavel vinclo; e desta sorte
Nossa quebra se torna inda mais forte.
Mas oh! eu insensata, que disserto,
Ante quem sabe os factos mais de perto!
Porém, como do Eterno são favores,
He doce os repetir, são seus louvores.
Então por mim commuta a especie humana
A condição servil em Soberana.
Pois por minha feliz maternidade
Chegou a aparentar-se á Divindade.
Em attenção a tanta maravilha,
Do seu alto poder somente filha,
Abre os thezoiros seus, mostrando a sua
Innefavel ternura: e continúa
Como atravez dos seclos corre e passa,
De pais a filhos, e de raça em raça.
Mas o monte de orgulho altivo, e ouzado
Por sua planta enorme he supplantado
Então os aureos sceptros se quebrarão,
Purpuras pelo pó se conculcarão

E de sua prezença os Reis espalha,
Qual tufão, que arrebata a debil palha.
Mas o pobre, humilhado que gemia,
Beijando a mão occulta, que o feria,
De repente se vio rico, abastado,
Feliz seu thoro, illustre o seu estado.
O pastor, que por tecto d'oiro o feno
Tinha, e por leito a relva do terreno;
Veste a Opa real, de gloria exulta;
E o Rei ingrato inglorio a campa occulta.
Tambem os que dos bens, e das herdades
Abuzarão por fim de iniquidades:
E aquelles, que do Ceo dons alcançarão,
E contra o Ceo com elles se irritarão;
Por castigo de tão negra insolencia,
Atufados ficarão na indigencia:
Arrastando os grilhões desta desgraça
Seus filhos, vil, escura, e infame raça.
Em fim de suas bençãos a riqueza
Choveo com profuzão, com mais franqueza
Sobre o Santo Israel: seu povo amado,
Seu povo, ja de longe abençoado.
De sua estirpe illustre, e descendentes
Sahio o Dezejado, a Luz das gentes:
O Cordeiro, que o pacto sempiterno
Rubricou de seu sangue, em preço eterno.
Autor da graça, Fonte da innocencia,
E victima do Ceo por Excellencia.
Germinarão os dogmas, e a doutrina
Do Evangelho, que os povos illumina.
O novo culto, os sette Sacramentos;
Fontes, que lavão; e da mancha izentos
Deixão os reos. Sahirão os primeiros
Da nova Ley sublimes pregoeiros,
Economos da graça bemfazeja
Sahio em fim a nossa Mãi, a Igreja. „

Desta sorte a Exemplar das virgens puras
Acabou suas Santas aventuras.
Deixando os circunstantes venturozos
Banhados de prazer, inda anciozos
De muito mais ouvir: se mais tornará
De novo a repetir, o que contara.
Louvavão entre si o magestozo
Ar, com que referira, e o som graciozo,
O montão de successos tão diversos
Pelo texto seguidos, ou dispersos
Hum, e outro com gosto memorava
Aquelle que impressão mais lhe cauzava.
Ora a perseguição, que foi tramada
Pelos Ourives d' Efezo: ora a alçada
Cegueira, e tão nefanda idolatria,
Com que se este lugar prostituia.
Ora os incendios da Aguia, que deixando
A terra voa ao Ceo, e penetrando
Impavido de Deus o seio interno;
A geração teceo do Verbo Eterno.
Ora em fim outros cazos, que da historia
Inda impressos retinhão na memoria.
Nas planices do Ceo, entre sombrio
Arvoredo copado, ha hum desvio.
He hum grato retiro affortunado,
Somente pelos Anjos frequentado:
Que ali vão varias vezes de passeio
Por mudar, ou de sitio, ou de recreio.
Aqui de fino jaspe antiga gruta
Existe, de huma fonte nunca enxuta;
Que desce murmurando cristalina
Por areas de prata. Aqui domina
A taciturna imagem do segredo.
Ja mais de Orfeos aligeros o enredo
Doce gorgeia: não susurra o vento,
Nem range, ou bate porta de apozento.

Não soa ao longe la da torre enorme
O relogio fiel, que nunca dorme.
Nem a vóz da atalaya, que disperta
Gritando ao camarada: alerta, alerta.
Não freme o duro quicio ao carro prezo,
A força estranha a resistir do pezo.
Nem late o cão fiel ao vão ruido,
Guardando a grei do armento espavorido.
Está tudo em silencio, eternas flores
Matizão o lugar, e os seus verdores.
He propriamente a Lapa, e os taes matizes,
Habitação dos Extasis felizes,
Que ali morão; e estão sempre suspensos,
A contemplar do Eterno os dons immensos.
Azas d'oiro elles tem por seu emprego,
Posto que vivão n'hum feliz socego.
Com que fendem o ár, e em torno gyrão
Dos justos, que da terra ao Ceo suspirão.
Rapidos voão lá do ethereo assento,
E descem sobre a Virgem cento, e cento.
Que de louvar a Deus ja inebria, e acceza,
Ora delles restou inda mais preza.
Mas como a vissem os profetas Santos
Extatica, e entregue a seus encantos;
Aproveitão o tempo sem demora,
Que lhes concede o rapto da Senhora.
Por se informar co' Nuncio do alto Imperio
Da gloria, sobre os sensos, e misterio,
Que encerravão as tarjas esculpidas
No carro, por emblemas repartidas.

FIM DO QUINTO CANTO.

ASSUMPÇÃO.

CANTO VI.

ARGUMENTO.

Em quanto a Senhora esteve extasiada o Archanjo São Miguel explicou aos Profetas os emblemas do Carro, que descrevião varias passagens da mesma Senhora. Havia mais hum emblema, e era huma descripção do Rio de Janeiro, Cidade muito devota da Virgem pelo culto do Terço. Em fim exclamações do Profeta Elias ao retirar-se a comitiva.

Ó TU, Igreja Santa, linda Espoza
Do Cordeiro de Deus; minha mimoza
Clara Muza gentil, que por capellas
Brilhantes cercaduras tens de estrellas;
Tu, que por tua mão me tens guiado
Atequi por caminho não trilhado
Respira hum pouco, toma novo alento;
Descança da fadiga algum momento:
Que inda temos de andar outra jornada,
Não menos trabalhoza, que a passada.

Annue aos votos, ri aos innocentes,
Os emblemas decifra, poem patentes:
Aclara, ó Dea, aos Padres a verdade,
Pois he digna de escuza esta vaidade.
Logo ao principio os olhos descubrião
Huma lamina de oiro, em que luzião,
Por destreza gentil do ferro experto,
Ás ruinas de hum portico dezerto.
Ali no debil feno reclinado
Se via por dois brutos adoradō,
O tenro Amor Jezus, recemnascido;
Tritando ao ar, em faxas envolvido.
A Phenix unica, da graça filha;
Concha argentea da Perla, maravilha
Do Empyreo; ali taes raios reverbera,
Que bem se deixa ver Mãy, de quem era.
Ora com rozeos beijos afagando
O Celeste Penhor: ora o chegando
A's fontes virginaes, que o Lindo fosse
Nutrido do seu nectar casto, e doce.
Pasmou a natureza de tal vista:
Tudo se reanimou: e o destro artista
O segredo encontrou maravilhozo,
Que faz seu atrevido, seu garbozo.
E tu das artes todas que és princeza,
Muda eloquencia, maga gentileza,
Pintura, teus pinceis santificaste,
Quando a primeira vez delineaste
Hum Deus, tingindo os labios na doçura
Do seio de huma debil creatura.
Por entre os velhos restos, que existião
Do escarpado portal; quazi se ouvião
Dos Celites concertos, mais que humanos,
Que davão gloria a Deus, paz aos mundanos.
Do vizinho reconcavo os cajados,
Pelo Nuncio do Olympo convocados,

Adorar parecião de tumulto
O tenro Deus, no veo terreno occulto.
Cada qual offertando, o que apromptara:
Qual a ovelha, que á triste mãy roubara:
Qual o par de pompinhos tenros, novos:
Qual na cêsta de vime os brancos óvos:
Qual o favo mellifluo da colmêa:
Qual o coração só, que o amor atêa.
Vizinho a este quadro outro importante
Insculpido se vê: no ar brilhante
Insolito planeta fulgurava
Formoza luz, que o velho lar banhava.
Guia fiel, que vinha conduzindo
Dos montes Nabatheos, que o sol sahindo
Doirando logo vem, tres potentados,
N'arte de ler os astros consumados.
A' luz da nova estrella, que assomara
La nos ermos do Ceo, a nova, e clara
Estrella de Jacó, tão suspirada
Buscão, de hum vate seu preconizada.
Eis aborda ja o portico aluido
Da grão cavalgadura o grão ruido.
Enormes elefantes corajozos,
Dromedarios ligeiros, e os gibozos
Camelos de alto collo tão erguidos,
C'o pezo dos volumes opprimidos.
Abrem os cofres, tirão a prezada
Massa do metal rico; e a congelada
Lagrima, que evapora precioza
De Cinyras a filha incestuoza.
E a cristalina, que ao Sabeo goteja;
Com que o templo, e o altar cheiros bafeja.
Os dons ao Infante Deus apresentavão,
Que misterios sublimes eclipsavão,
Pois de longe promettem, se bem penso;
Mirra a morto, oiro á Rei, á Deus incenso.

Mais avante traçara o ferro fino
Templo vasto, no gosto peregrino
De arrogante fachada, e de dezenho
Que honra a Pallas, e ao Dedaleo engenho.
Nelle arrugado Ancião, que o venerando
Sacro Penhor nos braços reclinando,
Avidos olhos turvos lhe encarava,
E encarando com elle profetava.
Logo senil matrona, encanecida
Nas virtudes, á hum lado era esculpida:
Em ar de que ao Infantinho repetia
Ternas caricias, que a ternura ordia.
Matrona, que esperava ardentemente
O grão Libertador da Hebrea gente.
„ Oh que painel sombrio, e tão medonho
(Exclamarão os dois) á tão rizonho
„ Sucede! Nelle ve-se affigurado
„ Hum fero drago humano coroado!
„ Elle goteja sangue, elle descreve
„ O cum'lo da desgraça em ponto breve! „
Este painel sombrio, e turbulento
(O Archanjo lhes tornou) de paz izento,
Pinta o paço fatal, e o triste azilo
D'hum Phalaris, d'hum Nabis, d'hum Perilo;
Ou de outros despotas, com que tu podes
Vangloriar-te, o' Roma. O nome, Herodes.
Se pelos ambitos do tecto augusto
Vedes pintada a morte, o horror, e o susto;
He que nelles adejão, quaes cardumes
De aves nocturnas, os crueis ciumes.
Se pelas salas tristes fluctuando
Correm ondas de Sangue, inda fumando;
São os tragicos fins, e as duras mortes
Dos cáros filhos, das gentis consortes.
Os olhos do tyrano ameaçadores,
Que á tudo vibrão iras, e terrores,

São rubidos, ferozes, inquietos,
Como á quem inquietavão mil projectos.
A bôca, tal que do Aqueronte a bôca,
Só mortes proferia com voz roucá.
Era o rumor de hum Rei, de pouco nado
Quem perplexo o tem feito. Do malvado
A negra consciencia em grito o insulta,
Dictando-lhe: que extranha mão occulta
Lhe rouba o scetro, lhe derruba o throno,
De que era uzurpador, e não o dono.
Eis ja se agasta o somno com seus olhos:
Ja nas flores do Scetro colhe abrolhos:
Cuidando só no crime, só no engano,
Que são sempre os cuidados d'hum tyrano.
Troveja a regia voz: ja parte o forte
Satellite fatal, raio da morte.
Ja toda Tetrarquia da Judêa,
Corte, cidades, villas, pobre aldêa,
Retinem c'os soluços, e vagido
Das mãis, que perdem, do penhor perdido.
Eis ali os corpinhos mutilados,
Em tanto amor nascidos, e gerados.
Porem mais bellos, que os numismas d'oiro,
Que o avaro amontoa em seu thezoiro.
Cordeirinhos devidos ao Cordeiro,
Que em Moria se imolou, Deus verdadeiro.
Victimas simples, que no altar estando
C'o as palmas, e seu sangue estão brincando.
Qual da floresta o plano, que juncado
Tem de alheio matiz o nóto irado;
Quando em rijo tufão, que não se espera,
Rouba os iris da nova primavera;
Taes estavão por terra, a côr perdida,
Os Santos martrisinhos, ja sem vida.
A Puerpera, á quem o amor, e o Susto
Perturba; ao triste morticinio injusto

Fugindo está: sem mais outra assistencia,
Que esconder no regaçó a Providencia.
Salvando por debaixo das palmeiras,
E Egypcios terebintos as primeiras
Esperanças da fé, nossa alegria
Do sacrilego rey, que o perseguia.
Logo num Fano o Celite apontava
O Joven Deus em ár, que dissertava.
Era o Senado dos espectadóres,
Os escribas da Ley, e os seus doutores;
Confuzos de ter tal sabedoria,
Quem mal tres olympiadas teria.
No calor da desputa eisque assomava
A Mãy, que os puros olhos enxugava
Do pranto, que cauzou-lhe o sentimento
Da prematura auzencia. Oh violento
Punhal de penas! Por gentis finezas
Parece, que colhia só estranhezas.
Seu rosto angelico, da dor magoado,
Era hum formozó Ceo, meio nublado.
Chorava pois, e a magoa era bem justa;
Que achar hum Deus perdido he raro, e custa. =
Depois desta gravura os Padres vião
Outras scenas mais gratas, que fingião
Esplendido festim: perfeita idêa
Do Hymeneo em Caná de Galilea.
Gravara a destra mão nas ricas tellas
Esquisito manjar, aureas baixellas.
Via-se a noiva ricamente ornada,
A madeixa de perolas brincada.
Em tropel quasi o lar, e parecia
Soar o reboliço da alegria.
Por huma, e outra parte estão sentados
Os parentes, e cónvivas honrados,
Que aos noivos alternavão dittos finos;
Dos Syros velha uzança, e Palestinos,

Nhum distincto lugar mais eminente,
Depois de recuzar urbanamente,
Brilhava o Redemptor, que ja no aspeito,
E ar mostrava ser varão perfeito.
O rosto, e os olhos lindos dardejando
Huns vizos divinaes, de quando em quando.
Assim da opaca nuvem sol ardente
Vibra as vezes hum raio d'oiro ingente
La estava tambem ó Architriclino,
Increpando o copeiro; que sem tino
Agota reservara mais mimoza
Para o fim. Mas constou, coiza pasmoza!
Que em atenção á Mãy, Jezus mudara
Em mosto generozo a lympha clara.
Desorte que a primeira maravilha,
Com que se distinguio, foi mera filha
Do culto filial; do acatamento,
Que sempre lhe prestou: certo argumento,
De que o Filho á Mãi tinha obediencia,
E a Mãy no filho em fim muita ascendencia.
Outros muitos emblemas explicando
Hia o Nuncio c' os nobres Vates; quando
Entre as mais se diviza huma gravura,
Estranha, nova, e de entender-se dura.
„ Mas que quadro he estoutro? (perguntava
O Thesbite ao Celeste, que explicava)
„ Ou que misterio aqui está affigurado?
„ Juro, que assás me tem maravilhado.
„ Além dos mares vejo, além das ilhas
„ Ah! que immenso paiz! que maravilhas!
„ Vejo hum novo Emispherio, novos ares,
„ Outros Ceos, outros bosques, outros mares
„ Aves estranhas, flores nos matizes
„ Diversas, das que vi nos meus paizes.
„ Pelo longo da costa demandando
„ As regiões austraes, debaixo estando

„ Do semicapro peixe, que he patente
„ Meta meridional do sól ardente;
„ N'um braço do Oceano, que ali morre,
„ Pulquerrima Cidade: logo occorre
„ De nobres edificios; torreada
„ De bronze, e revelins a angusta entrada.
„ Inda mais vejo ali, se não me engana
„ Em painel tão escuro á mente humana,
„ Que pela praça vai a generoza
„ Deipara em triunfo: e populoza
„ Companhia com tochas mil acezas
„ Parece celebrar suas grandezas.
„ Dizei-nos, nobre Archanjo, o que isto intima.
„ Para mim he misterio, he tudo enigma,
„ Tudo sombras escuras, e tão densas
„ Que as azas da razão me tem suspensas. „

O vasto continente, que affigura
(Diz o Nuncio do Eterno) esta gravura,
He hum grande paiz, quazi dezerto:
No tracto ao mundo antigo inda encoberto.
Mas em fim por hum genio denodado
Será das densas trevas arrancado
C'o soccorro da Agulha, e do Astrolabio,
Novo invento subtil do engenho Sabio.
O Ligure immortal, nesta ardua empreza
Tornaste a abrir a porta á natureza:
E obrigaste adorar do mundo a gente,
Como de novo, a mão do Omnipotente.

Que cythara tão doce, ou que profundo
Engenho poderia neste mundo
Huma parte cantar de tua gloria!
Não mais, não mais blasone a antiga historia
As proezas do Grego, ou do Troiano;
Nem a fabula desse tão ufano
Pelos doze trabalhos. Os seus feitos
Com os teus confrontados são defeitos.

Ou antes hum pigmeo, ou huma aranha
A' vista do gigante, ou da montanha.
Por ti hum grão de gloria soberana
Recebe, e mais se exalça a especie humana.
Nova serie de coizas éis que assoma,
E o orbe inteiro nova face toma.
Aplanadas dos golfos as passagens
Novos meios se abrirão, mil vantagens
Aos tractos mercantis: e os bons talentos
Ditarão-se de luzes, e de inventos.
Tocaste a meta da terraquea esfera,
Rasgado o veo dos seclos, que a escondera.
Então do Creador novos primores
Resplenderão, pregões de seus louvores.
Que quando o seu saber mais patentea,
Delle nos cresce o amor, crescendo a idea.
Em fim, mostrada em parte a Natureza,
Agora tu lhe expões toda riqueza;
Mas confessa, que a honra assim o ensina,
Que aprendeste os segredos, e a doutrina
Dos bravos, dos affoitos Luzitanos,
Que primeiros traçarão-te os teus planos.
    He tamanho o paiz, tão vasto o Sólo,
Que se extende de hum pólo a outro pólo.
Ali vegetão varias alimarias,
Varios troncos, e frutas; flores varias.
Achão-se ricas pedrarias finas,
Oiro, e prata, e mil drogas peregrinas.
Os tres reinos aqui que a opulencia,
E bazes são da humana subsistencia;
Em minas, animaes, e vegetantes,
Tão uberrimos são, e tão prestantes;
Que não resolve a sabia subtileza,
Para onde mais pendeo a natureza.
    Cria tudo, que o mundo velho envia;
E o mais, que o velho mundo jamais cria.

Porque, como huma e outra zona apanha,
Produz Lieo, e a fructa d' oiro estranha,
No jardim das Hesperides nascida,
Por quem foste, Atalanta, ja vencida.
E o caixo, que de Rhodes gera o seio,
Melhor tornado neste clima alheio.
Abrilhanta o ananaz, sazona a pêra,
E o pomo, que discordia ja tecera
Entre as deozas do Olimpo no monte Ida,
Que fez Dardania em cinzas reduzida.
Os dons da Ceres loira, em competencia
C' os celeiros Egypcios na afluencia.
Quando o provido Hebreô amontoava
Nelles o grão, que areas igualava.
Alem das farináceas, e raízes,
Que os povos fazem fartos, e felizes.
Que direi desse reino vegetante,
Em dilatar a vida tão prestante?
Aqui colheita salutar descobre
O Fármaco, em vigilias uteis nobre.
Rica mina por certo, grão thezoiro
De mais alto valor, que a prata, o oiro,
E o lustre vão de pedrarias finas;
Do nume de Epidauro prendas dignas.
A palmachristi, a nova Ipecacuanha
Do velho Dioscorides estranha.
Da Cupaiba o oleo preciozo,
Que vence a dor e o golpe mais prigozo.
Hervas, plantas em succos, e virtude
Ferteis de vida, fontes de saude.
Encontrão-se tambem tribus errantes
Nos bosques; que entre si belligerantes
Vivem de singular, e extranho povo,
Que parece outra raça, germe novo.
Antropophagos são, que á tão sobido
Gráo de horror chega humano embrutecido!

Pintão o rosto seu mal encarado
De verde, croceo, rocho, e de encarnado.
E por fugir á vespa o corpo todo
De resinas agrestes, ou de lodo.
Tecer ignorão; mas as suas téllas
São as plumas das aves, cores bellas.
A vida passão em continuas festas
De crápulas, e danças inhonestas.
A Cidade, que ali vedes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica, forte,
Fecunda em genios, que assim quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A Feira do oiro, o Emporio frequentado.
Aptissimo ao Commercio; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.
Será de hum povo excelso, germe airozo
La da Lizia, o lugar mais venturozo.
Pois dos Luzos Brazilicos hum dia
O centro deve ser da Monarquia.
Alçaráõ outras no porvir da idade
Os trofeos, que tiverem por vaidade.
Humas nas artes levaráõ a palma
De aos marmores dar vida, aos bronzes alma.
Outras iráõ beber sua nobreza
Nos tratos mercantis. Tal que se préza
De ver nas suas scenas, e tribunas,
Maior brazão, mais inclitas columnas.
Aquella dos Timantes o extremozo
Pincel com estro imitará fogozo.
Muitas seráõ mais destras no compasso,
Que as linhas mede do celeste espaço.
Mas cuidar de seu Rei, ser sua Côrte,
Dar ás outras a Ley; Eis desta a sorte.
Gravarão do rigor de impostos novos
Os Dynastas crueis a terra, e os povos

Egypcios, por alçar massas estranhas,
Que tú, transpondo o leito, O' Nilo, banhas.
Fosse superstição, ou só vaidade
Da fama dilatar por longa idade;
He certo que o sentio o povo Santo,
Que tanto ali gemeo por tempo tanto.
Hoje busca o viajor o immenso lago
De Méris, e só topa hum campo vago.
E se restão taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo, e só ruinas.
Aqui pelo contrario poz natura,
Por brazões da primeva architectura,
Volumes colossaes, corpos enormes,
Cylindros de granito desconformes
Massas, que não erguerão nunca humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil annos.
Vedes na foz aquelle, que apparece
Pontagudo, e escarpado? Pois parece,
Que deo-lhe a providente natureza,
(Além das obras d'arte,) por defeza,
Na derrocada penha transformado
Nubigena membrubo; sempre armado
De face negra, e torva; e mais se o crea
Neve, e trovões, e raios, com que atroa.
Que co'a frente no Ceo, no mar os rastros
Atrevido ameaça o pégo, e os astros.
Se os delirios da vãa mythologia
Na terra inda vagassem; dir-se-hia;
Que era hum desses Aloidas, gigante,
Que intentou escalar o Ceo brilhante.
Que das deozas do Olympo namorado
Foi no mar por audaz precipitado.
E as deozas por acinte la da altura
Lhe enxovalhão de neve a Catadura.
Do seio pois das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar até o horizonte;

Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto aviza, e previne-se o perigo.
Por huma, e outra parte ao Ceo subindo
Vão mil rochas, e picos; que existindo
Desde o berço do mundo, e d' então vendo
Os seclhos renascer, e hirem morrendo;
Por tanta duração, tanta firmeza,
Deozes parecem ser da natureza.
Ossos da grande mãi, que ao ar sahirão
Na voz da creação; e mal que ouvirão
Que devião parar, logo pararão
Nas fórmas, e extenções, em que se acharão.
Que affigurão exercitos cerrados
De mil negros Tipheos petrificados.
Ao resto sobresahe co' a frente erguida
Dos orgaons a montanha, abastecida
De grossas matas, de sonoras fontes,
Que despenhando-se de alpestres montes,
Vem engrossar o Lago da agoa amara
Do grão Netheroy, do Ganabára.
Tal a fabula diz, de Alfeo que o rio
Faz por baixo do mar longo desvio
Thé Ortygia, em demanda de Arethuza,
Que abraçar-se com elle não recuza.
Então, Brazil, virá tua ventura:
O Seclo d'oiro teu, tua cultura.
Pelas largas espadoas penduradas
Não te-verão mais settas aguçadas.
Nem de penas multicolôr textura
Teus braços cingirá, tua cintura.
Debalde o Caiman se pinte enorme
De rojo á tuas plantas, qual o informe
Do Ichnéumon rival, que gera o frio
Em lodózos paües septemfluo rio.
Correo-se o pano á scena: roçagante
Estellifero palio, auriflammante,

Dezenho do primor, obra de custo
Adornará teu vulto baço, e adusto.
Sceptro na mão terás, e na cabeça
Corôa, donde santa resplandeça
Com raios de rubis a cruz erguida;
A cruz, que he tua crença recebida.
Os frutos de teus bosques, de teus prados,
Mais doces hão de ser: porque cantados
Dos Tityros seráõ na agreste avena,
Nas silvas resoando a cantilena.
O aureo cambucá, fruta que unida
Nasce á casca da rama: a denegrida
Jaboticaba doce, que bem vinga
Nas frescas varzeas da Piratininga.
Vos tambem, O' alados, que em plumagens
Da filha de Thaumante sois imagens;
Vos sereis celebrados, que girando
Lindos jardins no Ceo andais pintando.
O Psitaco loquaz, grossas Araras,
Os loiros Canindez de plumas raras;
O trombudo Tucano, que no peito
A côr formoza traz, daquelle geito,
Que Daphne ja trouce nos cabellos,
Em crespos fios d'oiro rico, e bellos:
A Iraponga nivea, que nos montes
Arremeda em tinir sordidos Brontes.
Os ceruleos Sahis, e tambem verdes,
Onde tu, esmeralda, o preço perdes.
Os rozeos colhereiros, e os vermelhos
Guarás, que pennas trajão sendo velhos
De escarlate, se bem que negros nascem:
Mas quando as salsas conxas do mar pascem,
Rubras côres recebem tão sobejas,
Que tu, rei dos jardins, ó cravo, invejas.
O raro Carajoá, que grão thezoiro
Tem na gorja de azul, de roxo, e d'oiro.

Que beatifica os Goytacazes prados
De sons angelicos, de mil trinados,
E as tuas margens ama, e as agoas liba,
O' sereno, e austrino Paraiba.
E o Tyê, que o múrece escurece,
Com que a praia de Tyro se enobrece:
E outras muitas em fim, que são diversas
No canto, e fórmas pelo ar dispersas.
Tambem Colonias mil serão fundadas
De praças, e lugares: affamadas
Por nobreza e commercio; de maneira
Que qualquer julgará ser a primeira.
Da latitude austral no gráo trezeno,
N' hum rico e fertilissimo terreno,
A primeira Cidade o navegante
Saudará do mar, ninho importante:
Que no cume de hum monte se sublima;
Qual o da aguia, que alturas tanto estima.
Mãy de nobres colonias, que algum dia
Serás, ó Soteropele Bahia.
He da qui que tu, inclito Janeiro,
Tomas o berço, e o fundador primeiro.
Assim matrona illustre, grave, e annoza
Vê, prolifica em fructos glorioza,
Cem filhos dos seus filhos despozados,
Esgalhos de hum só tronco derivados.
Assim arvore exotica estimavel,
Que restou singular, inexgotavel
De si reparte garfos á milhares
Para mil hortas, para mil pomares.
Do porto seu baixeis empavezados
Iráõ cortando mares empolados.
O paiz demandar fronteiro á este,
Por onde corre o Zaire, sopra o leste.
Coacervando no seio em seu proveito
O oiro das nações: como tem feito

Antes de se abrazar, Tyro, e Carthago:
Esta em Ausonio, aquella em Grego estrago.
Subindo hum pouco mais, verão Olinda
Surgir das ondas marcial, e linda;
Cujos trofeos soberbos escurecem
Os trofeos, com que as Dunas se ennobrecem.
Em vão o Leão fero das Asturias
Castigar jure Belgicas injurias.
Innutil tentativa! vão reforço
Só Olinda arrostar pôde á tanto esforço.
Ao resto do paiz, como engrenhadas
Matas tiver, Cidades isoladas,
(Prosegue o Archanjo) e Amphitrite em meio,
Todo o ardil será vão, todo o bloqueio.
Se algum porto, ou lugar for esbulhado,
Não será pelas hostes conservado.
Que tendo além dos mares a esperança,
Não soffre o instante mal menor tardança.
Mais a cima a Cidade se descobre
Em lares não humilde, em copia nobre
Do arminho vegetal, da casca ardente,
Com que tu, Maranhão, és excellente.
Colonia que o Gaulez sagaz fundara,
E dos Brazis corrido não gozara.
Quando do Ebro seguia a infausta estrella
A princeza do Tejo, Lizia bella.
Viuva de legitimos Senhores
No jugo, e nos grilhões de usurpadores.
Mais la por onde a noite iguala o dia,
Linha equinocial na hydrographia,
Por ultimo a Cidade nobre impera,
Com o nome, onde o Verbo á luz viera.
Bem sobre a foz de hum rio, que no mundo
He Capitão das agoas sem segundo.
O Tejo, que ja perolas da aurora
E Hydaspicos mares houve outrora;

O Tybre, que nos giros, que rodêa,
Trofêos volvia, como agora arêa;
O Rheno, cujas margens se glorião
Do roxo nectar, que fecundas crião;
A' vista do Amazonas, reprezentão
Quaes ramos sobre os troncos, que os sustentão.
O' nautas, que contaes coizas tamanhas,
Vendo extranhos paizes, novas manhas,
Dizei ao morador do velho mundo,
Que n'outro hum rio vistes tão profundo,
Que no seu vasto seio huma ilha aponta
Que tres vezes sincoenta milhas conta.
Paiz, quazi ao desdem; até que hum dia
Lhe imprima dextra mão nobre energia.
Analogo rival, quadro imitante
Dô cheirozo terreno, do abundante,
Que o Indo rega, morador da aurora,
E o Ganges, cuja fonte em Eden mora.
Aqui as plantações tão lindas crescem
Do extremo Chim, que indigenas parecem:
A estomacal raiz, acre, e pungente;
A negra pipereira, o cravo ardente;
O muscado adoriferante fructo,
De que as aves recebem grão tributo.
aquelle, cuja amendoa cria a massa
Da potagem balsamica, que passa
Em delicias o nectar delicado,
Dos Immortaes nas mezas só brindado.
A canfora, antevermis preciozo,
O alóes, o sandalo cheirozo;
E a salutar cortiça da canela,
Com que tu, Taprobana, és rica, e bella.
Bem poderião pois ser transplantadas
Estas substancias todas: trasladadas
Aqui vantagens taes: e deste geito
Mais proficuo o Brazil, de mais respeito.

Quem ouzára affrontar golfos tão altos,
Expondo o peito a tantos sobresaltos?
Quem ver quizera a horrenda catadura
Do gigante, ao prezente rocha dura;
Tendo aqui lastro prompto, fresco, e certo,
Por mar mais social, rumo mais perto?
Voltando ao Austro, os bosques senhorea
A illustse povoação de Paulicea;
Aprazivel lugar, cuja campanha
O Tamandaay cercando banha.
Cujos alumnos fortes, e briozos,
Rios transpondo, montes escabrozos,
Atropos insultando, e os seus perigos
Sem rotina segura, sem abrigos,
De Pantheras, e serpes assaltados,
E do indigena bruto; em fim cançados
Darão com as terras pingues, e abundantes
Das veias d'oiro ricas, e diamantes.
Aquelles que forrando o peito duro
De triplicado bronze, o mar escuro
De Helle na aventureira faia arando
Voltão de Colcos ledos, transportando
D'oiro a lan; não disputem as conquistas,
Que hão de tentar os inclitos Paulistas.
Contigua á esta terra a terra péga
Do metal, que a fortuna a muitos nega.
Tudo quanto de Ophir se tem fallado,
E de riquezas d'oiro exagerado;
Em gráo aqui se encontra tão sobejo,
Que pode terminar qualquer dezejo.
Nunca tamanhas, tão exuberantes
Copias de metais finos, e diamantes
Em cofres eclipsarão chapeados
Da riqueza os heroes: nem celebrados
Senhores forão ja de tanto preço,
Atalo em Pergamo, e na Lydia Cresso.

E se nada exagero, ou dissimulo,
Em vão se aggrave contra mim Luculo.
Descendo á costa hum pouco ao meio dia
A Ilha Linda se-verá que hum dia
Nomeada será florente, e culta
Da Illustre Martyr, que o Sinai sepulta.
Por quem a antiga Grecia se esquecera
De Chipre, Chio, Samos, e Cithéra.
Em fim nas margens de hum soberbo rio,
Quazi termino austral do Senhorio
Luzo; em gentis, e deleitozos prados
Dos dons da flava Ceres lourejados;
Ficará Portalegre, cujo nome
Natura deo-lhe, que ninguem lho tome.
E tu, inclita Villa da Victoria,
Que ja em teu nome ostentas tua gloria;
Não penses que de ti se esquece a muza,
Que o merito exaltar jamais recuza.
Tu ergueste soberba os teus pavêzes
Contra o Belga, e o Tamoia muitas vezes.
Tu abundas de aromas, e rezinas,
E, o que he louvor, de mentes peregrinas.
Mas se alguem contraditta quanto allego
Venhão vingar-te as muzas do Mondego.
A bella estatua, que com bello arranjo
Sobre aureos serafins (prosegue o Archanjo)
He Levada entre a turma, que abrazada
De amor, laudes lhe-rende em voz alçada;
Já mostra, que será da vencedóra
Do Erébo a Cidade grão cultôra.
E he por esta razão, e he neste intento,
Que mereceu, aqui disctinto assento.
Ella fará subir á clara esfera
Em seu nome trofeos, onde a arte impera.
Soaráõ pelos Lares, e nas ruas
Hymnos mil, e canções em glorias suas.

Não vedes acolá como apartada
Colina, ora de silvas erriçada,
Ninho de Serpes, placida guarida
De feras? Será então no cume erguida
Caza á Virgem, mediocre na altura,
Mas no risco primor da arquitectura.
Que ostentará por timbre de memoria,
O titulo pompozo desta Gloria.
Troféo, que inda será, da piedade
Do trato mercantil desta Cidade.
Celebraráõ a volta deste dia
Nella os povos com fogos de alegria.
Por marmoreas escadas a subida
Conduz ao alto, e ao portico da ermida.
Sobre lagedos de granito em quadro
Descança a baze, que ali tem hum adro.
Dos lados peitoris; descanço, e meio
Dos olhos pastearem seu recreio.
Situação risonha, sobranceira
Ao mar, entre a vaidoza cordilheira
De rochas, e de serras mil esguidas,
De palmas, e arvoredo abastecidas.
Oh! que novo fulgor! Oh! que serena
Luz innunda, e abrilhanta a rica scena!
De piedade inuzitado exemplo
Eu vejo, eu vejo neste augusto Templo.
Este dia, Brazil, com typos d'oiro
Transmittão teus annaes athé o vindoiro.
Marcha a pompa dos nobres, e Senhores,
Brilha o oiro, e o ostro, e os seus primores.
Entre todos levanta o Magestozo
Collo o Principe, qual ergue frondozo
Plátano a verdejante copa ingente
Sobre a vergontea debil. Eis que contente
Vem ao Templo Offertar com fé, que espanta,
A' nova Imperatriz dos Ceos a Planta

Bragantina. Dicando Agradecido
A'quella, por quem tinha recebido.
Arde a Panchaia, sobe o odor aos ares
Descança a Linda Offerta nos altares.
Entre as grimpas da torre ao Ceo erguidas
Festejão bronzeas bocas retangidas.
A varia cor purpurea das bandeiras
Nutre os olhos, dá vistas mil fagueiras.
Ribomba pelo espaço do oceano
Em crebras explozões rouco Vulcano.
Sobem votos de amor, ao Ceo propicio
Porque ria de cima ao Natalicio.
Clama o povo, e no longe os arredores
Vão repetindo os eccos dos clamores.
Em fim tudo he festivo, e prazenteiro
Nas venturozas ribas do Janeiro.
Aqui nautas viráõ cumprir o voto,
Trazendo em hombros o velacho roto:
Co' a roupa mal enxuta, inda assustados
Dos euros, e escarceos encapellados.
Viráõ tambem Romipetas, trazidos
Da devoção, de offertas opprimidos
Assim que por tal fé, tão extremada,
Bem podéra esta praça ser chamada
A Cidade da Virgem: bem como ella
He Cidade de Deos rizonha, e bella.
E tu, fausto lugar, que inda algum dia
Nobre assento serás da Monarquia;
Tu que ja foras inclito, e florente
Nas artes, na riqueza, e illustre gente;
Escuta agora os dons esclarecidos,
Que á ti do Ceo estão apercebidos.
Verás soberbas filhas do Oceano,
Prenhes de rico pezo, que cada anno
Feudos te pagaráõ das ricas têas
Das plagas orientaes, das Européas.

Verás do Reino fizico aclarados
Seus segredos, telli não revelados,
Madeiros de fabrico primorozos,
Cascas de tintas, oleos preciozos,
Tantas rezinas, massas, e perfumes
Que ora desprezão barbaros costumes.
E outras mil raridades descobertas,
Reduzidas á classe, e a regras certas.
Thezoiros a meu ver, mais importantes,
Do que teu oiro, do que teus diamantes.
Verás brilhar as artes, florecendo
Novos inventos: maquinas nascendo:
O premio honrando do talento o zelo,
E este o premio a honrar com merecelo.
Respeitado o cinzel dos Praxitelles,
Com letras de nobreza a arte de Apelles.
Verás das Santas Leis ao doce abrigo
Da donzella o thezoiro sem perigo.
A orfãa lacrimoza consolada,
A viuva de insultos resguardada.
Do avido tutor o desvalido,
Innocente pupillo protegido.
Verás, verás então com grande lustre,
Renascer do teu seio prole illustre;
Nova raça de heroes, bravos guerreiros
Dos heroes da Nação filhos, e herdeiros.
Rivaes dos Magalhães, rivaes dos Gamas,
Que farão renascer as Luzas famas,
Que farão respeitar a patria cara,
Tornando-a por seus feitos grande, e clara.
Levando, a ser precizo, o fogo, e a guerra
A' ilha mais longiqua, aos fins da terra.
Verás do Santo culto a Ley Sagrada
No ultimo explendor depozitada.
Ao Ceo subir sagrado, puro incenso,
Por mãos mais puras, dado ao Deus immenso.

O Santo Sacerdocio irreprehensivel,
O Templo venerando, o altar terrivel.
Que todos estes bens em fim se esperão,
Quando as virtudes n'hum lugar imperão.
Verás . . . mas ah! não quer o Ceo que a humanos
Eu revele inda mais os seus arcanos.
Porém se tudo, que na claridade
Divina eu posso ver, he só verdade;
Se os destinos, e seculos futuros
Não me podem faltar, por longe, e escuros;
Tu, Cidade, (direi por derradeiro)
Tu has de ser o Rio de Janeiro. =

Assim os dois se estavão recreando
Com o Nuncio do Ceo sereno; quando
A Virgem Mãy desperta, e a equipagem
Dos Anjos se dipõem para a viagem.
Mas o Vate de Thesbe impaciente
Mostrou inda huma vez o estro ardente:
Em fogo o peito, e os olhos; meneando
A cabeça trez vezes; como quando
Vaticinava a impia Samaria,
A' pompa, que se vai, assim dizia. =
Abri-vos, O' Sion; portas eternas,
Salas das alegrias sempiternas,
Abri-vos: dai lugar, rompa-se a entrada
A' Princeza, por vós tão suspirada.
He tempo, he tempo ja, que o Ceo vingado
Seja na sua herança: e espoliado
O mundo no seu roubo: Oh pompa! Oh filha!
Do empenho Angelical! Ah não, não brilha
O apparato assim dos vencedores,
Que a frente orlando o loiro, entrão senhores
Nas Capitaes: sem se lembrar entrados,
Que os loiros molhão olhos lacrimados

E tu, Filha do Eterno, obra primeira
Do Archetypo exemplar; tu estrangeira

Sempre na terra, foge do desterro:
Foge o mundo, de tigres gruta, e serro:
Apressa-te em fugir, desaparece;
Não he digno de ti, não te merece.
Não beberás jamais succos amargos,
Que elle te fez beber á sorvos largos.
Conheça esse malvado, esse perverso
Quem és no Ceo., na terra, no Universo.
Sóbe com pompa, ó radiante aurora,
Ergue a cabeça, mostra-te Senhora.
Orna-te dos listões d'oiro fulgentes
De mil virtudes, de mil dons ingentes.
Sacode o negro pó do abatimento,
Quebra os grilhões do antigo soffrimento;
Enxuga as rubras faces, véda o pranto,
Amanheça em teu rosto prazer Santo
Torne outra vez a calma, torne o rizo
A teus labios, paineis do Paraizo.
Eis o dia feliz, ó mulher forte,
Dos mimos receberes do Consorte.
Hoje entregou-te do segredo a chave
De suas Graças, teu poder suave.
Como hum astro novel, teu nome agora
Vai brilhar desde o occazo até a aurora.
Não vergue o pólo em tão remoto canto,
Que ouze desconhecer teu Culto Santo.
O morador do Syrio, o do Carneiro,
Os que vêm ou por ultimo, ou primeiro
Nascer o Sol do mar, nelle immergir-se;
E aquelles, que se folgão de tingir-se
Nas ondas do Phizon, que enchendo banha
Da Thebas de cem portas a campanha;
Os da Scythia, e tambem da Libia quente,
E os que habitão as filhas do Tridente;
Todos celebrarão tua memoria,
Teus combates, teu nome, tua gloria.

Vos mesmos, vos talvez desconhecidos
Do Soldado feroz; cujos ouvidos
Inermes inda não forão troados
De aguias bifrontes, de carros falcados;
Vos cobrireis, O' povos, suas aras
De ricos dons, de victimas preclaras.
Em fim Princeza, em quanto vão passando
As raças; florecendo, ou ja murchando;
Em quanto o grão farol, luz do Universo,
No Oeste esquife achar, no Leste berço;
Em quanto os rios para o mar correrem,
O tributo a pagar-lhe; em quanto houverem
No Ceo estrellas, na campina flores;
Virirão sobre a terra teus louvores.
Mostra-te pois ao Ceo, ao Orbe inteiro,
Que és a Espoza de hum Deus, Mãy do Cordeiro.
O' bemaventurança: ó gloria! ó Sorte!
Eu vejo o Ceo revolto: eu vejo a Côrte
Dos Anjos toda em gala: eu vejo a Trina
Magestade suprema, que se-inclina,
Para te dar o premio: ah premio incrivel!
Premio da mão de hum Deus, fiel, sensivel.
Entretanto serena vai passando
Os assentos do Empyreo; atraz deixando
Os Córos purpurados dos valentes
Martyres; e das Virgens innocentes.
Deixa as Cadeiras dos Leaes Monarcas:
Deixa os Apostolos, deixa os Patriarcas.
Passa os profetas, passa as Jerarquias,
Distinctas pelas nove Companhias:
Elevando no teo pompozo carro
Do lacrimozo Adão o feliz barro;
No mais alto lugar do firmamento,
Vizinho quazi a Deus, da-lhe o assento.

FIM DO SEXTO CANTO.

ASSUMPÇÃO.

CANTO VII.

ARGUMENTO.

Torna o Inferno a urdir novo dolo para desviar o Santo Triunfo. Descobre-se o artificio, trava-se horrivel combate entre os Anjos, e os ministros infernaes. Forão estes precipitados em varias partes do globo. Falla da Santa Virgem. Reflexões dos Anjos sobre os effeitos da Soberba.

OUTRAS palavras taes o grão Vidente,
Ferteis de predições em estro ardente,
Vociferava; e os écos repetião,
Que ja pela distancia mal se ouvião.
Trilhava a turba angelical a estrada
Do mais longinquo Ceo; a suspirada
Méta quazi a tocar, e eis no profundo
Outra vez brame, e espuma o Drago immundo.
Descontente do antigo dolo ordido,
Que tão mal lhe sortio, e ja esquecido
Da pena atroz, dos horridos tormentos,
Que soffrera, inda vem com vãos inventos
Tramar novos embustes, atro engano
A' pompa Virginal; tenta o tirano

Na capa da virtude, nova farça,
Se accazo he mais feliz: nella disfarça
Seus ministros de trevas, e escolhia
Sua amiga fiel, a Hypocrizia.
Era todo seu plano, e negro intento,
Desviar o Celeste ajuntamento
Para plagas occultas, e remotas,
Ao Ceo impervias, e da terra ignotas.
Pois não podia (com pezar interno)
Arrastalos ja mais para o Inferno.
Ha no rabido Cáos, na mais interna
Escuridão do abismo, huma Caverna
Vastissima; lugar espavorido,
Sempre da clara luz aborrecido.
Ar exala de si tão pestilento,
Que hum vivo mataria n'hum momento.
Ali aves lucifugas revoão,
Que de guinchos agudos tudo atroão.
Ali passea de contino hum vulto,
Cujo semblante as trevas tem occulto,
Mascilento, mui longo, deslocado,
Não se sabe se he a morte, ou se o peccado;
De sombras vans seguido, e de figuras
De feio ver, de horendas cataduras:
Que apenas por hum falso, e mago lume,
Que mal fere das trevas o negrume,
Se deixão ver; como o lugar, tristonhas,
Sempre a contrafazer fórmas medonhas.
Neste retiro habita o Egoismo,
Monstro o mais execravel, que ha no abismo,
Em alvergue mais commodo, e aceado,
Fertil de provizões, de luz banhado.
He grosso, pouco vê, não tem ouvidos
Por não ver prantos, nem ouvir gemidos.
O ventre volumozo, os braços curtos,
Mas longos, e subtis para seus furtos.

Menos enorme pinta o Mantuano
O sordido barqueiro do Sumano.
A seu lado se via o seu recreio,
Moxo nojento de penugem feio.
Só para este animal he accessivel,
A pluma a lhe affagar meigo, e risivel.
Em tudo mais o monstro inexoravel
He carrancudo. Sempre insaciavel
Só cuida enriquecer; e em tal cuidado
Tem quazi todo Averno expoliado.
Reter o alheio em paz he seu socego,
He todo seu prazer, seu doce emprego.
Não ha neste ferrenho negro peito
Briozas sensações de honra, ou direito.
Ja mais ouvio a voz da humanidade,
Nem sabe, o que he prestar, nem amizade.
Em seu conséito patria, brio, gloria
He quimera: ou das fadas van historia,
Que as aias contão aos pequenos, quando
Estão indoceis, e sem dor chorando.
Como quer que em regalos, e tranquillo
Passe a vida, abastado em seu azilo,
E nem turbem-lhe o somno, e nem a porta;
Que esteja, ou caia o Inferno, pouco importa.
Duas ordens de sombras volteando
Em torno estão do montro sempre. Hum bando,
Que he por certo o mais triste, e mais avulta,
Que a rapina lhe exprobra, e audaz o insulta,
He desses malfadados desvalidos,
Cujos bens uzurpara; e que retidos
Os pedem, mas em vão; pois quem reune
Grão somma de dinheiro, he sempre impune.
Dos Clientes he o outro, que ali ferve;
A que o bruto promette, e nunca serve:
Que se nutrem de esperas largos annos,
Nunca avizados pelos desenganos

E no longo esperar, e na tardança
Perdem o tempo, mas nunca a esperança.
De contino a mão traz delgada cana,
Com que afugenta a debil chusma insana
Das sombras importunas, que o rodeião,
E seus insultos avidos lhe afeião.
Taes, assim que as Estróphades chegavão,
Do Teucro os companheiros afastavão
C' os ferros nuz as sordidas Arpias,
Que vierão manchar-lhe as iguarias.
Não sei porque segredo do destino,
O antro deste aborto tão maligno
As farças do Cocyto esconde, e encerra
Com que a gente do mundo o Orco aterra.
Talvez seja este o prestimo no abismo
Unico, que exercita o Egoismo.
Ou talvez porque assim se céva, e nutre
A rapina, e avareza deste abutre.
Nesta caverna entrava a Hypocrizia
Para a trama ultimar, que astuta urdia.
Aqui pois mil vestidos ha medonhos,
Que trajão os do Averno, quando em sonhos
Se mostrão aos viventes; ou se inventão
A sacrilega magia; ou quando tentão
Turbar com falsa luz, panicos sustos,
No fervor da Oração os homens justos.
Pendentes ali estão discos, e céstos,
Malhas, elmos, belligeros aprestos,
Para quando algum monstro toma o inteiro
Fantasma de hum athleta, ou de hum guerreiro.
Qual vestido, que imita o vulto ingente,
Que o velho Antheo tivera; e juntamente,
O teu, monstro, que á Alcides ja roubaras
Os animaes, que em Memphis tinhão aras.
Qual pinta as tres irmãas, que se dizião
Gorgonas, e de hum olho se servião.

Qual o Jano bifronte, qual a Esfinge,
Qual Protheo, que mil fórmas larga, ou finge
E as Celenos de grifos espantozas
Aos festins tão nojentas: quaes musgozas
Do mar equoreas fórmas, até o meio
Mulher, e o mais de escamas peixe feio,
Como são Acheloidas Sereas,
Que as salsas ondas cortão Eritreas.
Dentro deste covil hum outro havia
Sem melhorar em uzo; ali se via
Rico depozito de preciozos
Ornatos, no lavor mui primorozos.
Varias larvas, e varias joias ricas
De mulheres formozas, e impudicas,
Que vestem os do Tartaro; se a empreza
He teus lyrios murchar, santa pureza.
Ou quando com taes vestes, e matizes
Affectão ser Celicolas felizes.
Quanto Azia tem de efeminado luxo,
Que ao molle Sibarita forte influxo
Ja cauzara, e tambem em nossa idade
Irrita, e encanta a mulheril vaidade;
Quanto inventa das artes a destreza,
Ou por ornar a natural belleza,
Ou ja por garantila dos defeitos,
A que o crime de hum pai nos fez sujeitos,
Tudo ali se aprompṭava, e se trazia
Para o enredo fatal da Hypocrizia.
Ricas arcas despejão-se pejadas
De aneis, brincos, pulceiras, arrecadas,
Enfiaduras de aljofar, chamejantes
Gargantilhas de perlas, ou diamantes.
Aqui pois os ignicolas tomavão
As farças, que a seu geito mais quadravão.
Ja aos Cerastes crueis, e outras serpentes,
Que em tranças se lhes nastrão pelas frentes,

Vão succedendo circulos de rozas,
Ou grinaldas de pedras preciozas.
Huns os cintos apertão com doirados
Fraldões de rica tella; outros malvados
Abroxão refulgentes braceletes.
Estes no peito provão os coletes,
Em cujo campo as flores, que esmaltavão
Ricos fios de aljofar enlaçavão.
Huns dourados cothurnos vão calçando
De rica filagrana; outros atando
Estão ao colo fulgido adereço,
Onde a arte a materia vence em preço.
Aquelle pulveriza a crespa coma
De popolina d' oiro: est' outro toma
Nos hombros rubro manto de veludo,
Brincando perolas, e oiro em tudo.
Alguns se impunhão tôcas elegantes
Da transparente garça, mui brilhantes
Pela rica espeguilha d' oiro fino,
Que ali traçara risco peregrino.
Nem falta em cima a pluma tremulante,
Ultimo gosto, moda dominante.
Não deitarão no rosto a côr mimoza
Que imita a côr da pudibunda roza:
Nem outros enfeitinhos, ou levezas,
Que tanto prezão femenis bellezas.
Por temerem, que taes desenvolturas
Trahissem seus enredos. Nas larguras
Das espaduas adumbrão aureas pennas,
Que o vasto azul do Ceo varrem serenas.
Qual avido Colono, que da herdade
Vem tratar seus litigios á Cidade,
E os passos para o artista dirigindo,
O traje idoneo a Corte está vestindo:
Ora prova este ornato, ora exprimenta
Se tal, ou tal vestido bem lhe assenta;

Assim a negra Esthyge florecia
Nas cavernas da infame rouparia.
Ja muitos vão tomando das delgadas
Hasteas d'oiro, no extremo sublimadas
As memorias da Virgem, arranjando
Alá dupla vistoza: concertando
Com passo grave a marcha, e desta sorte
Vai encontrar-se a infernal cohorte.
Vinhão primeiro os mais ennobrecidos,
Das gerarquias posthumas seguidos.
Os que gozarão mór celebridade
Nas aras vans da van gentilidade.
Os deozes, que em Sidonia, Tyro, e Egipto
Templos houverão ja, cultos, e rito.
O que por Deoza Cypria recebera
Incenso em Gnido, Paphos, e Cíthera.
Onde, o culto insultando a Divindade,
Erão as oblações impuridade.
Aquelle, que com titulo de Astarte
Aras teve na Syria: grande parte
Dos idolos de Amon, dos Moabitas,
Fataes tropeços dos Israelitas.
Não deixou tabem vir, e com justiça
O monstro, que inspirara a Pythonnissa.
Os que gesticularão fórmas feias
Nas Sybilas de Cumas, e Eritreas.
E os que de sanha encherão as Bacchantes,
O Druida Gaulez, os Coribantes
Que com tições accezos, e atra orgia,
Os povos inquietavão noite, e dia:
E toda a Ilha Gnossia, e a selva Idea
Deste rito immoral festa tão fêa;
Tambem vieste ali rico, e affeitado,
Cruel Moloch, que la no detestado
Valle de Henon co'as bronzeas mãos ardentes
Reduzias a cinza inda viventes

Victimas tenras, cujo enternecido
Lamento do estridor não era ouvido.
Em fim mil outros, vinhão disfarçados,
Em cargos, e nobreza abalizados:
Que como era de empenho a tal empreza
Erro fora não vir toda a grandeza.
Ao som acompassado dos accordes
Mil instrumentos muzicos, concordes
Vão entoando em próza solta, ou verso
Emcomios a Princeza do Universo.
„ Quanto ostentou da Lei a prisca idade
(Hum monstro ja cantava) em Santidade
„ No sexo feminino, Sara, e Anna,
„ Judith, e Esther, Abigail, Suzana,
„ Forão preconios ja de ti, Senhora,
„ Saudozas madrugadas dessa aurora.
„ Tu foste o Lenho, guardador do humano,
„ Quando esfaimada a boca do Oceano
„ Toda terra engolio, sanha divina,
„ Que atrahio a peçonha Serpentina.
„ Tu foste o monte Santo assignalado
„ Monte pingue de hum Deus, monte coalhado,
„ No qual, bem como em thalamo florido
„ Mezes nove eclipsou-se submergido.
„ Tu foste essa vergontea generoza,
„ Que a flor abrolha de Jesse mimoza.
„ Mas porque fatigar meu peito rudo?
„ Tu foste a Mãi de hum Deus! Tu foste tudo. „
„ Salve, Germe feliz (outro dolozo
Acrescenta) por vir de hum venenozo
„ Tronco velho fatal, em que a riqueza
„ Da Graça prevenio a natureza.
„ Pomba nivea sem mancha, que a virente
„ Oliva da paz trouce a mortal gente
„ No diluvio do crime, que primeiro
„ Que o das agoas crestara o globo inteiro

„ Salve, Lirio rizonho entre os espinhos,
„ Sempre igual, sempre Santa em teus caminhos;
„ Oiro sem liga, vara sem tortura
„ Lua sem fazes, nova Creatura,
„ Canal da Salvação, porta da vida
„ Da triste humana raça ja perdida. „
„ Salve, gemma do Empyreo (outro insolente
Continuava) dom do Omnipotente,
„ Maravilha fatal, que inda adumbrada
„ Era ao Cáos ja terrivel o teu nada.
„ Esmagando a cabeça da Serpente
„ Escabroza teu pé não existente.
„ Nunca a morte de hum Deus fora baldada,
„ Sendo só tu da nodoa prezervada. „
Bem contra seu querer isto dizião,
Porem melhor desta arte se encobrião.
Assim obsequios placidos, e amigos
Recolhe dos seus feros inimigos,
E das sulfureas fauces da mentira
Triunfante verdade a Virgem tira.
Fingia ser o hypocrita cortejo
La do Empyreo estellifero, ao festejo
Dizendo vir por ordem veneranda
Daquelle alto Poder, que ao Orco manda.
Não derão logo os Celites na teia,
Que quem o mal não faz, não o receia.
Antes reciprocavão á porfia,
Hymnos de gloria, cantos de alegria.
E com os novos córos exultavão,
Pois alheios do ardil jamais cuidavão
Que o inimigo fatal da Santidade
Huma vez a trajasse por maldade.
Virão com tudo, que nenhum trazia
O Thau da Redempção, nem proferia
Aquelle nome Augusto, a cuja alteza
Curva o joelho, e acata a redondeza.

Isto fez novidade, e fez reparo
No claro habitador do Olimpo claro.
Em tal desconfiança finalmente
O Sagaz Gabriel vio claramente
Que emergião das furias mascaradas
De quando em quando bagas abrazadas.
„ Alerta, bradou logo, alerta, amigos.
„ Contra os traidores, contra os inimigos.
„ Ah! coragem, e esfôrço que atacados
„ Somos de mil Tartareos condenados.
„ Não são lumes do Empyreo, não descerão
„ Dos Outeiros eternos, nem vierão
„ Gozar com nosco de prazer tão puro.
„ São Vampiros do Estix, he o flami-escuro
„ Cáos que torna com louco atrevimento
„ A vir paralizar dos Ceos o intento;
„ He piedoza actriz, à Hypocrizia
„ Que na capa se embuça meiga, e pia
„ Por melhor pôr em praxe, e exercicio
„ Da tartarea vingança o artificio." „
Não acabava, quando de improvizo
Muda-se a farça, desapparece o rizo:
Não faz mais hum misterio o negro enxame
De seu ardil, de seu projecto infame.
Taes como são se mostrão: brazeados,
E em turbilhões de fumo ennovellados.
Sem ninguem pressentir, em hum momento
Transmuta-se o falsifico ornamento
Em lanças, capacetes, ferreas massas,
Espadas, arcos, frechas, e coiraças.
Tal nos nossos theatros de repente
Erguida a auléa, a scena he differente.
„ Até quando, ó dragões, a sorte accerba
(O Arcanjo lhes bradou) da van soberba
„ Vos impedirá ver com razão pura
„ O gráo, em que jazeis da desventura!

„ Que lucros tirar póde, que partido
„ Contra seu Deus, o ente enfraquecido!
„ Que tentar ouza o nada realizado
„ Contra o pulso de hum braço illimitado?
„ Desde o instante fatal, em que perjuros
„ Vos vistes, e proscriptos dos Ceos puros,
„ Descaidos da graça, e da belleza
„ Natal, ja conseguistes huma empreza?
„ Accazo a contumacia extravagante,
„ Que vos caractheriza, hum só instante
„ Vos salvou do naufragio mizerando,
„ Que de contino estaes experimentando?
„ Ou em fim fazeis flor, fazeis jactancia
„ De vosso oprobrio, e dor, vossa ignorancia?
„ Oh cegueira fatal! Oh sorte dura!
„ Fazer das trevas luz, do mal ventura. „
„ Refrea a lingua audaz, ó raça ignava
„ Do atroz Empireo (hum monstro lhe tornava
Por nome Bel, que teve antigamente
Incenso, e altar na Babilonia gente)
„ Calai-vos, que vós fostes só creados
„ Para arrastar grilhões. Ah malfadados!
„ Nós outros somos livres, nosso peito
„ He indocil ao jugo, temos feito
„ Igreja, e Reino a parte, não queremos
„ Que estranho leis nos dê, nem entendemos.
„ Somos Reis, e Senhores, temos culto
„ Sem soffrer, como vós, eterno insulto „
„ Oh Igreja . . . (o Celeste respondia
Com sardonico rizo) Oh Monarquia . . .
„ Oh Liberdade . . . Sim tendes altares
„ Não soffreis damno algum, nenhuns pezares.
„ Nós vemos, oh! Nós vemos, quando accezos
„ Nadais sobre hum sulfureo estagno; prezos
„ Sem recurso, e opprimidos pelo austero
„ Braço de hum Deus, que he vingador severo.

„ Ouvi, trevas do abismo, e sua escoria,
„ He a nossa humildade nossa gloria;
„ Nós tributamos doce rendimento
„ Aquelle, a quem se humilha o Firmamento.
„ Se o amor lhe prestamos, se o cortejo,
„ Não nos resta a dever hum só dezejo.
„ E servir a quem honra em tanto extremo,
„ O servo não he servo, he Rei supremo.
„ Mas isto vós sabieis, ó infames,
„ Ao principio erão estes os dictames
„ Vossos; e se o negaes, fazeis se veja
„ Quanto em vós o rancor, ou póde a inveja. „

Não acabava, e ja pavor he tudo:
Se hum mortal visse, gelaria mudo.
Negreja o vasto Ceo, tremidos riscos
Tração na esfera rubidos coriscos:
Crebros rebombos dos fuzis atroão,
E os éccos reiterados dezentoão,
Nunca trovões tão feros remugirão
Do polo, quando as aguas submergirão
A terra no seu seio, os altos montes,
Os palacios dos Reis, e as claras fontes.
Nem quando os salsos monstros, e os peixinhos
Virão das aves naufragas os ninhos.
Rugia hum borborinho ao longe vago
Dos Euros, que luctavão com estrago;
E querer parecião do eixo eterno
Sacar a terra, o mar, o mesmo inferno.
A tamanho tumulto, a tal bravura
Descóra o Cáos, erriça-se a natura.

Voão serpes de fogo, espectros feios
No ar exercem bellicos torneios.
Não de outra sorte la na idade antiga
Os Asmoneos sentirão crua briga
No ar tinir, de escudos, e de malhas
Féros encontros, fervidas batalhas.

Em fim investem-se de parte a parte
Com estranho rancor, não visto Marte
Bate o ferro no ferro sem tardança,
No broquel o broquel, na lança a lança,
Na malha a malha com fatal ruido
Medonho, estrepitozo, nunca ouvido.
E o choque era tão rude, e furibundo,
Que julgarieis deslocar-se o mundo.
Nunca o tufão do Oeste pregoeiro
Da turbida procella, tal nevoeiro
De ramos, e de folhas arrebata
Com ellas a juncar o ar, e a mata;
Como os golpes, que os Anjos descarregão
Sobre as furias, que em mal ja mais socegão.
No meio deste horror, que o execrando
Orco palido excita, hum Drago infando,
Que la no abismo ignipotente impera;
Lusbel por nome, nome que troucera
Antes de ser das nuvens fulminado,
Sahindo a campo, eisque exbraveja ouzado:
E com vóz de trovão, que a esfera espanta,
Taes blasfemias vomita da garganta; =
„ Se dessa turba laxa, vil, malquista,
„ Por onde com horror extendo a vista,
„ Ouza alguem arrostar-me, e não recea
„ Comigo se medir, venha thé a area:
„ Venha, que o espero: e ja de agora juro,
„ Que a coragem decida do futuro.
„ Mas que digo? Ouza alguem fazer-me frente?
„ A mim? Conquistador Omnipotente?
„ A mim? Que cultos tenho, tenho altares
„ Fumando o incenso? A mim? a quem milhares
„ Se prostão lá no Estix, que nada temo,
„ Que sou Nume do Cáos, hum Deus supremo? „
Os incolas do Ceo com taes sarchasmos
Estremecerão, e ficarão pasmos

Quando ouvirão hum Deus fora daquelle,
Do orbe Author, e quanto existe nelle.
Tal no valle se lê do Therebinto
Que hum Philistheo membrudo, armado o cinto
De bronzeas malhas contra o Ceo bradava:
Mas a furia brutal, que blasfemava
Do Jeovah, acabou no debil braço
De hum inerme pastor sem peito d'aço.
Recuzarão os Anjos o duello
Por faltar igualdade. Mas o zello,
Que a Michael inflama, não podendo
Mais moderar-se, que lhe está fervendo
Fello pular, e o colo da altiveza
Espezinha sanhudo. Tal presteza
Mostra açor se de hum vóo em terra tomba
E entre as garras empolga a incauta pomba.
O monstro suffocado, inutilmente
Revolve o resto do volume ingente.
Tal a cobra no colo se he calcada,
A cauda enrola, e desenrola irada.
Rabido arqueja, tumido assobia,
E em vão contra o Celeste o dente afia.
Não podendo escapar, com mil atrozes
Ardiz passa a inventar methamorphozes
Agora em fogo, agora em agoa fria
Agora em lodo vil se convertia.
Humas vezes o corpo dividindo
Em particulas mil, está fingindo
O mineral voluvel prateado,
No solo derretido, ou boleado.
Outras em pó, fumaças, e granizo
Volvia-se o maldito d'improvizo;
Mas o Celeste Campião com pezo
Debaixo de seus pez sostinha-o prezo.
„ Insolente, lhe diz, porque te alçaste
„ Contra o Senhor, e resistir-lhe ousaste!

„ Vazo de orgulho, se do Artista houveste
„ Tudo o que tens, e delle recebeste
„ O ser, porque intumeces attrevido,
„ Como se nada houveras recebido?
„ Quem como Deus, que sopra, e n'hum momento
„ Se apaga o Sol, se enluta o firmamento,
„ E volta o antigo Cáos? Quem como Deus?
„ Que espreita o Orco, que previne os teus
„ Embustes, e projectos sempre impuros,
„ Sejão prezentes, sejão só futuros?
„ Quem como Deus? que aos olhos escondido,
„ Não visto em tudo, em tudo he conhecido? „
Em quanto assim dizia, o monstro irado
He de golpes horriveis tão malhado,
Como em ferros malharão sujos Brontes
Outrora em Lypari, atroando os montes.
Neste extremo fatal o Rei das furias
Só blasfemias soltava, e só injurias.
Assanhou-se o tumulto, redobrados
Feros golpes tinirão: os malvados
Forão dos Celites tão perseguidos
Que em lugar de bater forão batidos.
Excita o odio, a raiva não descança
De fileira em fileira a atroz vingança.
Vião-se os Anjos com os brazeados
Moradores do fogo misturados.
Anjos, Demonios, tudo juntamente
Em tumulto, em montão, em sanha ardente.
Alguns se alevantavão mais terriveis
Da derrota mortal: quaes invenciveis
Antheus membrudos, que cahindo em terra,
Fazem a Alcides mais cruenta guerra.
Outros perdendo no conflicto braços
Cabeças, pernas, mãos, a poucos passos
Cobrão tudo outra vez: e endurecidos
Parecem ser de novo renascidos.

Assim dos dentes do dragão ja morto
Vio Cadmo renascer, oh raro aborto!
Dura cohorte de noveis soldados,
Ferozes, aguerridos, e ja armados.
Baquea sobre os montes da soberba
Trisulca chamma com saraiva acerba.
E em tanta quantidade baqueava,
Que da saraiva o numero igualava.
Muitos tinhão a cara chamuscada
Do fogo dos fuzis; carapinhada
Da mesma chamma a coma: vera copia
Dos indigenas brutos da Ethiopia.
Na confuzão hum monstro la nos ares
Estoirou; eu não sei por que dezares;
Só sei que foi esta explozão tão fera
Que o mundo estremeceu, nutou a esfera.
Por muito tempo esteve enfumaçado
O ar, como de enxofre ali queimado.
    Blazonava hum maldito de impudente
Ter ao Orco arrastado copia ingente
De almas por sugestões, quando tremendo
Raio arrojou-lhe hum Celite, dizendo:
„ Se a tantos tens no Averno sepultado,
„ Eis o premio, sê la tambem lançado: „
Dispara, e fere, e o perfido ferido
Nas voragens do Estyx foi submergido.
Outro, que veio despicar o amigo,
Teve igual paga. Mas hum inimigo
Que era hum demo brutal, de talhe enorme,
De quem o capacete era hum informe
Tigre de olhos em fogo, e de aguçadas
Prezas, de dessengrar nunca abastadas:
Monstro que ao mesmo Cáos cauzava medo
Achou, onde não sei, grosso rochedo;
E depois de improperios insultantes
Vomitar contra o Ceo, com as mãos possantes

Ambas nos Anjos deita, mas sem damno:
Que em vão contra o Senhor lucta o Sumano.
Todavia, com doze destes creio
Que o combate seria inda mais feio.
Tal na Trinacria o grão pastor gigante
Monoculos fazia, quando avante
Do Peloro penedos arrojava
No Ithaco baixel, que lhe escapava.
A rocha foi cahir la no gelado
Mar austral, junto ao cabo de Horn achado.
As Ilhas augmentando, cujos cumes
Sempre algidos de neve arrojão lumes.

Foi quando Gabriel, que se interpreta
Fortaleza de hum Deus; Divino Athleta,
Que só pezava hum esquadrão inteiro
Desempenhou seu nome. Este guerreiro,
Por trez vezes o dardo sopezando
Bradou em ira accezo: „ La vos mando,
„ Amigos acceitai este prezente:
„ He do Empyreo, vos vem do Omnipotente. „
Disse, arremessa, e tendo arremessado,
Hum milhão de infernaes foi derrotado.
Se he paradoxo o conto, que da terra
Hum dos bravos Terrigenas, na guerra
Contra os deozes, de hum golpe disparava
Cem frexas por cem maons; a sanha brava
Do Paranymfo aqui contra o Sumano,
Foi sem fabula ser, d'hum Centimano.

Se a bixa, cujos pez bronze calçava,
Tyrinthio immola; se da sua aljava
A setta o monstro traspassou, que espanto
Derramara no bosque de Erimanto;
Se a hydra virulenta, que a emboscada
Houve no lago Lerneo, e esquamea, e armada
De cem cristas medonhas, serpe incrivel,
Não afroxou seu arco irresistivel;

Se Antheu aborto, que abortara a terra,
Tocando a mãi, tornava-se na guerra
Contra o heroe mais audaz, e alevantado
Expirou-lhe entre os braços esmagado;
Não fez Alcides mais, que este guerreiro,
Inda que Alcides fora verdadeiro.
Muitos cabos do Empyreo se illustrarão
Nesta acção com valor: elles contarão,
Que hum dos collegas seus de encantadora
Face, ditto dos mais o Anjo da aurora,
Com flamigera espada tanto estrago
Causou nas hostes, que no Aonio lago
Vates, que bebem do licor ardente,
Deverão celebrallo eternamente.
Pode bem ser que fosse, o que o Juizo
Do Eterno poz de guarda ao Paraizo:
Des que nelle o sacrilego attentado
Fez o credulo Par recem-creado.
De huma virgem porém escudo, e guia,
Que pelo Ceo viadora inda gemia
Hum outro; que entre os seus não tinha fama
Por estes claros feitos que ella acclama,
Foi hum raio esta vez; e por taes modos
Destinguio-se que encheu de assombro a todos.
Foi o filho de Nave celebrado
Por talhar Canaan; foi invejado
O rival de Saul, quando immolava
Dez mil, e o Rei somente mil cortava.
Levi tambem o foi, que só co' archeiro,
De Sichem desolara o povo inteiro.
Mas nem estes, nem outros por espanto,
Nem mesmo os Machabeos fizerão tanto,
Mas o velho voraz, que os filhos come,
Não nos quiz conservar, oh dor! seu nome.
Tambem da tropa imiga hum monstro entre elles,
Chamado Leviathan; bem como aquelles,

Que os mares glaciaes dos polos crião,
Vendo que os seus aos golpes succumbião;
Dos Anjos elle só co'a mole ingente
Julgou-os vingar, julgou inutilmente.
E tu, a quem o Syro culto, e altares
Consagrou por proezas não vulgares;
Tu manchaste, Astharoth, tua memoria,
Pois fugindo da acção, fugiste á gloria.
Mas foi só nesta vez, que o gelo, e o susto
Domou teu coração feroz, e adusto.
Largo espaço indeciza esteve a luta,
Tanto das furias foi a sanha bruta!
Mas hum genio feliz tendo a lembrança
De baixár sobre a terra, e sem tardança
Trazendo hum resto sacro soberano
Do trofeo destructor do jugo humano,
Aprezentou, e mal que o aprezenta,
Todo Estyx se debanda, e se affugenta.
Ja vão deixando o campo, e com rugidos
Fogem desbaratados, e vencidos.
Em fim restou a fâma da Victoria
Pelas milicias inclitas da gloria.
Dos ignicolas huns sendo apanhados,
Ao alto Egypto forão relegados.
Outros ardendo se precipitarão
Nos lagos, e nos rios que seccarão.
Alguns derão no mar com choque horrivel,
E o damno, que cauzarão, não he crivel.
Pois foi tal o calor, que converterão
Em cinzas as producções, que ali se gerão.
Qual fervura, que faz o ferro em braza,
Seguro do tenax na escura caza
Do sordido ferreiro, que o mergulha
Na agua para esfriar, tal era a bulha
Dos impios no oceano: e assim fervia
Tartarea chusma, que no mar cahia.

Do alto em giros vem, e bate hum bruto
Sobre o Athos, então de coma hirsuto;
Que o verdor dessecou, e conbustivel
Tanto o fez, que ardeo seclos, cazo incrivel!
Nunca explozão se vio, nem tal fracasso
No monte de Parthénope ameaço,
Quando lavas de fogo arroja a boca,
Que a terra escalda, e torres mil soffoca.
Ja mais pedras tão grossas dardejara
De accezo enchofre, quando sepultara
Enselado em seu seio o Mongibello,
Que vio Pachino, e estremeceo de vello.
Nem tu, Vulcaneo Chimborazo, atêas
Tão fataes erupções, quando incendeas
Dos Andes os cabeços empinados,
Triste herança dos Incas malfadados!
Convulsa esteve a massa da montanha
Longo espaço, tremeo toda a campanha,
Tremerão os vizinhos arredores
E chegarão the Lemnos os tremores.
He este o monte celebre, que ouzara
Propor ao Macedonio mente rara,
Para o atalhar em collossal figura
Maravilha do engenho. Esta escultura.
Da dextra pegaria huma Cidade
De nobres edificos, oh vaidade!
Da esquerda hum copo enorme, onde estarião
As aguas, que do monte ali corrião.
Se accazo assombro foi varar hum grosso
Pinho infunado as bazes do Collosso,
Que a fama inda apregoa em toda parte,
Hum dos sete trofeos do engenho, e arte;
Que seria a Cidade, e esta figura?
Mas isto, ou era brinco, ou foi loucura.
Huma furia porém, da cavalgada
Que sahio mais que todas maltratada,

Com horrivel fracasso, e mechanismo
Cahio junto ao chadrez do escuro abismo.
E vendo-o neste estado o grão porteiro
Do Averno, que era amigo, em tom fagueiro,
Por lhe adoçar a affronta, eis que dizia =
„ O' bravo Beelfegor, ó alegria
„ Dos povos de Moab, e desta Corte,
„ Ah! não arguas, não a tua sorte;
„ Nem te pene o dezar deste successo,
„ Que feito vil não foi, antes de preço.
„ Que emulação excita esta aventura,
„ No que estima o valor, préza a bravura?
„ Ah! victima não foras do insolente,
„ Se foras no valor menos valente.
„ Como heroe immortal eternizaste
„ De teu Despota o nome: sustentaste
„ Teu decoro; dos teus jamais trahiste,
„ Não foi logo por laxo, que cahiste;
„ E ser cahido assim não he victoria,
„ Que longe de rubor, cauza antes gloria?
„ Esse infame agressor, esse homicida
„ Ai! que ultrajou teu nome; pela vida
„ Minha juro, e meu cargo, (isto dizendo,
„ Enorme chave ergueo de hum pezo horrendo)
„ Juro, e torno a jurar, que sem tardança
„ Meu ferro provará, minha vingança,
„ E que as lividas manchas, que em ti vejo,
„ Lavarei no seu sangue, e com sobejo. „
Assim rosnava aos membros extendidos
Do triste, que roncava sem sentidos.
Com effeito era digno este malvado
De lastima, se hum Demo he lastimado:
Deitava sangue negro a borbotões
Pela bocca, e narizes: os polmões
Mal arquejavão; tinha deslocado
Hum braço; o enorme corpo amortizado;

Em fracturas o dorso, e no fendido
Craneo se via o cerebro aluido.
Qual no curro espaçoso, e rodeado
De espectadores mil, o toiro irado,
Depois de crebros golpes, e feridas,
E de farpas de ferro ao coiro unidas
Para fóra he tirado; e o triste exangue
Não tarda a expirar; tal no seu sangue
Emvolto, e inda pior era o inimigo,
Que no infernal chadrez foi dar comsigo.
Vio a Fhenix da graça a furia tanta
Do horrisono Cáos, e meiga, e Santa,
Vendo os perigos, que o mundano corre;
Movida de piedade, assim discorre. =
„ Se contra mim feliz, e da ventura
„ Ja no seio tranquilla, ha tal bravura;
„ De maneira que á Voz do mesmo Eterno
„ Ouza recalcitrar o infame Averno;
„ Quaes serão destas Hydras os rancores,
„ Contra os fracos mortaes inda viadores?
„ Que enredos ordiráõ? Que cavilozos
„ Tropeços, porque caião desditozos?
„ Quem poderá salvar-se dos perigos,
„ Trahidos de tão feros inimigos?
„ Como em seu throno estar pode a virtude
„ A' lucta exposta, tão prolixa, e rude?
„ Não ha de ser assim: Escudo eterno
„ Dos mortaes eu vou ser: de affecto interno
„ Sou Mãi do peccador, e não me pêza
„ De ser: (dice co'a face em chamma acceza)
„ Deste cargo Jezus me decorava
„ Quando da inveja o ferro o immolava.
„ Foi misterio esta voz, e qual preceito
„ Altamente arreigou-se no meu peito
„ Ella vai ser no Empyreo minha gloria,
„ Como ja foi na rota transitoria.

„ Verá dos Seclos a longeva idade
„ Se soube, ou não encher a dignidade.
„ Venhão pois ter comigo os assustados,
„ Nos mais cenozos charcos atufados.
„ Venhão sem hesitar, não desesperem
„ Sou seu recurso, sou: em mim esperem.
„ Tentem primeiro, e de tentar não deixem,
„ E se eu faltar, consinto que se queixem.
„ Protesto, que dos tristes os gemidos
„ Serão por meus disvellos recolhidos,
„ E aprezentados ante o Eterno Lume,
„ Em pyras d'oiro fino, qual perfume;
„ Pois tudo emfim acabarei com elle,
„ Huma vez que ja o Filho alcancei delle. „
Dice, e jurou. E o Sacro ajuntamento
Dos Anjos invejou o juramento.
Desfeita a liga em fim do Averno escuro,
Ja os Anjos respirão ar mais puro
Os successos passados discutião,
E os prestigios do orgulho, qne podião
Transformar em terrificas figuras,
Anjos de origem, nobres creaturas.
„ Tal he, hum accrescenta, o triste, e feio
„ Fructo da vil soberba. Foi no seio
„ Das esferas do Ceo, que o berço teve,
„ De la brotou raíz crestando breve
„ Os incolas noveis do Paraizo.
„ Antes disto a candura, e o doce rizo
, Era a mortal partilha; erão ditozos,
„ Da justiça, e da paz filhos mimozos
„ Colhendo os fructos da mimoza idade,
„ Em que puro era amor, liza amizade.
„ Dias do Ceo, idade tão florida,
„ Pelo seculo d'oiro conhecida.
„ Em que o homem da fome, e dependencias
„ Não via o rosto, nem as consequencias.

„ Quando a terra sem relhas, nem culturas,
„ Dava regalos, dava mil doçuras.
„ Contente cada hum com sua sorte,
„ Ignorando as paixões, sem susto a morte.
„ Então inda a bigorna não gemia
„ Debaixo do martello, que tinia,
„ Forjando a espada, que na dura guerra
„ Devora os homens, despovoa a terra.
„ A discordia civil, a fraude, a intriga,
„ E a má fé, que a desordens mil obriga,
„ E que ora abortão seculos de ferro
„ Inda bramião no seu vil desterro.
„ Era tudo commum: não se sabia
„ O pezo da medida, o que valia.
„ Nem a effigie do Rei no cunho impresso,
„ Mostrava estimação, nem o seu preço.
„ Desconhecida a imparcial balança,
„ Que tira aos tractos a desconfiança;
„ Mas depois que do orgulho o atro veneno
„ O gangrenou, te li puro, e sereno
„ De males mil cobrio-se a natureza
„ De que brinco elle foi, e foi a preza.
„ Então nada bastou, tudo foi pouco
„ Ao hydropico orgulho. O fausto louco
„ Inventa luxo, e precizões crescidas,
„ A que o vão pondonor não poem medidas.
„ Os grandevos pinheiros enramados,
„ Tão velhos como a mãi, que os mostra alçados,
„ Deixando de intrincar copa frondoza
„ Na aprazivel campanha, ou mata idoza;
„ Do agudo ferro o golpe exprimentarão,
„ E em veligeros páos se transformarão.
„ Taes se cantou, que em Tiberinas Lymphas
„ Voltarão-se os baixeis do Teucro em Nymphas
„ Ja la vão as náos impias profanando
„ O mar sagrado, nelle perpetrando,

„ Os sacrilegos crimes, e attentados,
„ Ja sobre a terra iniquia perpetrados.
„ E voltando dos terminos remotos,
„ Vendo estrangeiros-Ceos, climas ignotos,
„ Ao paíz paternal em fim chegarão
„ Co' as estranhas riquezas, que pejarão.
„ Tendo dado por troca, e recompensa
„ Novos uzos e Leis, a praga immensa
„ De contagios, e mortes infelizes
„ Desconhecidas pelos seus paizes:
„ E o que he mais a chorar, a crua guerra
„ As inermes nações dos fins da terra.
„ Os funestos reptis ja mais previão,
„ Que seus ninhos aos olhos se exporião.
„ Nem as feras tambem, que nas escuras
„ Brenhas dos bosques fossem mal seguras.
„ A panthera sanhuda, o urso horrivel
„ Não vio seu escondrijo innaccessivel.
„ Tudo o homem soberbo, ja deposta
„ A vergonha, e o decoro tenta, e arrosta,
„ Por ensacar sem termos o sublime
„ Preciozo metal, fonte do crime.
„ Oiro sacrilego, que em seu conceito
„ He o deos favorito do seu peito.
„ Julgando-se immortal zombou da morte:
„ Os rios vadeou, e afoito, e forte,
„ Não se temeo das escarpadas minas,
„ Que comsigo os sepultão nas ruinas.
„ Armou-se astuto laço ao innocente
„ Castor que estima as margens da torrente
„ Que habita em lares de salões dobrados,
„ Nos tractos, e no acceio sublimados.
„ E á rica Moscovita pelle fina
„ Nos gelos Boreaes da Zebelina.
„ Pesquizou-se com ancia o niveo dente
„ Da besta enorme no Ceilão frequente.

„ Não escapou no fundo da onda fera
„ O fino aljofar, que a conconxinha gera.
„ Nem singular thuriferante massa,
„ Que os fumos Nabatheos em cheiro passa.
„ Nem o murice Tyrio, que orna, e tinge
„ E que pinturas mil brincando finge
„ Na opa da Cezarea magestade;
„ Não ha segredo em fim para a vaidade.
„ Então não coube em si mais a soberba:
„ Novas prosapias tece altiva, e acerba:
„ E sendo o sangue hum só, teve a finura
„ De crear outro sangue, outra natura. „

FIM DO SETIMO CANTO.

ASSUMPÇÃO.

CANTO VIII.

ARGUMENTO.

Vai a Comitiva Angelica vendo as diversas Constellações Celestes. Ao passar pelo signo de Astrea, se lhes antolha de improvizo huma figura, que tece hum elogio sobre a pureza Virginal; confessando, que nas Esferas Celestes ella era o signal da futura Virgindade da Senhora. Entre tanto desce Christo a receber sua illustre Mãi. Le-se hum Decreto, que a condecora: Descobre-se finalmente a Cidade de Deus: Descripção de seus Muros.

ENTRE tanto os do Olimpo ja o formozo
Ceo de cristal pizavão. No radiozo
Espaço e vasto seio estão rolando
Grossos golfos de luz; bem como quando
Pelas resteas do sol em sala escura
Brilhão átomos varios em figura.
Quasi huns se ajuntão, outros quasi aberrão,
E nos orbes inhospitos se encerrão.
Giros traçando dentro d'outros giros
Alheios, como fazem crebros tiros

Dos seixinhos nas agoas estagnadas.
Se hum leve bafo as deixa socegadas.
Nunca se turbão, nunca em fim se chocão,
Cada hum pelos orbes, que lhe tocão.
Argumento fiel da força immensa
Para o filozofo, que humilde pensa!
Ceo das estrellas; onde se evapora
A mente humana, e o grão Motor adora.
De soes alvergue, immensos no luzeiro;
Ante os quaes nosso globo he tenue argueiro.
Nitidas perolas, que o manto escuro
Da noite desabroxa no Ceo puro.
Onde não raia Eóó; e se conclue,
Que a luz he propria, e nelles nada influe.
Mares de fogo, que de tanta altura
Tremulos vibrão fulgida pintura.
Psalterio, e notas, onde de contino
Cantar deve o mortal o ser Divino.
Deixa o genio sublime o patrio berço,
E errar affoito vai pelo universo;
Como intente ditar os seus talentos
De altas ideas, de altos pensamentos.
Peragra o mundo, exposto a mil fadigas;
Que tu, ó sapiencia, á mais obrigas.
Corre as Saturnias plagas, e os vaidozos
Campos da Ausonia; aonde os preciozos
Partos dos Lacios Fideas, e Timantes,
Licções nobres lhe off'recem, leis prestantes.
Absorto vê pedaços, ou thesoiros,
Que restão para inveja dos vindoiros.
Que as artes consagrarão ás virtudes,
Ou lizonja tambem á peitos rudes.
Lédo bebendo exemplos delicados
Em taes originaes, em taes traslados.
Peregrino ja vai pelas campinas,
Onde atrevidas massas, e ruinas

Sofregos olhos nutrem; e inda existem
Indomitos ao tempo, á que rezistem.
De Sesostris o carro onde puxarão
Mimozas mãons, que sceptros empunharão.
Vê depois os estragos de Palmira;
E vendo estragos taes, pasma, e suspira.
Alcaçares por terra da Princeza,
Digna de melhor sorte: Que a grandeza
Da Romulea fortuna vira altiva
Inhospita viver, morrer captiva.
Chama prodigios inclitos das artes
Os padrões, que encontrara em varias partes.
O colosso do Sol: nos ares pensos
Os jardins de Semirames immensos.
A pedra Sepulcral, funerea, honroza,
Que a femenil saudade ergueo choroza.
O fanal, com que luz, e alvo tranquillo
Ao naufrago baixel aponta o Nilo.
O delubro Efezino; os embaraços
Dedaleos, que houve Minos em seus paços.
Onde ao Semifero escapando, e á fome,
Que a flor juvenil Attica consome;
Vencedor de Meduza, sahes illezo
Pelas traças de amor, por ti ja accezo.
Tudo em fim o viajor pasma, e admira:
Mas o bello esquadrão, que nos Ceos gira,
Não: e se o olha, mira com vileza
Tão soberbos trofeos, tanta belleza.
Hia pois ja tocando a comitiva
Estes corpos flamigeros na altiva
Aurea cinta gentil; que mil figuras
Finge d'homens, e feras nas alturas.
Assim pensa a celeste astronomia;
Se he, que restos não são da idolatria.
De quicios d'oiro a roda, aqui fexada,
De Phebo tem a Ecliptica estrellada.

Marcando nas entradas, que fizera,
Estio, Outono, Inverno, e Primavera.
Vendo pois vão no vacuo prateado,
Os que brilhão no Arcthuro congelado:
Esses, que o Austro tem; e as partes, onde
Nasce o disco do Sol, e o Sol se esconde.
E os do meio, em que Delio mais dardeja,
E faz, que igual ao dia a noite seja.
Ó bidente do pello preciozo,
Que com a Irmãa de Frixo o procellozo
Golfo nada, e a puella naufragando
Co' a morte, áquelle mar nome foi dando;
Foi visto dos Celicolas, cravado
No oitavo Ceo; de estrellas doze orlado.
Se só por este feito a bruta fera
O erro collocou na azul esfera;
Christiados fieis, que radiantes
La sereis, sendo os vossos tão prestantes?
Dizem, que esse farol, que no Ceo gira,
Neste Signo do Archetypo sahira.
O Toiro serpeado de grinaldas,
Não ja de rozas, mas das esmeraldas
Astriferas, ali tambem brilhava
Garbozo, como quando carregava
Pelas cerulear ondas do Oceano
A prole de Agenor: ah deshumano!
A incauta dama deixa em praia alheia,
Q' altiva do seu nome hoje se arreia.
Deste exemplo fatal, tão decantado,
Com vizos de verdade, ou só sonhado,
A donzella se escude; e sempre astuta
Racêe, lhe da insonte fera bruta.
Vos tambem rutilaveis, o' brilhantes
Tyndarides, Luzeiros nunca errantes,
Que os gemeos dezenhaes; lucido signo,
Ao flebil navegante astro benigno.

Dous infantinhos são, tenros, formozos,
Que se abração amigos, e amorozos.
Prole de Jove, em Cisne transformado,
Quando por Leda andou louco, e abrazado.
Fazendo igual entre ambos a divina
Partilha; por fugir á Libitina.
Quando Jovens, voarão denodados
A roubar a lan d'oiro, acompanhados
Do Cytharedo Orfeo; dos Minyas: nautas,
Que a fama inda publica os Argonautas,
São desoito os brilhantes luminares,
Que este ceo formozeão: nos seus láres
Entra o Apollineo faxo, e accezo raia
No mez dicado á Dea, linda Maia.
Rutilo o Cancro vem, de estrellas cheio;
Retrogrado na volta em seu rodeio.
Desta méta Flegon o raio envia,
Quasi sem força, ao Ceo da Ursa fria.
O testaceo lhe abraza ardor sobejo,
Ja quando o agricultor do ameno Tejo
Recolhe a nova pera: testemunho,
Que chega o São João no mez de Junho,
He tambem neste Signo prazenteiro,
Que o colono do campo Brazileiro
Começa a doce ceifa; e lédo corta
A loira canna, que, se passa, a borta.
Ja se expurgão os pastos da erva estranha,
Que o gramineo verdor cresta. Campanha
Onde tem de pascer o boi tardio,
Izento do tabão, e quente Estio.
O boi do jugo á muito ja folgado,
E óra a novas fadigas parelhado.
Repara-se o edificio, ja se aceião
Os grossos vazos eneos, que mareão
Do fabrico passado com as fezes:
Ou tambem co' descanso de seis mezes.

Junto a eira da fabrica se acama
A grossa lenha, destinada á chamma.
E em vizinho depozito descança
Do camponez em molhos a esperança.
Ja os ferreos cylindros de herva e flores
Se enramão: e se implora ao Ceo favores.
Trabalha a mole em fim: girão as rodas,
Gemem com grão fragor as peças todas:
Cahe com ruido a agoa, que se encana:
Voltea o rolo, estala a doce cana:
Ferve a gente, parece huma anarquia:
Mas toda esta moção cauza alegria.
Na grão fornalha ja se a flama agita,
Cuja boca do Averno á boca imita.
E nos vazos enormes borbulhando
Ferve o nectareo sumo, evaporando
Grato aroma subtil, e tão ingente,
Que perfuma dos campos o ambiente.
Corre o aureo licor, qual o thezoiro
Melifluo, que correu na idade d'oiro
Das colmeas na terra, e assucarado,
Ou em niveos pedaços coagulado,
He no rico dézer, festim altivo,
Em varias confeições grato incentivo.
Soão longe as agrestes cantilenas
Nas madrugadas mortas, e serenas.
Desta sorte a enganar co' a voz singella
De Tityro a Morfeo a Sentinella.
Reina em fim o prazer: reina a abundancia
Do saborozo mel por toda a estancia.
Mas ah! ó cego eu, que me desvio,
Cantando o meu paiz, do antigo fio.
Muza, perdoa á quem a Patria exalta.
Se he culpa, a culpa he leve, he leve a falta.
Dirige-me outra vez, poem-me na estrada,
Donde sahi, da empreza começada.

Outras estrellas hião devizando
Em grupos, e que os Ceos estão bordando,
Como flores. O Leo truculento,
Que na selva Nemea o corpulento
Alcides esmagara: huma victoria
Das douze, que sublimão sua gloria,
Tu tambem, ó Chiron, centauro illustre;
Da solar Zona d'oiro eterno lustre;
Foste ao longe nos Orbes descuberto
Da turma Angelical. De ti mui perto
O thuricremo altar ja mais falece
Entre a cabeça da hostia, e onde fenece
Do Escorpião a cauda: alto argumento
De teu culto ao Motor do ethereo assento.
Sim: não foi dos Nubigenas, que ouzarão
O sacrilego arrojo; e que emendarão
O Pelion, Ossa, e o Olimpo Soberano,
Contra o que lança os raios de Vulcano,
Antes por ser cultor piedozo, e justo
No Ceo tem aras, nas estrellas busto.
He fama, que gozou preeminencias
Nas artes de Minerva: as excellencias,
E salutar virtude conhecendo
Das hervinhas, que ao prado vão nascendo.
E os succos salutiferos, que achava,
Ao som da lira eburnea celebrava.
Feliz! que mereceo de ter por mestra
A bella Trivia, caçadora dextra.
Debaixo de seus olhos, e cuidados
Dous Indigetes forão educados.
Hum, que jurou sanguinolenta guerra
Aos monstros, expurgando toda a terra.
Ao Gerião triforme, Antheu terrivel,
Aos Centauros, á Cáco, monstro horrivel;
A' Hydra, ao Javali. Mas ai que o bravo
Tyrinthio heroe de Omfale vio-se escravo!

Porque tu, fero amor, tu tens sugeito
De cera hum coração, ou de aço hum peito.
E á quanto obrigas, ou quem vive izento
De teu furor, de teu poder violento?
Por ti arbitro do Olimpo o mesmo Jove
Em vez de raios, gotas d'oiro chove.
E seu solio de trevas, e inviolavel,
Não he dos tiros teos invulneravel,
A sordida cabana, o paço augusto,
Victimas são de teu grilhão injusto.
Por ti se vê no mundo hum grão segredo,
Duro de dicifrar-se; e he o enredo:
Que do femineo sexo o peito humano
He mil vezes escravo, he mil tirano.
Por ti se fexa da ventura a porta
Mais de huma vez; e prematura aborta
A esperança que o lar se prometera
D'hum joven na fortuna, a ver-lhe a esfera.
Por ti do ferro do assacino impuro
O pai, o espozo, o irmão não he seguro.
Tu, és fonte de estupros, e adulterios
Semente de discordias, e improperios.
Por teus encantos, ou antes fraqueza,
Foi Frígia desditoza em chamma acceza.
Pois quem desceo as sombras do profundo
A inquietar ali Dite iracundo?
Dos escarcéos do Borforo accazo
De Abydo o nadador fez algum cazo?
Dem a resposta com dizer sincero
Pyritóó, e Theseo, Leandro, e Ero.
O outro Achiles foi, raio de insania;
Que os muros poz por terra de Dardania.
Só tu podeste, só, mandar a morte
A Heitor; dos Teucros o broquel mais forte.
E huma vida a vingar sublime, e chára,
Outra sacrificaste, inda mais clara.

Eis que aos celestes olhos se aprezenta
O monstro singular, que reprezenta
O Semicapro peixe. Antigo Egypcio
Nesta forma voltou-se; quando o exicio
Vio, e pasmou, com que Tipheo da terra
Contra os numes tentava a bruta guerra.
Estupefacto Jove com a scena
De figura tão horrida; de pena
Tocado, como tu, ó Egypto, assellas;
O collocou no Ceo entre as estrellas.
Vinte são as que esmaltão a figura:
Duas no peito, seis tem a postura
Sobre o ventre: nos pes duas se contão:
Huma engasta o nariz: duas apontão
A cauda do animal: sete estão postas,
Pela parte do dorso, sobre as costas.
Tal, em ponto pequeno, d'oiro o artista
Da avidez femenil expõe á vista
Riscos em novidade extravagantes,
Cravejados de perlas, ou diamantes.

La rodava tambem entre as estrellas
O Joven mais gentil, que as deozas bellas,
Que, pela ave de Jove arrebatado,
Entre os signaes do Ceo foi numerado.
Imberbe, cujo rosto lizongeiro
Do Deus do raio obteve ser copeiro.
Aos immortaes em urnas d'oiro fino
Deita o grato licor, nectar divino.
E por emprego tal tão honorario,
Entre os astros he tido pelo Aquario.
Daqui não longe brilha o bruto alado,
Cuja pata feroz tendo rasgado
A penha; brota a fonte cristalina,
Que bebe o Vate; és tu, ó Cabalina.

Os peixes tambem virão, que aos gemidos
Da formoza Dione condoidos,

E da prole gentil, em si os tomando,
Do Eufrates os caudaes forão cortando.
Desta sorte a salvallos da ouzadia
Do gigante brutal, que os perseguia,
Virão Libra, o Escorpio, 'as tristes Hyadas
E ensifero Orion, e as sette Pleiadas;
As Pleiadas, que brilhão la na esfera
Sobre a fronte do toiro á primavera.
A Hydra, o Cisne, a Lyra, o altar sagrado,
Em que tinhão os deozes protestado
Rebater dos Terrigenas a guerra.
Finalmente se erguendo cá da terra
Os olhos; ás estrellas das alturas
A fabula deo nomes, e figuras;
Certo se infere; e a prova he concludente;
Que raiara o clarão á humana gente
Das artes; quando o Cáos da idolatria
Ja a terra de seu manto denegria.
Mas quando pela esfera atravessarão,
Que de Virgo os astronomos marcarão;
E he neste mez, que o Sol astro benigno
Sahindo do Leão abraza o Signo
De Astrea; aconteceo o encontro ledo,
Que não convem passar aqui em segredo.
E foi: que de improvizo huma figura
No ar se lhes antolha linda, e pura:
De aspeito virginal; e nesta idade,
Que dous lustros avança á puberdade.
Dentro de hum globo vinha transparente,
Diafano, e formozo; e assáz fulgente
Pelo luzeiro d'hum montão de estrellas,
Grossas, miudas; porém todas bellas.
De roupa cor de Ceo vinha trajada,
De pequenos Colibrios d'oiro orlada.
Cujo campo brincavão mil primores
De hum vistozo lavor de varias flores.

Tinha os olhos vendados: huma espada
De aço fino na dextra: equilibrada
Da esquerda de oiro puro huma balança:
Emblemas da Justiça, e da vingança.
E disse assim: „ O' inclita belleza,
„ O' prodigio da graça; vem, Princeza,
„ Vem tambem alegrar a pura esfera,
„ Que eu prezido, e que á muito ja te espera.
„ O' Virgem singular, Virgem primeira
„ De quantas vão brilhando na carreira
„ Dos évos: pois, se os fastos bem contemplo,
„ Jamais antes de ti se aponta exemplo.
„ He custozo, eu confesso, á humanidade
„ Conservar illibata a virgindade.
„ A virgindade, flor tão melindroza,
„ Que o menor bafo impuro a torna idoza.
„ Que perde a côr, e o cheiro tão mimozo,
„ Se he tocada de hum dedo criminozo.
„ Que não nasce entre o luxo, entre as vaidades
„ Das grandes Cortes, das fataes Cidades,
„ Ninives peccadoras denegridas,
„ Pentapoles nos lagos submergidas,
„ Com tudo tão angelica virtude
„ Mais que humana; e aos mortaes penoza, e rude,
„ No teu seio intrincou mimozo ninho
„ Da debil pluma do mais branco arminho.
„ Filha celestial, planta estrangeira
„ Na terra, ah! tua face lizongeira
„ Não roubes ao mortal: mostra teu berço,
„ Que te venha adorar todo Universo.
„ Sei, que innocente meio se concede,
„ Com que possa sedar-se a ardente sede.
„ Mas tu, ó Mãi do destructor da morte,
„ Com bronzeo coração, com peito forte
„ Nem succumbiste á força tão armada,
„ Nem usaste da graça tolerada.

„ Ouzando aventurar as regalias
„ De consaguinea ser do Alto Messias
„ Antes, do que manchar tua inteireza,
„ E as niveas assuscenas da pureza.
„ Mas esta nobre rama do Ceo vinda,
„ Que quanto mais exotica, mais linda;
„ Que d'outro solo desconhece o seio,
„ Como roubada do terreno alheio;
„ Este lirio, que langue, e murcha os brios
„ Pelas margens mortiferas dos rios
„ De Babilonia; nem fragrante impera
„ Nas fontes de Amathunta, ou de Cythera;
„ Esta flor, que detesta as assembleas,
„ E os gestos criminozos das choreas;
„ Que o leito d'ostro, que a baixella impura
„ Desseca seu humor, torra a frescura;
„ Cujo paiz natal, se bem acerto,
„ He o fundo da brenha, ou do dezerto;
„ No Judeo era, como infame carta,
„ Que da estirpe de hum Deus desherda, e aparta.
„ Tres luas pranteou de magoa pura
„ A linda Hebrea a barbara loucura
„ Do voto, que a degrada desse acceito
„ Doce nome de Mãi; que dá o direito
„ Natural; e a donzella assim corrida
„ Passou em luto, e pranto a triste vida.
„ Qual foi pois teu Liceo? A lei escripta?
„ Na Lei a Virgindade era proscripta.
„ Ah! foste de ti mesmo a linda aurora,
„ Das Virgens Luz, da virgindade auctora.
„ Mas onde me arrebatão meus ardores?
„ Em vão afino a voz, traço louvores:
„ Se a minha bocca languida te exalta,
„ Quanto mais digo, mais dizer me falta. „
Hia mais proseguindo o vulto; quando
Michael perguntou-lhe, a voz alçando:

„ Quem és tu? que me tem maravilhado
„ Esse gesto, e esse trage desuzado?
„ Como galgaste alturas tão distantes,
„ Inhospitas da terra aos habitantes?
„ Nunca ideei, pois era idéa insana,
„ Ver vestigios aqui de raça humana. „
„ Eu sou (lhe torna o espectro refulgente,
Como quem da pergunta era contente:)
„ Eu sou aquella virgem, tão sabida
„ Pelo nome de Astrea; cuja vida
„ Foi trofeo da justiça, hoje exulada:
„ Que inda sou das Camenas celebrada,
„ Se cantão com saudoza competencia
„ A idade d'oiro, os dias da innocencia.
„ Horrorizada em ver, quanto a impureza
„ Avilta a mente, e ultraja a natureza;
„ Fugí da terra: vendo-a assim manchada,
„ E do sangue dos Justos ensopada.
„ Por força pois occulta transferida
„ A esta esfera fui; e aqui retida,
„ Porque fosse meu nome alvo, e memoria
„ Da illustre Virgem, que hoje sobe a gloria.
„ Mil figuras contavão, e mil schemas
„ Suas bellas acções; só nos emblemas
„ Faltava á Virgindade hum monumento:
„ Eu fui: de longe data o documento:
„ E agora, que a missão vejo acabada,
„ Sou fabula, sou sombra, não sou nada. „
Dice: e subito aos olhos se esvaece;
E apenas se aniquilla, e disparece
Hum orvalho celeste, e rescendente
Borrifa toda a pompa de repente.
Se ja vistes no ár o cristalino
Globo vão dissipar-se; que o menino
Soprou do tubo; e rozeo, e prateado
Sereno sobe a esfera, e socegado;

Não de outra sorte a maquina brilhante,
E a figura sumio-se n'hum instante.
Os Anjos forão pasmos, no que virão:
E a Deus immensas graças dirigirão:
Pois dizião, que até de inanimadas
Bocas, verdades tira, e sublimadas.
Dissipado o fantasma apologista
Dos Lirios virginaes; eis que imprevista
Luz serena no Ceo rizonha brilha;
Qual nunca traz de Hyperionio a filha.
Era o sacro cortejo, ovante, honrozo
Do Assolador do crime, que briozo
Com rica pompa a receber baixava
A doce Mãi, que á gloria ja abordava.
No seio de huma nuvem refulgente
D'oiro, e carmim descia: tão ingente
Clarão a transbordar de Divindade;
Que divina tornava a humanidade.
Pizava d'oiro puro hum escabello
De alados Serafins, mui rico: e a vello,
Nunca vira das artes a destreza
Chefe d'obra melhor, igual belleza.
Marchavão a seus pes, fazendo corte,
Seus ministros fieis, o tempo, e a morte.
Que n'hum golpe de vista, ou inda em menos,
Cumprem de seu querer os seus accenos.
Era a fragancia, que se pressentia,
Certo do Altar do Eterno, pois vencia
Os aromas sabéos, e a fina massa,
Que cria o mar, e a Arabia em cheiro passa.
Vião-se aqui, e ali no ar dispersos
Grupos gentis de Celites diversos;
Alternando concertos de armonia,
Tal, que hum vivo de alegre morreria.
Nubeculas se vião multicores
Pelo Ceo, que feridas dos fulgores

Da prezença do Verbo, que ali passa;
Reflectem hum matiz de estranha graça.
Taes nos terrenos, ou nas bellas
Illuminações, bem como as estrellas,
Tintas mil em cristaes deita o artista,
Que faz ao longe hum ver de encanto á vista
Dez mil Santos dos gráos os mais sobidos,
Quaes nobres, e senhores, que os vestidos
A' móda dos astriferos trajavão;
A grave Corte celica formavão.
Na chusma festival se destinguião
Os Santos Patriarchas, que dizião
A' filha encomios mil, como em reclamo,
Avitos troncos de tão alto ramo.
Ali se via o casto, e nobre Espozo,
Mortal entre os mortaes o mais ditozo;
Na vara preza a candida açucena,
Do virginio candor seu claro emblema.
Via-se a Voz tambem, que abrio caminho
Ao Verbo no dezerto: o cordeirinho
Nos braços não falece: hostia bemdita,
Que o crime proscreveo da mãi proscripta.
O Sceptrigero Vate ao som cantava
D'arpa d'oiro; nem mais ja profetava:
„ Sobi, Senhor, ao lucido Repouzo
„ Vós, e o vosso depozito formozo:
„ Arca Santa, ditoza, sublimada
„ Por vossa mão bemdita, e preparada. „
Pintava ainda o Ceo por mais primores
Varios Iris pulcherrimos nas cores.
Affectando talvez nestes brilhantes
Vistozos arcos, arcos triunfantes:
Proprios para o triunfo, que convinha
A' Mãi do Rei dos Ceos, dos Ceos Rainha.
Ja mais se vio de pompa igual idéa,
Des que a terra germina, e o Sol clarêa.

Perdoe o bello, o casto Israelita,
Se crê, que esta asserção desacredita
A sua gloria: quando aliviado
Das algemas servio no carro alçado
Do despota do Nilo: o povo em grito
Ledo acclamando-o salvador do Egipto.
E tu, clara heroina, que soubeste
Salvar a patria; e interrita podeste
Truncar o collo do brutal Soldado,
Que arrazala no chão tinha jurado;
Tu não entraste com tamanha gloria
No patrio lar, depois da grão victoria.
Da linda Hebrea o pedagogo austero,
Se no nedio frizão do rei severo
Em triunfo he levado ao som da trompa;
Tambem da Virgem não dezenha a pompa.
Em fim se o esplendor, com que os poderes
Do mundo solemnizão seus prazeres
Podesseis confrontar com tal riqueza;
Dirieis, que erão sordida pobreza.
Hum Anjo juvenil de tenra idade
Era o porta-signal da liberdade:
Das ternuras de hum Deus troféo, e arcano,
Cruzado immenso do resgate humano.
Que mortal ser podera nesta vida
Interprete da voz, ja mais ouvida,
Com que os dois corações se entretiverão,
E mesmo no silencio se entenderão?
Que Angelica, e serena cortezia
Naquelle par Santissimo á porfia?
Que modo de saudar tão novo, e bello
Neste encontro de amor, neste duello?
Em Jezus, que mellifluas doçuras!
No seio de Maria, que ternuras!
Que grossas labaredas deitarião
Os dois volcões de amor, que se revião!

Erão, por me exprimir humanamente,
Hecla, e Vesuvio accezos frente a frente.
„ Em fim chegou (diria o generozo
Verbo do Eterno) o instante preciozo
„ De se rasgar a sombra, e o veo espesso,
„ Que eclipsava misterios de alto preço.
„ A tua vida, ó Mãi, ignota, e inculta,
„ De minha face no segredo occulta.
„ O sacrilego mundo, uzado á crimes,
„ Ja mais reconheceo teus dons sublimes.
„ Antes curvada ao pezo, e á dura lida
„ Da sorte mais choroza; aborrecida
„ De contino arrastaste a ferrea massa
„ De dias de amargura, e de desgraça.
„ Dias de descontar; que o pensamento
„ No vazo negro põe do esquecimento.
„ Nos teus pompozos dotes ignorada,
„ De tuas regalias degradada,
„ No abondono total, na displicencia
„ De teu destino occulto; na vehemencia
„ Da mais dura afflicção, da dor mais dura,
„ Sem explendor, sem nome, sem ventura.
„ Taes sacrificios devorou teu peito,
„ Por ver se me obrigavas deste geito;
„ Obrigaste-me: e agora exponho ao dia,
„ Quem és tu, qual teu merito, e valia.
„ Colhe o loiro immortal, a immarcessivel
„ Palma, que te plantara hum Deus sensivel.
„ Empunha o sceptro, cinge a croa ingente;
„ He hum Deus teu Filho, que te adorna a frente.
„ Ninguem desceo por elle á tal baixeza
„ Como tu, sobe agora a mór alteza.
„ Foste na terra a imagem da desgraça,
„ Sê no Ceo da ventura, que não passa.
„ Blazone o Empirio, saiba o mesmo Inferno,
„ Que és Princeza da Gloria, e Mãi do Eterno.

„ Celebre o teu cultor teu doce abrigo,
„ E inveje o teu lugar teu inimigo.
„ Lugar, que nem revezes, nem haveres
„ Jamais arrancaráõ de teus poderes.
„ A aurora eu fabriquei: equilibrados
„ Tenho em meu dedo os montes mais alçados,
„ As massas de valor, que elles sepultão,
„ Oiro, prata, e rubis, que tanto avultão
„ A' sofrega avidez do vão terreno;
„ Ao meu poder custarão só o aceno.
„ Eu decido dos Reis: dou paz ás gentes:
„ Aos arbitros inspiro Leis prudentes.
„ Eu mando ao mar, e o mar á meu mandado,
„ Faz navegar-se o arido alagado.
„ No mirrado verdor succos derramo:
„ Dezato a flor: sazono o fructo ao ramo.
„ Por mim coagula o raio, que nos rastros
„ Derroca a torre, que ameaça os astros.
„ Por mim germina a terra; do Ceo chove,
„ E sem o meu querer, nada se move.
„ Tu pois, se és minha Mãi, o que eu confesso:
„ Calcule o Orbe, se puder, teu preço.
„ Em fim por todo premio, ouve dizerte
„ Que sou Deus, e consinto obedecer-te, „
Oh misterio de amor! Oh infanda alteza!
Oh premio! Oh gráo da feminil fraqueza!
Outras caricias ferteis d'honra, e brilho
A' terna Mãi diria o terno Filho.
Doces vozes de hum Deus, dons ineffaveis,
Pela terrena voz inexplicaveis.
Se eu tivera huma boca, ou tal garganta
De tão forte vigor, de força tanta,
Que imitasse a explozão, que o duro Marte
Nos ferreos tubos faz do baluarte;
Ou se das grimpas retinisse ao longe,
Qual bronze enorme, que desperta o monge

Nas horas mortas de repouzo brando,
Por cantar, quem de tudo tem o mando;
Ou se troasse, como o grão ruido,
Que o raio faz, das nuvens expellido,
Pelas furnas das terras, e dos mares
Tremendo os montes, e atroando os ares,
Ou se rugisse, como as agoas rugem
Do Nilo, quando saltão, e remugem
Por fragas ingrimes com tal fracasso,
Que leguas ouvem de mui longo espaço;
Inda assim tal garganta, ou esta boca
Era debil, franzina, inepta, e rouca
Para exprimir os sons dulcissonantes,
Que alternarão no encontro os dous amantes.
Não mostra nem natura, nem artista
Exemplar, que dezenhe esta entrevista,
Duas náos, a salvar-se mutuamente,
Imagem são de estrepido afligente.
Duas aves, no prado em desafio,
He simil pueril, he exemplo frio.
As graças do monarcha, as mais fagueiras,
São idéas de hum pobre, e mui rasteiras.
Confesse pois a mente, que he misterio,
E adore, onde não chega seu Imperio.
Então hum Querubim, que o Averno assola,
O pergaminho d'oiro desenrola,
Onde escrevera do Eternal o dedo
Letras do amor de hum Deus, de hum Deus segredo.
Emmudeceo o Orbe: e attento ouvia
O Decreto do Ceo, que assim dizia. =
„ Apraz ao alto Pai da Eternidade;
„ E he tambem meu poder, minha vontade;
„ Que este germe de Adão, Ceo animado,
„ Que em seu virgineo seio humanizado
„ Transportou-me; e que impavida tragara,
„ A' largos sorvos, minha taça amara;

„ Reconhecida seja desde agora
„ Asilo dos mortaes, do Ceo Senhora.
„ Outro sim: que, do humano desvalido
„ Sendo eu Mediador pelo sobido
„ Preço da minha Cruz, e soffrimento;
„ Ella seja tambem por valimento.
„ Que no meu Reino o pé ninguem arrede
„ Sem ordem sua: e nem jamais se cede
„ Graça alguma, ella invita: que he primeira
„ Dos frutos de meu sangue dispenseira.
„ Assim tenha entendido o Orco horrivel:
„ Tudo o que sente, todo o insensivel:
„ Assim ordeno; esta he minha vontade;
„ Cumpra-se pois por toda eternidade. „

Saltarão de prazer o mar, e a terra,
Salta o vivente, que qualquer encerra.
Os anfioens alados gorgearão
Novas áreas, que as silvas alegrarão.
Os frondozos cylindros do perfume
Evaporarão, fóra do costume.
Formou-se em prata o mar, quêdo, e sereno;
Como costuma ser o campo ameno.
E sobre a flor das agoas cristalinas
Luzirão as cohortes argentinas.
Só o Averno remuge, e as suas furias
Blasfemando de dôr, soltão injurias.
Aplaudio a Celeste Gerarquia;
Bateo palmas o Empyreo; e parecia
Ufano receber nova realeza
Co' a prezença da nova alma Princeza.
Ella, que vio o angelico, e sereno
Rosto do Filho em regozijo pleno,
De heroica gratidão reconhecida,
Em Vezuvios de amor foi convertida.

Os Anjos, que de novo erão chegados,
Famintos de a mirar não saciados,

Todos juntos n'hum tempo a rodeavão,
E por vella, em montão se atropelavão.
Tal na manhãa de Agosto lizongeira,
Junto á copa da verde larangeira
Branquejada de flor, anda girando
Grosso enchame de abelhas, susurrando.
Ou das hortas demandão as falenas
O claro lar; e vão entre as serenas
Lucernas revoar, fugindo a escura
Noite, a gozar da luz formoza, e pura.
Hum porém, que impedido pela turba
Não a ve com vagar, pois tudo o turba,
Da massa etherea cristalina inventa
Novo cristal, que objectos reprezenta;
E neste espelho, só, bem a seu gosto,
Contempla o virginal celeste rosto.
„ Eis a Jeruzalem nova, escondida,
(Huns aos outros dizião) que vestida
„ De graças mil, de luz, de formozura,
„ Remonta, e vem da solidão escura:
„ O Sol, que lá do Archetypo sahindo,
„ Rio-se toda a natura, ao ver tão lindo;
„ O Sol, astro de influxos bemfeitores,
„ Que Oceano de Luz, e resplendores
„ Empresta aos outros astros claridade;
„ Nunca ostentou tão linda magestade.
„ Mas tambem esta rara formozura
„ Não he para aggravar; que he fera, e dura
„ Contra o Orco fatal, contra o inimigo,
„ A favor do infeliz, que implora abrigo.
„ Tal o aspecto do Ceo he rutilante
„ Com o seu esquadrão, por elle errante:
„ Mas as vezes torvado, ár feio encerra,
„ Que o vasto mar assusta, assusta a terra. „
Nunca os Orfeos do prado verdejante,
Abrindo a aurora as portas de diamante,

Festejarão com tantas cantillenas
O seu novo nascer: nem as serenas
Abobedas do altar, quando he chegado
O Pontifice augusto, circumdado
De gloria, e mil Levitas; rompe a orquestra
Tão varios sons da consonancia destra;
Como á Virgem louvores consagravão
Os Anjos, e a porfia os alternavão.
Mas hum, que atraz se tinha demorado,
Chegou em fim; da preça fatigado.
E foi da comitiva, o que em segredo
Eclipsou-se, e tramara o santo enredo
Da falsa Virgem, que na sua esfera
Aos jasmins do pudor encomios dera.
Assim festivo, e ledo fielmente
Depoz aos companheiros; e igualmente
Com prazer foi dos outros applaudido
Da idéa, que á ninguem tinha occorrido.
Entretanto hum Ceo novo ja se via
De hum ether mais subtil: já se sentia
Suavissima fragrancia, signal certo,
Que a Cidade de Deus estava perto.
Tal ao longe no mar pressente o cheiro
Da Taprobana o Luzo marinheiro,
Procedido da mata abastecida
De Caneleiras, por ali nascida.
Ja se vião os altos frontespicios,
Os aureos coruchеos dos edificios:
E as torres, que por longe inda erão finas,
Alcaçares de hum Deus, torres divinas.
Cada vez mais avultão, parecendo,
Que do seio dos Ceos vinhão nascendo.
Tal nos golfos immensos do Oceano
O Lenho, que foi visto altivo, e ufano
No Horizonte; á medida que vem vindo
Parece, que das ondas vai sahindo.

Vale-me agora, ó Muza, tu somente,
Tu só me tens valido até o prezente.
Que aquelles mesmos, que nos meus suores
Deverião ter parte, são peores.
Surdos se tem mostrado, e indifferentes
A' tão nobres vigilias. Vê que gentes,
Que estima pelas muzas, que alto brio
Produz do teu Janeiro o illustre rio.
Não tem em seu conceito preço a rima;
Pois quem ignora a arte, não a estima.
Se esta valer as filhas da memoria,
Não sei que jus terão á nossa gloria.
Mas vingo-me, que o fim deste projecto
He sómente cantar tão raro objecto.
Guia-me pois, e audaz, e venturozo
Faze, que eu corte mar tão procellozo.
Nós não temos da Grecia a liberdade,
Que sonhava a seu geito, e por vaidade
Os seus Elyzios; campos mentirozos,
Moradas de seus manes, ja ditozos.
A fé só quer,, e soffre, que cantemos
O que ella revellou, e nós o cremos.
Tu pois, que és o depozito ditozo
De sua voz, seu cofre preciozo,
Cossente agora abrirmo; por que temo
Que o meu baixel se alague neste extremo.
No Apocalypse adoro só espalhadas
Sombras terriveis, trevas mil Sagradas
Da Cidade de Deus as maravilhas
Narra pois; de que és parte, e tanto brilhas.
Não digão teus rivaes, que tu és mesquinha,
O que não soffrerei, nem te convinha.

Era esta Arquitectura construida
De pedra: pelo ferro assás pulida
Da mortificação; era quadrada,
Desde a origem do mundo começada.

Hum Anjo a mensurava de contino
Com longa debil cana d'oiro fino.
Do mesmo os muros são, que he a pureza
Dos justos. A Celeste Fortaleza
Mostrava doze portas preciozas,
Maravilhas do engenho, obras pasmozas.
Qual porta, que o Piropo compozera,
Que faúlhas flamantes reverbera.
Qual era da esmeralda rutilante,
Que de Anfitrite azul he similhante.
Qual da amethista, côr, que ao pensamento
Roxa a idea nos traz do sentimento.
Qual do berilo, que nas ondas desce
Do Phison, que da fonte se ennobrece.
Qual em fim d'outras massas cristalinas,
Nos preços grossas, e nas cores finas.
Douze bazes contem por fundamento
Dos bem aventurados o apozento.
Que os Apostolos são; e, por grão preço,
Mostrão de cada hum o nome impresso.
Os Justos são as pedras, que tecião
A Celeste estructura: ali se vião
Os doutores da Lei, Padres conscriptos,
Que aclararão a fé com seus escriptos.
Dispostos pelo muro em varias artes,
Formando torreões, formando partes.
Os quatro Evangelistas na fronteira
Traçando estão faxada lizongeira.
E bem mostrava ser a maravilha,
Risco de hum Deus, de suá idea filha.
N'hum lugar mais distincto, e sublimado
O humano Serafim se via alçado;
Sombra fiel do Redemptor Divino;
Singular joia, ornato peregrino:
Pois nos cinco rubins, que blazonava,
Em clarão outras pedras eclipsava.

La se via hum festão de refulgentes
Perlas, que erão os tenros, e innocentes
Meninos, que ao raiar o Eterno lume,
Immolara de hum déspota o ciume.
As molduras das portas são formadas
Das crianças, que morrem baptizadas.
Gemas finas, lindissimas pedrinhas,
Novo asterismo d'outras estrellinhas.
Tal na pedra anular o destro engenho,
Toda a magia a mostrar de seu empenho,
De aljofares encrava a cercadura,
Seu Chefe d'obra, e da arte a formozura.
Tambem formava ali distincto lustre
Dos piedozos Pontifices o illutre
Coro: os Bispos, que a grei edificarão,
E edificando os dias consumarão.
E os claros Patriarcas fundadores,
Que deixarão milhões de imitadores.
Aquellas heroinas, que attrevidas
Triunfarão do mundo, e as escolhidas
Virgens intactas, cujos membros castos
Pelo Espozo, das chammas forão pastos;
Lavravão, por tão arduo Sacrificio,
Primores mil no fulgido edificio.
Que direi eu dos Coros numerozos
Desses milhões de Athletas generozos?
Que zombavão do ferro dos tiranos
Por esforço, e triunfos mais que humanos?
Que estructura fazião? Que ornamento
Na Cidade do Santo, Eterno assento?
O Ceo puro, e sereno, cravejado
De seus cristaes rotantes, e banhado
Da diafana luz; mui fraca, e escura
Idéa póde dar desta pintura.
Outros Justos emfim de differentes
Gráos de boas obras eminentes,

Pelo vasto edificio se espalhando,
Columnas, arcos, frizos vão formando.
E qualquer rica pedra ali fazia,
Conforme o que requer a Simmetria.
Os vastos pavimentos da Cidade
Erão, por mais grandeza, e raridade,
D'oiro puro, e cristal chadrezes varios.
Que compunhão os Justos ordinarios,
E os poucos, que a morrer se converterão,
E na paz do Senhor em fim morrerão.
Tal era a perspectiva rica, e nobre,
Que por fora de longe ja descobre
A nova Hierosolima triunfante,
Do Cordeiro de Deus Espoza amante.
Que mais dita hia ter, que mais belleza
Com a Mãi de seu Deus, sua Princeza.
Pouco, e pouco estas couzas divizando
Vinha a pompa ditoza; ja abordando
As moradas Empyricas, e augustas,
Em que Deus embriaga as almas justas.
O resto, que por dentro está patente,
Sómente dizer póde, quem o sente.
Nem elles mesmos bem explicarião
A visão, com que eternos se glorião.
Ja vão entrando nos portaes luzidos,
Ja nos Paços de Deus são recebidos:
O carro, que brilhante a pouco viste,
Terminado o mister, ja não existe.
Não transponhas além, ó clara Muza,
Porque ainda o entrar se nos recuza.
Suspende a lira d'oiro, o eburneo plectro
Guarda tambem; por ora cesse o metro.
Em quanto a mim, Bemdita, se eu tivera
O oiro, que da terra o seio gera;
As massas, que em seu fundo cristalinas
O aváro escava de mil pedras finas;

E essas lagrimas puras, que odoroza
Nos bosques chora a Arabia venturoza;
Deste rico thezoiro ao Ceo alçara
Hum Fano em tua gloria; e ali queimara
Aquelles fragrantissimos perfumes,
Em aureas piras de inextinctos lumes.
Mas pois que o meu poder não chega á tanto,
Recolhe os votos, abençoa o canto
No metro intonso, no conceito obscuro,
Mas que tu sabes, que he sincero, e puro.
Nem sempre as arcas da riqueza abertas
O preço fazem das fieis offertas.
Olha, que engenhos andão tão sobidos
Com pueris objectos distrahidos.
Cantando assumptos de tão pouca monta,
Que affronta o metro, que a razão affronta.
Vê outros celebrando em toda a parte
Os estragos, que deixa o fero Marte:
Chamando heroes, chamando heroicidade,
O flagello, que assola a humanidade.
Outros co'a Muza altares levantando
Vão a lizonja infame: profanando
Com sacrilegos feios Sacrificios
Os dotes, que lhe derão Ceos propicios.
Mas em quanto estas aguias tão sublimes
Cantão desgraças, e celebrão crimes;
Em quanto prostituem seus louvores
A' infames paixões, a mil horrores;
Eu só procuro com meus versos rudes
Teus Triunfos cantar, tuas Virtudes.
He este meu brazão, minha alegria,
Nada mais me infatua a fantazia.
Oh! queiras tu, qne lá no eterno templo,
Com doce rima de não visto exemplo,
Por teu louvor eu trace, em estro ardente,
Grandiloqua Epopéa eternamente.

FIM DO OITAVO E ULTIMO CANTO.

ERRATAS.

Pag.	*Linh.*	*Erros.*	*Emmendas.*
5	27	immenso,	immenso
30	2	habito	halito
32	15	austral,	austral
—	23	Tal o guincho	Tal ao guincho
34	6	Nos putritos	Nos putridos
38	20	Tomai	Tornai
39	26	Heperionia	Hyperionia
42	2	mil gestos vem	mil gentes vem
47	11	notando	nutando
48	21	impregantes	impregnantes
59	6	n' outros sazões	n' outras sazões
64	29	que velho	que o velho
72	3	Ris-se	Ri-se
—	4	Ris-se	Ri-se
77	6	grinhalda	grinalda
—	30	ao Ceo	no Ceo
79	30	moraes	mortaes
80	5	ó Filha	cara Filha
83	26	das graças	nas graças
89	25	alsar	alçar
90	15	Auxuna	Auxuma
92	19	Monstros	Monstro
111	12	mora	morre
113	4	sonhos	sonho
—	6	os fantasmas	nos fantasmas
117	31	mortal	immortal
120	26	nstante	instante
128	10	rozas.	rozas,
130	7	curava	curvava
131	30	Etereas	Eternas
144	25	O Ligure	O' Ligure
148	22	membrubo	membrudo
149	6	seclhos	sec' los
150	23	trouce	troucera
151	20	ó Soteropele	ó Soteropole
153	25	aquelle	E aquelle
—	30	alóes	áloes
154	10	Tamandaay	Tamandatay
155	32	mereceu, aqui	mereceo aqui

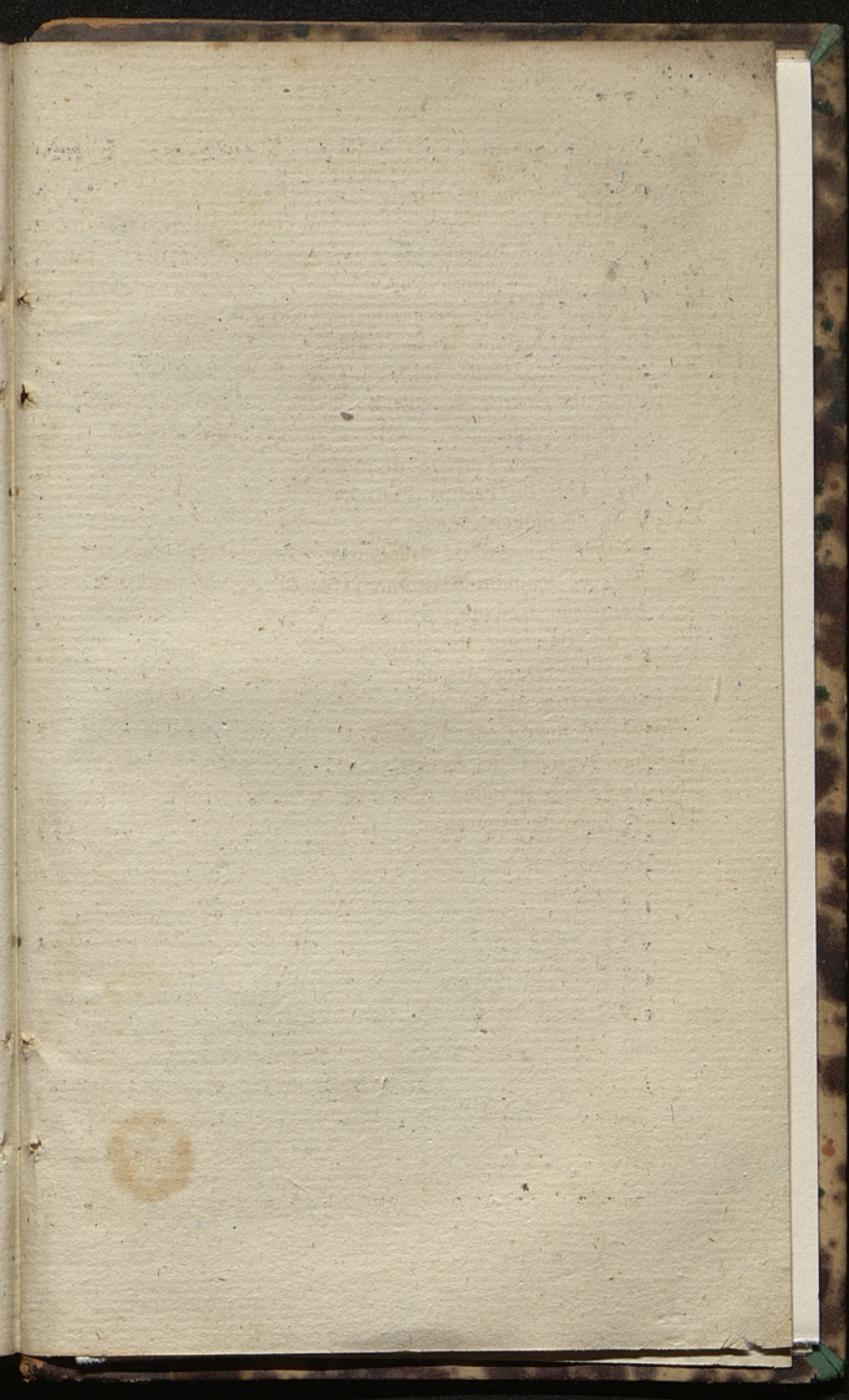
Pag.	*Linh.*	*Erros.*	*Emmendas.*
157	11	de amor, ao Ceo propicio	de amor ao Ceo propicio,
160	25	Não vergue	Não verge
161	4	de carrós	carretões
174	35	no ar tinir, de escudos,	no ar, tinir de escudos,
177	23	odio, a raiva	odio a raiva,
181	2	succumbião;	succumbião
—	3	Dos Anjos	Dos Anjos;
203	3	terrenos, ou	terrenos fogos, ou
204	4	servio	se vio
208	21	Formou-se	Tornou-se

LISTA DOS SENHORES SUBSCRITORES.

O Ex.mo e R.mo Bispo Capellão Mór.
O Ex.mo e R.mo Bispo Nomeado do Maranhão.
O Ex.mo e R.mo Bispo Nomeado de Marianna.
O Ex.mo e R.mo Bispo Nomeado do Pará.
O Ex.mo Tenente General Alexandre Eloy Portelli
Agostinho José.
Alexandre José Tavares.
Anacleto José Heitor
Antonio Alves de Araujo.
Antonio da Conceição Portugal.
Antonio José de Campos.
Antonio Justino de Brito e Lima.
Antonio Nascentes Pinto.
Antonio Pereira de Carvalho.
Bernardo Ramalho.
Caetano Luiz de Araujo.
Carlos Ferreira da Silva.
Carlos José da Silva Braga.
Custodio José da Silva.
Domingos Gonçalves de Azevedo.
Domingos José Ferreira.
Fernando José de Souza.
Florencio Alves de Macedo.
Francisco Alves da Cunha Castello Branco.
Francisco Bitancourt.
Francisco José Ramos.
Francisco Lopes de Souza Faria e Lemos.
Francisco de Sales.
Frei Custodio de Faria.
Fr. Francisco de S. Emerencianna.
Fr. Francisco de S. Gertrudes.

Fr. Henrique de S. Anna.
Fr. João Maximo do Prado Valim.
Fr. Joaquim de S. Jeronymo.
Fr. José Carlos de Jezus Maria Desterro.
Fr. José Joaquim de S. Anna Laboreiro.
Fr. José de S. Felicidade Lopes.
Fr. José de S. Francisco de Sales.
Fr. José de S. Michelina.
Fr. Luiz de S. Hilario.
Fr. Manuel de S. Izabel.
Fr. Mariano do Rozario.
Fr. Miguel do Carmo.
Fr. Tertuliano da Gloria.
Ignacio Pereira Baptista.
João Antonio Trindade.
João Bandeira de Gouvea.
João Carlos Correa e Lemos.
João de Mello Faião.
João Pereira Cardozo Araujo.
João Pereira de Lemos.
João da Silva Pinto.
João Silveira Caldeira.
João Vieira de Carvalho.
Joaquim Bandeira de Gouvea.
Joaquim Ferreira da Silva.
Joaquim Gonçalves Ledo.
Joaquim José da Fonseca.
Joaquim José Gandres.
Joaquim José Pereira dos Reis.
Joaquim José de Siqueira.
Joaquim Patricio.
Joaquim Theodoro da Roza.
José Alves Pereira Ribeiro Cirne.
José Antonio da Costa Almeida Guimarães.
José Antonio da Costa Guimarães.
José Antonio dos Santos Ameno.

José Antonio dos Santos.
José Azevedo dos Santos.
José Borges de Pinho.
José Joaquim de Gouvea.
José Maria de Araujo Lacerda.
José Maria da Costa.
José Mariano de Azeredo Coitinho.
José Pereira Homem.
José Ramos da Fonseca Junior.
José Rebello de Souza Pereira.
José Rodrigues Jardineiro.
Luiz Bandeira de Gouvea.
Luiz Garcez de Moraes.
Luiz José de Carvalho e Mello.
Luiz José Vianna Gurgel do Amaral.
Manoel Antonio de Carvalho.
Manoel Gonçalves Ramos.
Manoel Gonçalves Vianna.
Manoel José Duarte.
Manoel José de Oliveira.
Manoel Martins Bandeira.
Manoel Pinto Nogueira da Silva.
Manoel Silveira.
Manoel Teixeira da Costa Silva.
Manoel Theodoro da Silva.
Mariano José do Amaral.
Mariano José Martins.
Maximiano da Cunha Jardineiro.
Monsenhor Duarte Mendes de Sampaio.
Paulo Fernandes Vianna.
Reverendo Agostinho Marques de Gouvea.
Rev. Angelo de Proença Onhão.
Rev. Anonimo.
Rev. Antonio Joaquim Curvêlo.
Rev. Antonio Joaquim do Sacramento Guedes.
Rev. Antonio Luiz Penteado.

Rev. Antonio Marques de Sampaio.
Rev. Diogo Martins de Barros.
Rev. Geraldo Leite Bastos.
Rev. João José Rodrigues de Carvalho.
Rev. João Luiz de Souza Saião.
Rev. Joaquim Antonio Fernandes Saldanha.
Rev. Joaquim Arsenio Lopes Catão.
Rev. Joaquim de Mello Rodrigues.
Rev. Joaquim Soares de Oliveira.
Rev. Joaquim Valerio.
Rev. José Caetano Ferreira de Aguiar.
Rev. José Luiz de Freitas Pinto.
Rev. José de Siqueira Leite.
Rev. Manoel Ignacio de Mesquita.
Rev. Manoel Joaquim Rodrigues Dantas.
Rev. Pantaleão José da Costa.
Rev. Pedro Bandeira de Gouvea.
Rodrigo Dias Ferraz Aranha.
Salvador Correa de Sá.
Selidonio Malheiros da Fonseca.
Theodoro Ferreira de Aguiar.
Theodoro Pinto Brandão.
Thomaz Luiz de Gouvea.

Il y a un autre poëte brésilien, qui plus que -
celuici encore, a vécu dans la solitude, et qui
se sert d'images puisées dans la nature amér
icaine; C'est Bento de Figueiredo Tenreiro
Aranha. Il est né dans la Bourgade de -
Barcellos (province de Rio Negro) en 1769 et il
est mort au Pará en 1811. Son fils a fait faire une
édition des poesies qu'il a laissées sous le titre
de *Obras literarias*. Pará, 1850. F. Francisco de S.
Carlos, lui est bien supérieur par le talent.